



**FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO**  
**FACULDADE DE ENGENHARIA FLORESTAL**  
**Programa de Pós-Graduação em Ciências Florestais e Ambientais**

**AS PLANTAS, O POVO E A CULTURA NA**  
**COMUNIDADE PASSAGEM DA CONCEIÇÃO, VÁRZEA**  
**GRANDE, MATO GROSSO, BRASIL**

**GABRIELA DE ÁVILA FIEBIG**

**CUIABÁ - MT**

**2017**

**GABRIELA DE ÁVILA FIEBIG**

**AS PLANTAS, O POVO E A CULTURA NA  
COMUNIDADE PASSAGEM DA CONCEIÇÃO, VÁRZEA  
GRANDE, MATO GROSSO, BRASIL**

**Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Corette Pasa**

Dissertação apresentada à Faculdade de Engenharia Florestal da Universidade Federal de Mato Grosso, como parte das exigências do Curso de Pós-Graduação em Ciências Florestais e Ambientais para obtenção do título de mestre.

**CUIABÁ - MT  
2017**

### Dados Internacionais de Catalogação na Fonte.

F452p Fiebig, Gabriela de Ávila.  
As Plantas, o Povo e a Cultura na Comunidade  
Passagem da Conceição, Várzea Grande, Mato Grosso,  
Brasil / Gabriela de Ávila Fiebig. -- 2017  
xv, 139 f. : il. color. ; 30 cm.

Orientadora: Maria Corette Pasa.  
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Mato  
Grosso, Faculdade de Engenharia Florestal, Programa de  
Pós-Graduação em Ciências Florestais e Ambientais,  
Cuiabá, 2017.  
Inclui bibliografia.

1. Planta medicinal. 2. Saber local. 3. Comunidade  
ribeirinha. I. Título.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a)  
autor(a).

**Permitida a reprodução parcial ou total, desde que citada a fonte.**



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO  
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS FLORESTAIS E  
AMBIENTAIS

Avenida Fernando Corrêa da Costa, 2367 - Boa Esperança - Cep: 78060900 - CUIABÁ/MT  
Tel : 3615-8685/3615-8641 - Email : secpgcfa@ufmt.br

## FOLHA DE APROVAÇÃO

**TITULO : “As Plantas, o Povo e a Cultura na Comunidade Passagem da Conceição, Mato Grosso - Brasil”**

AUTOR: Gabriela de Ávila Fiebig

Dissertação defendida e aprovada em 10/03/2017

Composição da banca examinadora:

Presidente da Banca / Orientadora: Maria Corette Pasa  
Instituição: Universidade Federal de Mato Grosso

Examinador interno: Antônio de Arruda Tsukamoto Filho  
Instituição: Universidade Federal de Mato Grosso

Examinador externo: Carla Maria Abido Valentini  
Instituição: Instituto Federal de Mato Grosso





Acervo da autora.

“A Ciência e a Religião são as duas alavancas da inteligência humana: uma revela as leis do mundo material e a outra as do mundo moral. *Tendo, no entanto, essas leis o mesmo princípio, que é Deus, não podem contradizer-se.*” **O Evangelho Segundo o Espiritismo, Capítulo 1, Item 8.**

Ao meu filho Heitor,  
Mistério pequenino, brisa da vida,  
De quem os frutos são carinho e amor,  
Risos de criança, xodó da mamãe,  
Nuvem azul de um céu límpido de ardor.

Ao meu amado esposo Fernando,  
Perseverante e companheiro,  
Modelo de homem, meu jovem cavalheiro,  
Lua e sol, maçã garrida,  
Verdadeira árvore da vida.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço à Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Corette Pasa, pela confiança depositada e por ser a maior incentivadora na superação de meus limites. Minha orientadora e amiga, minha querida mestre.

À minha família, Fernando meu esposo e companheiro de todas as horas, e Heitor meu amado filho, pelo amor incondicional.

Aos meus pais Marisa e Pedro, pelo afeto, princípios e valores, generosamente ofertados, que trago sempre comigo.

À minha avó Elli, pelas palavras sábias, minha eterna fonte de inspiração.

Aos meus irmãos Amanda e Carlos, que mesmo distantes estão sempre presentes em minha vida.

Aos meus sogros Sueli e Nilson, e cunhada Nilze, que carinhosamente me acolheram como filha e irmã.

Às minhas tias queridas, Rejane, Margô e Silvana, pela ajuda e apoio em momentos difíceis.

À Universidade Federal de Mato Grosso e ao Programa de Pós- Graduação em Ciências Florestais e Ambientais (PPGCFA/UFMT) pelo auxílio e orientações neste estudo.

À CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Ministério da Educação), pela bolsa de incentivo à pesquisa.

Aos membros da Banca, Prof. Dr. Antonio de Arruda Tsukamoto Filho e Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Carla Maria Abido Valentini, pelas magníficas palavras de construção de minha pesquisa.

Aos técnicos do Herbário da Universidade Federal de Mato Grosso, Ivan e Antônio, pela valiosa colaboração com a identificação das espécies e confecção das exsicatas.

Aos informantes da Comunidade Passagem da Conceição, em especial Abnel, Iná, Josenil, Iracema e Luciano, pela calorosa acolhida e por toda sabedoria bondosamente ofertada.

Meu muito obrigada ao Senhor Nosso Deus, pela beleza incontestável da natureza, tão bela e virtuosa, uma joia rara preciosa.

## SUMÁRIO

	Página
RESUMO .....	xiv
ABSTRACT .....	xv
1. INTRODUÇÃO.....	1
1.1. OBJETIVOS .....	4
1.1.1. Objetivo Geral .....	4
1.1.2. Objetivos Específicos.....	4
2. REVISÃO DE LITERATURA.....	5
2.1. A SOCIOBIODIVERSIDADE BRASILEIRA.....	5
2.2. A ETNOBIOLOGIA .....	6
2.2.1. A Etnobotânica.....	8
2.3. AS UNIDADES DE PAISAGENS .....	11
2.3.1. Cerrado .....	11
2.3.2. Mata ripária.....	12
2.3.3. Quintais Agroflorestais .....	13
2.3.4. Roça.....	14
3. MATERIAL E MÉTODOS .....	16
3.1. CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO.....	16
3.1.1. Aspectos Físicos .....	16
3.2. SELEÇÃO DAS RESIDÊNCIAS .....	18
3.3. TÉCNICAS DE PESQUISA.....	19
3.3.1. Pré-Teste .....	19
3.3.2. Entrevistas Semiestruturadas e Abertas .....	20
3.3.3. Observação Direta .....	21
3.3.4. História de Vida.....	22
3.3.5. Turnê Guiada .....	22
3.4. REGISTRO DAS INFORMAÇÕES .....	23
3.4.1. Diário de Campo .....	23
3.4.2. Registro Fotográfico.....	23
3.5. COLETAS ETNOBOTÂNICAS .....	24
3.6. ANÁLISE DOS DADOS .....	25

4.	RESULTADOS E DISCUSSÃO .....	28
4.1.	PERFIL SOCIOECONÔMICO .....	28
4.2.	ASPECTOS HISTÓRICOS E SOCIAIS.....	36
4.2.1.	O povo e a cultura material .....	36
4.3.	ECONOMIA .....	42
4.4.	PERFIL CULTURAL E AMBIENTAL .....	43
4.4.1.	As Unidades de Paisagens .....	43
4.4.1.1.	Cerrado.....	43
4.4.1.2.	Mata ripária.....	44
4.4.1.3.	Quintais agroflorestais .....	46
4.4.1.4.	Roça .....	57
4.4.2.	A Etnobotânica.....	58
4.4.2.1.	Etnocategorias e consenso do uso das plantas.....	58
4.4.2.2.	As plantas medicinais .....	72
4.4.3.	Manejo e Conservação do Quintal e das Plantas .....	99
4.4.4.	Etnobiologia (Plantas e Animais) .....	104
4.4.5.	As Manifestações Culturais.....	108
4.4.5.1.	O vinagre de tamarindo ( <i>Tamarindus indica</i> L.).....	108
4.4.5.2.	A culinária local.....	112
4.4.5.3.	Gastronomia e cultura: As cabeças de boi .....	113
4.4.6.	Fé e Devoção.....	114
5.	CONCLUSÕES.....	121
6.	REFERÊNCIAS .....	122
	APÊNDICES .....	131
	APÊNDICE 1 .....	131
	APÊNDICE 2 .....	134
	APÊNDICE 3 .....	137
	APÊNDICE 4 .....	139

## LISTA DE TABELAS

Página

TABELA 1 – ESPÉCIES ARBÓREAS ÀS MARGENS DO RIO CUIABÁ NA PARTE CENTRAL DA COMUNIDADE. PASSAGEM DA CONCEIÇÃO, VÁRZEA GRANDE, MT, 2016. ....	45
TABELA 2 – NÚMERO DE CITAÇÕES (Fsp) POR ESPÉCIE DA CATEGORIA ALIMENTAR PRESENTES NOS QUINTAIS. PASSAGEM DA CONCEIÇÃO, VÁRZEA GRANDE-MT, 2016. ....	48
TABELA 3 – PLANTAS USADAS PELOS INFORMANTES E VALOR RELATIVO DE CONCORDÂNCIA QUANTO AOS USOS PRINCIPAIS. COMUNIDADE PASSAGEM DA CONCEIÇÃO, VÁRZEA GRANDE, MT, 2016. ....	60
TABELA 4 – PLANTAS MEDICINAIS CITADAS PELOS INFORMANTES E VALOR RELATIVO DE CONCORDÂNCIA QUANTO AOS USOS PRINCIPAIS. COMUNIDADE PASSAGEM DA CONCEIÇÃO, VÁRZEA GRANDE, MT, 2016. ....	78
TABELA 5 – REMÉDIOS CASEIROS COM MAIS DE UMA PLANTA. PASSAGEM DA CONCEIÇÃO, VÁRZEA GRANDE, MT, 2016. ....	94
TABELA 6 – LOCALIZAÇÃO DOS QUINTAIS NA COMUNIDADE DA PASSAGEM DA CONCEIÇÃO, VÁRZEA GRANDE, MT, 2016. ....	100

## LISTA DE FIGURAS

Página

FIGURA 1 – LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA DA ÁREA DE ESTUDO, NA COMUNIDADE PASSAGEM DA CONCEIÇÃO, VÁRZEA GRANDE, MT. FONTE: IBGE, 2016. ....	17
FIGURA 2 – CURVA DE SATURAÇÃO DEMONSTRANDO A SUFICIÊNCIA AMOSTRAL. ....	28
FIGURA 3 – IDADE DOS INFORMANTES. COMUNIDADE PASSAGEM DA CONCEIÇÃO, VÁRZEA GRANDE, MT, 2016.....	29
FIGURA 4 – ORIGEM DOS INFORMANTES. COMUNIDADE PASSAGEM DA CONCEIÇÃO, VÁRZEA GRANDE, MT, 2016.....	30
FIGURA 5 – ESTADO CIVIL DOS INFORMANTES. COMUNIDADE PASSAGEM DA CONCEIÇÃO, VÁRZEA GRANDE, MT, 2016.....	31
FIGURA 6 – NÍVEL DE ESCOLARIDADE DOS INFORMANTES DA COMUNIDADE PASSAGEM DA CONCEIÇÃO, VÁRZEA GRANDE, MT. 2106.....	32
FIGURA 7 – PROFISSÕES DOS INFORMANTES. COMUNIDADE PASSAGEM DA CONCEIÇÃO, VÁRZEA GRANDE, MT, 2016.....	34
FIGURA 8 – DISTRIBUIÇÃO DO NÚMERO DE INFORMANTES POR TEMPO DE MORADIA. COMUNIDADE PASSAGEM DA CONCEIÇÃO, VÁRZEA GRANDE, MT, 2016. ....	35
FIGURA 9 – IGREJA NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO. COMUNIDADE PASSAGEM DA CONCEIÇÃO, VÁRZEA GRANDE, MT. FONTE: ACERVO DA AUTORA. 2016.....	37
FIGURA 10 – VISTA PARCIAL DA MARGEM DIREITA DO RIO CUIABÁ. PASSAGEM DA CONCEIÇÃO, VÁRZEA GRANDE, MT. FONTE: ACERVO DA AUTORA. 2016.....	38
FIGURA 11 - CASA DE MEMÓRIA EDITH DA SILVA FONTES – DONA SINHARINHA. PASSAGEM DA CONCEIÇÃO, VÁRZEA GRANDE, MT. FONTE: ACERVO DA AUTORA. 2016.....	39
FIGURA 12 – ACERVO DA CASA DE MEMÓRIA EDITH DA SILVA FONTES – DONA SINHARINHA.PASSAGEM DA CONCEIÇÃO, VÁRZEA GRANDE, MT. FONTE: ACERVO DA AUTORA. 2016. ....	40
FIGURA 13 – ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO BÁSICO DR. JOÃO PONCE DE ARRUDA. PASSAGEM DA CONCEIÇÃO, VÁRZEA GRANDE, MT. FONTE: ACERVO DA AUTORA. 2016.....	41

FIGURA 15 – VISTA PARCIAL DOS BARES E DO RESTAURANTE ÀS MARGENS DO RIO CUIABÁ. PASSAGEM DA CONCEIÇÃO, VÁRZEA GRANDE, MT, 2016. ....	46
FIGURA 16 – A: CANTEIRO DE MANDIOCA. B: CANTEIRO DE CANA-DE-AÇUCAR. PASSAGEM DA CONCEIÇÃO, VÁRZEA GRANDE, MT. FONTE: ACERVO DA AUTORA. 2016.....	51
FIGURA 17 – HORTAS. A - EM UMA RESIDÊNCIA; B – NA E.M.E.M. DR. PONCE DE ARRUDA. PASSAGEM DA CONCEIÇÃO, VÁRZEA GRANDE, MT. FONTE: ACERVO DA AUTORA. 2016.....	52
FIGURA 18 – USO DE UTENSÍLIOS COMO FORMA DE CANTEIROS. PASSAGEM DA CONCEIÇÃO, VÁRZEA GRANDE, MT. FONTE: ACERVO DA AUTORA. 2016.....	53
FIGURA 19 – CRIAÇÃO DE GALINHAS NO QUINTAL. PASSAGEM DA CONCEIÇÃO, VÁRZEA GRANDE, MT. FONTE: ACERVO DA AUTORA. 2016.....	54
FIGURA 20 – QUANTIDADE DE ANIMAIS PRESENTES NOS QUINTAIS DA PASSAGEM DA CONCEIÇÃO, VÁRZEA GRANDE, MT, 2016.....	56
FIGURA 21 – VISTA PARCIAL DE UMA ROÇA COM CULTIVO DIVERSIFICADO. PASSAGEM DA CONCEIÇÃO, VÁRZEA GRANDE, MT. FONTE: ACERVO DA AUTORA. 2016.....	57
FIGURA 22 – ORIGEM DAS PLANTAS UTILIZADAS COMO REMÉDIO PELOS INFORMANTES DA PASSAGEM DA CONCEIÇÃO, VÁRZEA GRANDE, MT, 2016. ....	73
FIGURA 23 – PARTES UTILIZADAS PARA O PREPARO DE MEDICAMENTOS CASEIROS PELA POPULAÇÃO DA COMUNIDADE PASSAGEM DA CONCEIÇÃO, VÁRZEA GRANDE, MT, BRASIL.....	74
FIGURA 24 – FORMAS DE PREPARO DOS MEDICAMENTOS CASEIROS. PASSAGEM DA CONCEIÇÃO, VÁRZEA GRANDE, MT, BRASIL.....	75
FIGURA 25 – INDICAÇÕES TERAPÊUTICAS REFERIDAS PELOS ENTREVISTADOS DA COMUNIDADE PASSAGEM DA CONCEIÇÃO. PASSAGEM DA CONCEIÇÃO, VÁRZEA GRANDE, MT, 2016.....	77
FIGURA 26 – LIMITES DE DOIS QUINTAIS. A – MURO DE TIJOLOS; B – CERCA DE ARAME. PASSAGEM DA CONCEIÇÃO, VÁRZEA GRANDE, MT. FONTE: ACERVO DA AUTORA. 2016.....	100
FIGURA 27 – A- TERRENO COMPARTILHADO POR UMA FAMÍLIA; B- ESQUEMA DESSE TERRENO COMPARTILHADO. PASSAGEM DA CONCEIÇÃO, VÁRZEA GRANDE, MT. FONTE: ACERVO DA AUTORA. 2016.....	101

FIGURA 28 – DESTINO DAS FOLHAS E RESTOS DE CAPINA. PASSAGEM DA CONCEIÇÃO, VÁRZEA GRANDE, MT, 2016.....	102
FIGURA 29 – ESPÉCIES VEGETAIS PLANTADAS JUNTAS. COMUNIDADE PASSAGEM DA CONCEIÇÃO, VÁRZEA GRANDE, MT. FONTE: ACERVO DA AUTORA. 2016.....	103
FIGURA 30 – ESPÉCIE DE MACACO NÃO IDENTIFICADA PRÓXIMO À UM BAR AS MARGENS DO RIO CUIABÁ. PASSAGEM DA CONCEIÇÃO, VÁRZEA GRANDE, MT. FONTE: ACERVO DA AUTORA. 2016. ....	105
FIGURA 31 - MORADOR EM UMA PESCARIA. PASSAGEM DA CONCEIÇÃO, VÁRZEA GRANDE, MT. FONTE: ACERVO DA AUTORA. 2016.....	107
FIGURA 32 - PENEIRA FEITA DE CABAÇA ( <i>Crescentia cujete</i> L.) E TAQUARA ( <i>Guadua paniculata</i> Munro) UTILIZADA NO PREPARO DO VINAGRE DE TAMARINDO. PASSAGEM DA CONCEIÇÃO, VÁRZEA GRANDE, MT. FONTE: ACERVO DA AUTORA. 2016. ....	110
FIGURA 33 – PREPARO DO VINAGRE DE TAMARINDO EM UMA RESIDÊNCIA NA COMUNIDADE. PASSAGEM DA CONCEIÇÃO, VÁRZEA GRANDE, MT. FONTE: ACERVO DA AUTORA. 2016. ....	111
FIGURA 34 – RESTAURANTE LOCAL COM PRATO DECORADO DE SALADA. PASSAGEM DA CONCEIÇÃO, VÁRZEA GRANDE, MT. FONTE: ACERVO DA AUTORA. 2016.....	112
FIGURA 35 – CABEÇA DE BOI - PRATO TÍPICO DO RESTAURANTE LOCAL. PASSAGEM DA CONCEIÇÃO, VÁRZEA GRANDE, MT. FONTE: ACERVO DA AUTORA. 2016.....	113
FIGURA 36 – PIMENTAS EM CONSERVA DO RESTAURANTE LOCAL. PASSAGEM DA CONCEIÇÃO, VÁRZEA GRANDE, MT. FONTE: ACERVO DA AUTORA. 2016.....	114
FIGURA 37 – VISTA PARCIAL DA IGREJA NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO. PASSAGEM DA CONCEIÇÃO, VÁRZEA GRANDE-MT. FONTE: ACERVO DA AUTORA. 2016.....	115
FIGURA 38 – FESTA DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO. COMUNIDADE PASSAGEM DA CONCEIÇÃO, MT. FONTE: ACERVO DA AUTORA. 2016.....	116
FIGURA 39 – PROCISSÃO DA PADROEIRA NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO NO DIA DA FESTA. PASSAGEM DA CONCEIÇÃO, VÁRZEA GRANDE, MT. FONTE: ACERVO DA AUTORA. 2016. ....	118
FIGURA 40 – IMAGEM DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO NA ENTRADA DE UMA RESIDÊNCIA. PASSAGEM DA CONCEIÇÃO, VÁRZEA GRANDE, MT. FONTE: ACERVO DA AUTORA. 2016. ....	120

## RESUMO

FIEBIG, Gabriela de Ávila. **As Plantas, o Povo e a Cultura na Comunidade Passagem da Conceição, Várzea Grande, Mato Grosso, Brasil**. 2017. Dissertação (Mestrado em Ciências Florestais e Ambientais) – Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá-MT. Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Corette Pasa.

O resgate do etnoconhecimento desperta na ciência a importância da sabedoria de povos tradicionais em busca de informações empíricas a respeito da ligação entre plantas e o ser humano. O presente trabalho tem como objetivo resgatar a sabedoria quanto ao uso das plantas locais pelos moradores da comunidade Passagem da Conceição, Várzea Grande, MT focando os aspectos etnobotânicos. O procedimento metodológico utilizado combinou aspectos qualitativos e quantitativos: o qualitativo utilizou a técnica *snowball* com aplicação do pré-teste, entrevista semiestruturada e não estruturada, registro fotográfico, turnê guiada, história oral e observação direta; o quantitativo demonstrou o Consenso Informante através dos cálculos do o Nível de Fidelidade (NF), Fator de Correção (FC) e o Percentual de Concordância quanto ao Uso Principal (Pcup %). As estruturas reprodutivas e/ou vegetativas das plantas foram coletadas, identificadas e depositadas no Herbário Central da Universidade Federal de Mato Grosso. As coletas foram realizadas de maio de 2015 a maio de 2016, com frequência mensal. Os informantes citaram 187 espécies vegetais distribuídas em 64 famílias botânicas. As espécies catalogadas foram distribuídas em etnocategorias de uso medicinal (70%), alimentar (22%) e outros usos (8%). As famílias com maior representatividade foram: Lamiaceae (8%), Fabaceae (7%), Rutaceae e Asteraceae com 6% cada, sendo 60% exóticas e 40% nativas, em quatro unidades de paisagem: quintal, roça, cerrado e mata ripária. O melão-de-são-caetano (*Momordica charantia* L.) se destacou pelo seu valor relativo de concordância quanto ao uso principal com 100%. O manejo dos quintais é realizado pela própria família pelo menos uma vez na semana e são utilizados apenas insumos agrícolas naturais. O cultivo de diferentes espécies, o manejo, a finalidade e a forma de uso retratam as necessidades da subsistência familiar com pouco impacto ambiental. O conhecimento empírico acumulado ao longo dos anos é transmitido para as gerações seguintes no dia-a-dia pelo convívio familiar e talvez seja a riqueza maior da comunidade. As manifestações culturais são expressadas a todos momento pela culinária típica da baixada cuiabana e pela fé e devoção à Nossa Senhora da Imaculada Conceição.

Palavras-chave: Planta medicinal, saber local, comunidade ribeirinha.

## ABSTRACT

FIEBIG, Gabriela de Ávila. **Plants, People and Culture in Community Passagem da Conceição, Mato Grosso, Brazil.** 2017. Dissertation (Master of Forestry and Environmental Sciences) - Federal University of Mato Grosso, Cuiabá-MT. Advisor: Prof<sup>a</sup>. Dra. Maria Corette Pasa.

The rescue of ethno-cognition awakens in science the importance of the wisdom of traditional peoples in search of empirical information about the connection between plants and the human being. The present work aims at recovering the wisdom about the use of local plants by the residents of the community of Conceição, Várzea Grande, MT focusing on the ethnobotanical aspects. The methodological procedure used combined qualitative and quantitative aspects: the qualitative technique used the snowball technique with pre-test application, semi-structured and unstructured interview, photographic record, guided tour, oral history and direct observation; The quantitative model demonstrated the Informant Consensus by calculating the Loyalty Level (NF), Correction Factor (FC) and the Percentage of Major Use Agreement (Pcup%). The reproductive and / or vegetative structures of the plants were collected, identified and deposited in the Central Herbarium of the Federal University of Mato Grosso. The collections were carried out from May 2015 to May 2016, with monthly frequency. The informants cited 187 plant species distributed in 64 botanical families. The cataloged species were distributed in ethnocategories of medicinal use (70%), food (22%) and other uses (8%). The most representative families were: Lamiaceae (8%), Fabaceae (7%), Rutaceae and Asteraceae with 6% each, being 60% exotic and 40% native, in four landscape units: backyard, gallery. The melon-de-são-caetano (*Momordica charantia* L.) stood out for its relative value of agreement for the main use with 100%. The management of backyards is carried out by the family itself at least once a week and only natural agricultural inputs are used. The cultivation of different species, the management, the purpose and the form of use portray the needs of the family subsistence with little environmental impact. The empirical knowledge accumulated over the years is transmitted to the next generations in day-to-day life through family life and is perhaps the greatest wealth of the community. The cultural manifestations are expressed at all times by the typical cuisine of the Cuiabana Basin and by the faith and devotion to Our Lady of the Immaculate Conception.

Keywords: Medicinal plant, local knowledge, riverside community.

## 1. INTRODUÇÃO

As inter-relações diretas entre ser humano e plantas figuram o estudo em entnobotânica (ALBUQUERQUE, 2005). Tal estudo contribui para a conservação dos recursos vegetais e manejo da biodiversidade (SILVA & ALBUQUERQUE, 2005) nos diferentes ecossistemas. Essa relação demonstra a existência da estreita relação entre povos tradicionais com a vegetação que os circundam, principalmente, as de uso terapêutico (MACIEL & GUARIM NETO, 2006).

Englobam os Povos e Comunidades Tradicionais os grupos, que por suas particularidades cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, se diferenciam de outras sociedades. Tais valores, costumes e práticas são transmitidos pela tradição (Decreto nº 6.040/07).

A forte dependência dos recursos naturais distingue os povos tradicionais de outros (ARRUDA et al., 2000). O conhecimento acumulado de tais povos remete ao saber construído a partir das experiências vividas junto à natureza e ao saber-fazer envolvendo os recursos dela oferecidos. A transmissão desse conhecimento é de forma oral e pela observação participativa ou não ao longo das gerações, o que forma e transforma o maior bem que uma sociedade pode apresentar (DIEGUES, 2000).

A história de vida de cada ser humano se entrelaça com a natureza em que está inserida, ou seja, o conhecimento sobre as plantas faz parte da cultura ali presente (PASA, 2005). O resgate cultural/local se destaca com a investigação, pesquisa e documentação da sabedoria humana que é singular em cada região.

Assim, a descrição de fatos particulares desses povos retrata a experiência que tiveram com a vegetação, tanto com as espécies exóticas como com as nativas. Conhecer a cultura local permite uma maior aproximação pesquisador/pesquisado e concede a oportunidade de apreender os conceitos locais de doença, recursos naturais e duas utilizações, como atrair ou afastar animais, entre outros. Tais fatos são

generosamente ofertados durante as conversas que circundam a coleta de dados.

O resgate cultural da sabedoria popular de regiões tradicionais, pela etnobotânica, evidencia o uso dos recursos naturais frente a processos antropológicos que podem afetar a vegetação positiva ou negativamente (PASA, 2011b). Tal resgate, aos olhos do pesquisador, torna a comunidade em espaço de aprendizagem, onde o êmico ganha valor e reconhecimento, e permite a aproximação e o entendimento dos fatos sociais e culturais por aqueles que os praticam.

Ao notar o contexto social que uma comunidade está inserida é possível revelar outras interações como ecológicas, genéticas, evolutivas, simbólicas e culturais devido a forma direta e imediata que as pessoas influenciam o ambiente em que vivem (ALEXIADES, 1996).

O saber local é evidenciado na variedade de tópicos abordados durante as entrevistas, entendido e, posteriormente, relatado ao meio científico sem incorrer em erros de interpretação. Os levantamentos etnobotânicos permitem uma visão mais ampla da grande biodiversidade de espécies vegetais com alguma finalidade de uso.

Pelo enfoque econômico ao analisar a flora mato-grossense percebe-se claramente um rol muito extenso de etnocategorias de uso dos vegetais, sejam eles para fins de construção, ornamentação, alimentação ou, ainda, com finalidades medicinais, entre outros (GUARIM NETO, 2006).

A multiplicidade de usos que os recursos vegetais proporcionam ao homem demonstra o quão importante o ambiente natural está presente na vida humana, pelos benefícios que podem oferecer, principalmente, na medicina e na alimentação. Para administração consciente do ambiente e biodiversidade é essencial boa gestão do ecossistema e dos seus ciclos naturais. Assim, a sustentabilidade é alcançada em comunidades humanas inseridas em meio rural através da combinação do anseio do grupo, com o que é economicamente vantajoso, tecnicamente possível e ecologicamente aceitável.

Por ser uma região de passagem de tropeiros na sua formação e ocupação, a comunidade Passagem da Conceição desenvolveu

concepções próprias acerca do manejo e utilização das plantas, devido às pessoas de diferentes culturas que ali se firmaram.

O acervo de conhecimento acerca da biodiversidade que circunda sociedades tradicionais, os elementos e as interações são transmitidos, enriquecidos, modificados e, em certas ocasiões, deformados ao longo dos anos, compreendem uma ciência, dita, popular (CABALLERO NIETO, 2001).

Com a utilização sustentável da diversidade biológica as gerações presentes e futuras de povos tradicionais utilizam-se dos bens em ritmo que não levam a sua diminuição (BRASIL, 1992), ritmo esse bem inferior que as sociedades urbano-industriais.

Investigar as interações entre comunidades humanas e a vegetação local revela o quintal como o lugar onde os anseios da família pela preferência alimentar, manejo, criação de animais, entre outros, estão impressos, demonstrando que é local de trabalho diário e de lazer (DE DAVID & PASA, 2015).

Os quintais são constituídos pela reunião de plantas de diferentes espécies e finalidades, incluindo árvores, arbustos, trepadeiras, plantas herbáceas, entre outras, crescendo adjacentes às casas (NAIR, 1993). São espaços que contribuem diretamente para a manutenção do microclima, na proteção do solo, na conservação dos recursos vegetais, além da prevenção de doenças por meio de uma alimentação diversificada e do poder curativo das plantas medicinais promovendo uma boa qualidade de vida.

O estudo local se torna relevante, devido às singularidades da proposta de investigação, isto é, a variação da importância de cada espécie para determinado povo. Para elucidar essas questões há necessidade de entender o vínculo que essas comunidades criam com o seu meio ambiente, perceber os conceitos coletivos de funcionamento, de desenvolvimento sob sistemas naturais com atividades antrópicas e de exploração dos seus recursos.

A escolha da presente comunidade fundamenta-se pela importância da região quanto ao potencial de sabedoria pelas pessoas,

acumulado ao longo de dois séculos de existência e expressada pela força cultural e histórica.

## 1.1. OBJETIVOS

### 1.1.1. Objetivo Geral

Sistematizar e analisar de forma integrada o conhecimento que os moradores da comunidade ribeirinha Passagem da Conceição, Várzea Grande, MT possuem a respeito da flora, bem como da utilização, do manejo e da conservação dos recursos vegetais em diferentes unidades de paisagens.

### 1.1.2. Objetivos Específicos

- Realizar um levantamento etnobotânico e identificar as etnocategorias das plantas nas unidades de paisagem: cerrado, matas ripárias, quintais e roça;
- Identificar e catalogar as diferentes espécies vegetais usadas pelos moradores da comunidade Passagem da Conceição, enfatizando as partes utilizadas, o conhecimento popular empírico, o consenso entre os informantes e a indicação das mesmas;
- Evidenciar os aspectos socioeconômicos, culturais e ambientais da comunidade Passagem da Conceição;
- Proporcionar a difusão dos conhecimentos científicos locais como forma de evitar a erosão cultural desta população mato-grossense, através de publicações.
- Apresentar à população os resultados da pesquisa, através da produção científica na forma de artigos e livro.

## 2. REVISÃO DE LITERATURA

### 2.1. A SOCIOBIODIVERSIDADE BRASILEIRA

Povos e Comunidades Tradicionais definidos pelo Decreto nº 6.040/07 como:

“Grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição”.

As populações tradicionais desenvolveram, ao longo dos anos, uma forte dependência com a natureza transformando-a conforme seus valores e crenças traçados na vegetação. As histórias humana e natural se cruzam, criam laços e deixam suas marcas uma na outra, elas co-evoluem pela forte dependência devido à distância do centro urbano (LARAIA, 1986).

Abrange tais sociedades: “Indígenas e não-indígenas (caiçara, açoriano, caipira, babaçueiro, jangadeiro, pantaneiro, pastoreio, quilombola, ribeirinho/caboclo, amazônico, ribeirinho/caboclo não-amazônico (varjeiro), sertanejo/vaqueiro e pescador artesanal)” (ARRUDA et al., 2000).

Arruda et al. (2000) completam que grande parte do isolamento das comunidades de povos tradicionais tem diminuído graças as novas vias de acesso que foram construídas, ligando o que antes era praticamente inacessível. Também, a praticidade que o “mundo moderno” oferece chega aos poucos a esses povos, que acaba por provocar transformações na estrutura fundiária, consumo de produtos industriais e cotidiano das famílias.

O conhecimento tradicional é construído de acordo com as experiências pessoais de cada indivíduo, da família e, de forma geral, de uma sociedade específica. É transmitido de geração em geração, dos patriarcas e matriarcas para seus descendentes, no cotidiano, ao longo da

vida, é transformado com dinâmica própria por aqueles que tem interesse em aprender e repassar toda sabedoria (DIAS & LAUREANO, 2009).

A transmissão do conhecimento construído ao longo do tempo acontece em sua praxe e no simbolismo, favorece e mantém a sabedoria sobre àquele local. Reconhecer a importância da transmissão é revelar aos membros comunitários os processos e transformações locais, valorizar e identificar os potenciais de proteção do conhecimento tradicional (ROCHA et al., 2015).

A sociobiodiversidade de povos brasileiros é proporcional ao imenso território nacional, com mais de 200 povos indígenas e por diversas comunidades (BRASIL, 2016). Tais povos fazem parte do patrimônio histórico e cultural do Brasil por deterem conhecimento tradicional local sobre a biodiversidade (SAWYER et al., 2016).

Sawyer et al. (2016) complementam que a detenção de conhecimento sobre o uso sustentável dos bens naturais também é encontrada com agricultores familiares por estarem presentes em ambientes de vegetação nativa cujo, o longo tempo de vida no campo favorece na aprendizagem do uso dos recursos naturais e consciência para a preservação ambiental.

A grande pressão pelo aumento da fronteira agropecuária afeta a maioria das áreas intactas do Cerrado, como terras indígenas e comunidades tradicionais. O Cerrado apresenta grande importância social, pela quantidade de povos tradicionais presentes e dependentes, direta e indiretamente, dos recursos naturais para sobrevivência, na alimentação, medicina, financeira, entre outros (SAWYER et al., 2016).

## 2.2. A ETNOBIOLOGIA

A etnobiologia é uma ciência que possui como método o resgate da história de determinada sociedade, pela lembrança e conhecimento adquirido dos seus antepassados a respeito da exploração da natureza e significado cultural da flora e fauna regional. Tal ciência remete a estudos que representam o conhecimento empírico de determinado povo, através de símbolos associados ao mágico-religioso e, relacionado à agricultura e

medicina, além de estar atrelado aos processos de aculturação (BARRERA, 2001).

Barrera (2001) completa que após definir a identidade e a posição sistemática de uma planta ou de um animal, para que se tenha valor de uma investigação etnobiológica, deve inserir o conhecimento e o modo de utilização no complexo cultural a que se pertence, além do valor e modos de utilizações. Assim, essa pesquisa deve ser dirigida à várias pessoas que compõem determinado grupo, comunidade, entre outros, pois a investigação etno considera a cultura, através das plantas e animais, um fenômeno coletivo.

A etnobiologia está diretamente ligada à etnologia, pois através da apreciação da cultura, do social e da história cultural de um grupo humano é possível validar o valor etnobiológico que cada espécie recebe. Esse, remete ao estudo de plantas e animais na sua mais íntima relação com o ser humano (MALDONADO-KOERDELL, 2001).

Os diferentes eventos históricos que um grupo humano vivencia determinam a sua cultura e se faz necessário o estudo dos “símbolos partilhados pelos membros dessa cultura” (LARAIA, 1986), assim como do papel que a natureza desempenha sobre essa população. Os conhecimentos e as idealizações adquiridas ao longo do tempo sobre a natureza com suas diferentes espécies regulam a adaptação do homem ao ambiente natural que o contorna (ARRUDA et al., 2000).

O contato diário das pessoas com plantas e animais em comunidades tradicionais possibilita o reconhecimento desses para diversos fins, ou com valor utilitário, ou com algum tipo de risco. Ainda, tanto plantas como animais atribuem uma importante função para a manutenção das comunidades humanas (TORRES et al., 2009).

Os diferentes estudos etnobiológicos permitem o resgate e a preservação das tradições em sociedades e ecossistemas diversos, que muitas vezes se encontram degradados (CAMARGO et al., 2014).

### 2.2.1. A Etnobotânica

Na etnobotânica permeia na relação que os povos mantêm com as plantas do seu entorno através do tempo (XOLOCOTZI, 2001), e, ainda, permite uma visão mais profunda da manutenção e utilização das plantas. Através do estudo antropológico e sistematizado a etnologia traz a lume o conhecimento e a cultura de diferentes povos e, quando associada ao estudo das plantas, que faz parte da botânica, na sua mais íntima ligação com o ser humano, trata-se da etnobotânica (BARRERA, 2001).

Valores, crenças e tradições podem ser reveladas ao analisar o vínculo dos recursos vegetais com a cultura de um grupo populacional. De forma mais concreta, a etnobotânica revela espécies com seus nomes populares e seus respectivos usos resgatadas de sociedades tradicionais que, ao longo das gerações, gera acúmulo de conhecimentos sobre a vegetação local (FÁVERO & PAVAN, 1997).

Mostram também como as sociedades tradicionais exploram, conservam e enriquecem biológica e culturalmente o ambiente que os rodeia. Assim, o desenvolvimento local é uma das estratégias que podem ser usadas em concubinato com a conservação da biodiversidade, pois ambas permitem preservar a natureza e as técnicas culturais usadas no meio ambiente pelas populações tradicionais daquela região (ALBUQUERQUE, 1999).

Através da observação da natureza sobre o uso e eficácia de plantas para a cura de diversos males, os povos tradicionais construíram o conhecimento acerca da medicina caseira com traços particulares de cada região/bioma em que estão inseridos, hoje muito utilizados por pessoas de outras regiões e, até mesmo, cultura devido à larga divulgação de seus benefícios. Tal cultura, muitas vezes milenar, deve ser estudada sob várias perspectivas ópticas, de modo a favorecer a multidisciplinaridade pela etnofarmacobotânica, química, fitoquímica e farmacologia (MACIEL et al., 2002).

Em suma, Maciel et al. (2002) ainda afirmam que a etnobotânica e a etnofarmacologia resgatam e valorizam o conhecimento da medicina tradicional e popular, indicam a posologia correta; a química, fitoquímica e

a farmacologia colaboram com estudos dos extratos e dos princípios ativos, por meio do isolamento, purificação, caracterização, transformações químicas, estrutura, atividade e mecanismos de ação, para somente depois, formular e produzir fitoterápicos.

O conhecimento científico é aproximado do saber tradicional por estudos etnobotânicos. Resgates da sabedoria popular direcionados para soluções de problemas de ordem ambiental para o bem coletivo apontam caminhos para o desenvolvimento local, a fim de melhorar a qualidade de vida de todos os envolvidos (ROCHA et al., 2015). Assim, a etnobotânica designa a combinação de dois campos diferentes: a etnologia e a botânica (HORÁK et al., 2015).

O grande número de comunidades tradicionais presentes no bioma cerrado no estado de Mato Grosso rendeu relevantes estudos etnobotânicos realizados por diferentes cientistas amantes da sóciobiodiversidade e dos recursos vegetais ofertados pela riqueza de habitats que o cerrado proporciona à população, tais como: Pasa et al. (2005); Guarim Neto (1991, 2006); Amaral & Guarim Neto (2008); Pasa (2011a, 2011b); De David (2015), Camargo et al. (2014); Gonçalves & Pasa (2015), Fiebig & Pasa (2016), entre outros.

Por estudos sistemáticos da botânica, etnobotânica e áreas afins, sabe-se que o Cerrado oferece mais de 220 espécies vegetais para uso medicinal, além de diversos frutos comestíveis consumidos por essas populações, ambos comercializados nos centros urbanos (SAWYER et al., 2016).

O hábito das plantas indica o seu porte, que são: herbáceas, subarbustivas, arbustivas, arbóreas, trepadeiras, epífitas, hemiparasitas e parasitas (PEREIRA & SILVA, 2011).

“O grupo das **herbáceas (ervas)** possuem entre menos de cinco centímetros e mais de um metro de altura, como diversas poáceas (gramíneas), elas são na sua maioria hemicriptófitas; as **arbustivas e subarbustivas** englobam nanofanerófitas lenhosas e sublenhosas que variam de alguns decímetros até em torno de dois metros de altura; as **arbóreas** podem ser nano, micro e mesofanerófitas (três, cinco e 25 metros de altura, respectivamente) de fuste tortuoso ou ereto e raízes profundas ou relativamente superficiais, sendo que algumas fanerófitas das Matas de Galeria apresentam estruturas especiais, como raízes

tabulares, raízes adventícias e pneumatóforos; as **trepadeiras** são lenhosas ou herbáceas, podem ter gavinhas ou não e podem ser volúveis ou crescerem apenas apoiadas nas árvores; as **epífitas** compreendem orquídeas tufosas, piperáceas estoloníferas, bromeliáceas e elementos de caule sublenhoso; as **hemiparasitas** podem estar compostas por elementos de ramos herbáceos que se alastram sobre o hospedeiro, fixando-se através de haustórios, ou estar constituídas por plantas sublenhosas que permanecem fixas apenas no ponto onde a semente germinou; as **parasitas** possuem ramos amarelados, finos e longos, que se espalham sobre as hospedeiras, revelando hábito trepador” (PEREIRA & SILVA, 2011).

Várias frutas do Cerrado são consumidas pelas populações tradicionais e comercializadas nos centros urbanos, como: pequi (*Caryocar braziliense* Camb.), buriti (*Mauritia flexuosa* L. f.), mangaba (*Hancornia speciosa* Gomez), cagaita (*Eugenia dysenterica* DC.), bacupari (*Salacia crassifolia* (Mart. ex Schult.) G. Don), araticum (*Annona crassifolia* Mart.) e barú (*Dipteryx alata* Vogel) (SAWYER et al., 2016).

No Brasil, o uso de plantas medicinais pela população, com a finalidade de tratar enfermidades, foi sempre expressivo, principalmente devido à extensa e diversificada flora. Ainda hoje, nas regiões mais pobres do país e, até mesmo, nas grandes cidades, plantas medicinais são comercializadas em feiras livres e mercados populares, sendo também encontradas em quintais das residências (PASA, 2015).

O uso de erva medicinal é uma das alternativas da medicina popular tradicional e tem aumentado a popularidade no mundo inteiro, principalmente nos países em desenvolvimento. Do valor econômico da biodiversidade mundial, a Organização Mundial de Saúde estima que cerca de 30% dos fármacos hoje disponíveis no mundo derivam de fontes naturais (WHO, 2005).

Pasa (2011a) em um estudo etnobotânico na comunidade Bom Jardim em Cuiabá-MT, verificou que o uso de espécies exóticas na medicina caseira é maior em relação às espécies nativas, porém essas continuam a ser utilizadas com frequência.

## 2.3. AS UNIDADES DE PAISAGENS

A complexidade ecológica envolvida pelo relevo, clima, cobertura vegetal, arranjo estrutural e tipo de litologia distinguem as Unidades de Paisagens (Pasa, 2007).

“A integração dos fatores bióticos e abióticos expressa a complexidade ecológica na qual a população constrói e reconstrói o seu cotidiano envolvido por uma dinâmica de produção dos meios de sobrevivência caracterizados pela coleta, caça, pesca e agricultura de subsistência” (PASA, 2011b).

O Brasil foi classificado pela Conservation International como o maior país tropical do mundo em número de espécies vegetais e endêmicas do planeta (FONSECA, 1998). As diferentes zonas biogeográficas que formam o Brasil refletem a riqueza da flora e da fauna com a maior biodiversidade dentre todos os países do mundo e, dentre os 25 países megadiversos, situa-se em primeiro lugar devido à abundante variedade de vida nos seus diferentes biomas (SAWYER et al., 2016).

O alicerce das relações que o homem cria com o ambiente que o cerca está baseada na própria existência e necessidade para a sua sobrevivência através de práticas e atividades que compõe a extração, o manejo e a preservação dos diferentes tipos de unidades de paisagem (CAMARGO et al., 2014).

As histórias humana e natural caminham juntas e podem ser demonstradas por mosaicos de habitats criados por ações humanas, cuja ação material e simbólica ficam impressas ao longo dos séculos na vegetação (ARRUDA et al., 2000), apresentando-se na forma de unidades de paisagens.

### 2.3.1. Cerrado

O Cerrado é a segunda maior ecoregião do Brasil, além de estar incluso na lista de hotspots pela Conservation International do Brasil, por possuir grande número de endemismo de sua biodiversidade e alta porcentagem de destruição da vegetação original (FONSECA, 1998).

O Cerrado possuiu 2.039.386 km<sup>2</sup>, ou seja, 24% do território do Brasil, sendo considerado o segundo maior bioma da América do Sul, com 12.070 espécies de plantas nativas catalogadas. É o segundo bioma brasileiro que mais sofreu com a ocupação urbana, com o avanço da agropecuária potencializada a partir da década de 1950 (SAWYER et al., 2016).

Sawyer et al. (2016) complementam que a agropecuária, aliada a outros fatores externos como a erosão, espécies invasoras, transporte e aquecimento global e local, entre outros, colaboram para o desmatamento acelerado de em média 6.000 km<sup>2</sup> ao ano, o que gerou perda de 50% da cobertura vegetal nativa. Além disso, a região em que o Cerrado está inserido corrobora com cerca de 30% do Produto Interno Bruto do Brasil (PIB), inversamente o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) tem proporções menores que a média nacional brasileira.

A grande heterogeneidade da flora do Cerrado, bem como a sua singularidade florística e estrutural de acordo com a profundidade do solo (LEMOS et al., 2013) remete a busca por práticas conservacionistas que protegem a grande variedade da forma de vida vegetal.

### 2.3.2. Mata ripária

As matas ripárias são formações vegetais variadas existentes às margens de rios, lagos, lagoas, córregos e nascentes. São divididas em duas categorias: Mata Ciliar e Mata de Galeria. As Matas Ciliares são encontradas em rios de médio e grande porte do Cerrado, não ultrapassando 100 metros de largura em ambas as margens (RODRIGUES & LEITÃO FILHO, 2000). Em rios de pequeno porte são encontradas as Matas de Galerias, chamadas assim, por formarem corredores fechados sobre o curso de água, que podem ou não serem áreas inundáveis (RIBEIRO, 1998).

A vegetação natural às margens de rios que fazem parte do cotidiano de comunidades tradicionais demonstra ser uma importante unidade de paisagem na vida dessas populações, em especial no que se

trata de plantas de uso medicinal, uma vez que os centros médicos ficam afastados desses povos (PASA, 2011a).

A vegetação ripária do cerrado muitas vezes é endêmica em nível de bioma e, mais específico, em nível de ecossistema, além de preservar as margens do rio da erosão, fato vital para a preservação do rio que fornece água e energia as populações, e redução das emissões de gases de efeito estufa (SAWYER et al., 2016).

### 2.3.3. Quintais Agroflorestais

A denominação “quintal agroflorestal” é dada ao ambiente que fica ao redor da casa, com variedades de plantas em diferentes substratos e hábitos de crescimento, associadas à criação de animais domésticos, os quais são destinados, principalmente, ao consumo da própria família. (NAIR, 1993).

Ainda segundo Nair (1993), dentre as funções de um quintal agroflorestal, está o cultivo de culturas agrícolas diversificadas e plantas frutíferas usadas na alimentação familiar, além do valor da sombra oferecida às pessoas e animais e a redução da degradação ambiental pela alta diversidade de espécies.

Plantas de diferentes etnocategorias podem ser encontrados nos quintais, como: alimentação, medicina caseira, construção, sombreamento e paisagística. É um espaço de múltiplas espécies vegetais caracterizado pelo conhecimento que os povos tradicionais, em especial as pessoas mais velhas, possuem acerca do ambiente que os cercam. É valorizado como espaço de socialização, como: brincadeiras de criança, rodas de prosas e reuniões familiares (DE DAVID & TSUKAMOTO FILHO, 2015).

A alta diversidade de plantas assegura aos quintais agroflorestais a função ecológica de proteção do solo, formação de matéria orgânica pela melhor infiltração da água no solo, área verde para o sequestro de carbono, a criação de um microclima mais agradável através do sombreamento, dentre outros. Segundo Amaral e Guarim Neto (2008)

os quintais são ainda, sistemas sustentáveis ao nível de manter um banco de germoplasma, possuir resistência a doenças e adaptabilidade.

Os fatores socioeconômicos e culturais definem o valor que o quintal representa para a família, essa com atuação direta ao eleger as espécies vegetais que comporão as suas necessidades e a sua distribuição no ambiente, definidas por fatores como funções e tamanho do quintal. (NAIR, 1993).

A estrutura paisagística nos quintais reflete a influência cultural que a família deposita ao selecionar as espécies que comporão o local e, assim, determina a importância da diversidade vegetal para atender as necessidades familiares, em especial a medicinal (DE DAVID & PASA, 2013).

Os quintais urbanos fazem parte da cultura popular mato-grossense, pois representam um espaço de trabalho, festas, convívio familiar, de amigos e vizinhos (DE DAVID, 2015).

#### 2.3.4. Roça

As roças são caracterizadas pela atividade agrícola, cujo espaço utilizado para o cultivo de grãos, cereais e vegetais resulta da atividade humana para a sua subsistência. A produção é formada em meio à vegetação natural, como a mata ripária ou o cerrado. Esses sistemas especializados, representados como unidades familiares, demonstram a lógica produtivista e a racionalidade econômica (PASA, 2007).

A agricultura itinerante utilizada para o sustento familiar encontrada em regiões tropicais mostrou-se sustentável ao longo do tempo. Essa prática de derrubada e queima da vegetação natural para preparo da área cultivada foi herdada dos indígenas e recebe várias denominações, como: agricultura de coivara, roça de coivara, roça de toco, agricultura de subsistência ou de derrubada e queima (ADAMS, 2000).

A área destinada à roça também pode ser preparada sem a utilização do fogo. Para o preparo da área destinada à roça, os restos vegetais são triturados manualmente e distribuídos sob a superfície da terra, o que permite manter as propriedades físicas do solo e, a redução da

erosão e emissão de gases de efeito estufa causados pela queima desses produtos. Além disso, a biomassa oferece suporte para as culturas como fonte de nutrientes (ALVES & MODESTO JÚNIOR, (2013).

### 3. MATERIAL E MÉTODOS

#### 3.1. CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO

##### 3.1.1. Aspectos Físicos

O estudo foi realizado na comunidade Passagem da Conceição, Várzea Grande-MT, pertencente à mesorregião Centro-Sul Mato-Grossense e microrregião de Cuiabá. Está localizada na margem direita do rio Cuiabá nos limites de Várzea Grande e Cuiabá e inserida na Depressão Cuiabana pelo Projeto Radambrasil (BRASIL, 1982) e delimitada pelas coordenadas geográficas 15°33'58,7" sul e 56°08'34,0" oeste (IBGE, 2016) (FIGURA 1).

O rio Cuiabá tem em torno de 850 km de extensão e drena uma bacia de aproximadamente 100.000 km<sup>2</sup>. É um dos afluentes do Rio Paraguai (BRASIL, 2017), e um dos principais formadores do Pantanal (CARVALHO, 1986). Suas nascentes localizam-se no município de Rosário Oeste, MT, nas encostas da Serra Azul, tendo como principais formadores os rios Cuiabá da Larga e Cuiabá do Bonito. Após a confluência destes rios, recebe o nome de rio Cuiabazinho e somente após o encontro com o rio Manso passa a se chamar rio Cuiabá (CAVINATTO, 1995). A bacia do rio Cuiabá pode ser dividida em sub-bacia do Alto Cuiabá e Médio Cuiabá, que correspondem ao trecho das cabeceiras do rio e da área característica do Pantanal Mato-grossense, respectivamente (CHIARANDA; COLPINI; SOARES, 2016).

Os municípios de Cuiabá e Várzea Grande reúnem o maior agrupamento populacional e industrial que ocorre no percurso médio da sub-bacia do rio Cuiabá (MATO GROSSO, 2016).

A vegetação dominante na sub-bacia do rio Cuiabá é o campo cerrado, formado por estrato subarbustivo de baixa altitude, e estrato herbáceo bem desenvolvido e contínuo (MATO GROSSO, 2016).

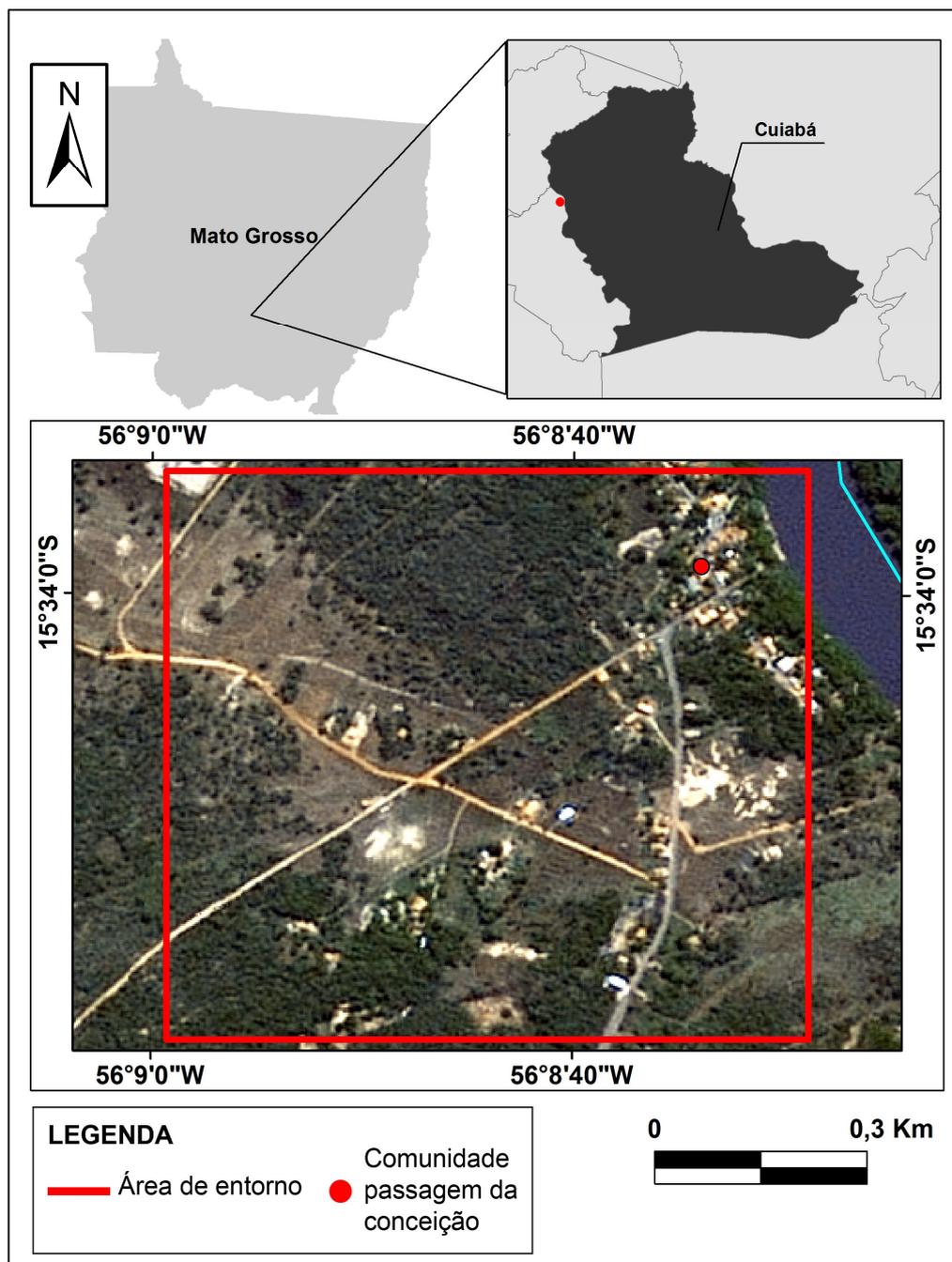


FIGURA 1 – LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA DA ÁREA DE ESTUDO, NA COMUNIDADE PASSAGEM DA CONCEIÇÃO, VÁRZEA GRANDE, MT. FONTE: IBGE, 2016.

Segundo a classificação climática de Köppen-Geiger, a área de estudo possui um sistema de clima pertencente ao Grupo A (Clima Tropical Chuvoso). O tipo climático é o Aw, caracterizado por duas estações bem definidas: inverno seco, de março a setembro, e verão chuvoso, de outubro a fevereiro (MAITELLI et al., 2017). A região ainda possui como característica as altas temperaturas, com média anual de 26°C, mínimas

de 21°C e máximas de 33°C. A precipitação pluviométrica anual é de 1.350 mm e a umidade relativa do ar média compensada de 73% (FUNASA, 2007). As variações das taxas de umidade relativa do ar são inversamente proporcionais à temperatura, o ar é mais seco nas áreas centrais da cidade de Cuiabá em relação às áreas suburbanas (MAITELLI et al., 2017).

### 3.2. SELEÇÃO DAS RESIDÊNCIAS

O levantamento das informações foi realizado através da técnica de amostragem “Snow ball” (COLEMAN, 1958; BAILEY, 1994; BALDIN & MUNHOZ, 2011), ou seja, um participante, ao final da entrevista, indica outro morador e, assim, sucessivamente até que se atinja saturação de citações de espécies vegetais.

O tamanho da amostra teve como base a saturação de espécies vegetais. Segundo Minayo (1994), o método de saturação considera o número de espécies suficiente quando permitido uma certa reincidência das informações coletadas, porém sem desprezar informações ímpares cujo potenciais explicativos devem ser levados em conta.

A curva de saturação foi utilizada para determinar a suficiência amostral através dos dados coletados sobre as espécies citadas. A média dos valores das amostras expressam a curva e a saturação se dá quando o aumento de dados coletados for inferior a 5% (FELFILI et. al., 2011). A curva de saturação foi feita no Excel 2013 utilizando a ferramenta gráfico.

O Presidente da Associação, Sr. U.N.C. (43 anos) foi o representante inicial da técnica bola de neve, por ser o representante da comunidade, que ao final da entrevista citou três possíveis candidatos a participar da pesquisa. A entrevista seguinte decorreu com um dos três indicados pelo representante inicial, que ao final da entrevista também indicou mais três possíveis participantes e, assim sucessivamente, até que se atingiu o número de pessoas desejadas. A escolha do participante indicado se deu pela sua disponibilidade.

Alguns entrevistados acompanharam até a residência do próximo candidato incumbindo da apresentação do entrevistador que, conforme previamente combinado deixava o local para a entrevista

decorrer com suas devidas particularidades. Quando não houve tal disponibilidade, a apresentação foi feita pelo próprio entrevistador, apenas citando o participante que o indicou.

Após, iniciou-se a explicação do trabalho, dos objetivos e da importância da colaboração de cada participante. Esse primeiro contato foi muito importante para o aceite ou não em participar da pesquisa e do real empenho do entrevistado em responder as perguntas e indagações sugeridas.

Após o primeiro contato a entrevista decorreu somente depois da apresentação do Termo de Anuência Prévia (TAP) (Apêndice 4) e sua assinatura, geralmente no quintal ou na varanda da residência, com um ou mais responsáveis pela família, de acordo com a disponibilidade de cada um.

### 3.3. TÉCNICAS DE PESQUISA

A análise através dos aspectos subjetivos torna possível compreender valores sociais e culturais, bem como as relações de grupo e o contexto histórico da região (MINAYO, 2007), o que torna possível uma maior aproximação dos valores de cada indivíduo entrevistado e, de maneira mais ampla, de sua família e da comunidade.

Foram utilizadas cinco técnicas de pesquisa para a coleta dos dados socioeconômicos, da residência e do conhecimento etnobotânico, a saber:

#### 3.3.1. Pré-Teste

O pré-teste foi realizado em abril de 2015 com U.N.C. (43 anos), Presidente da Associação de Moradores da Comunidade. O pré-teste consistiu de uma conversa informal onde foram abordadas perguntas do tipo semiestruturadas e abertas com os dados pessoais, como: nome, sexo, idade, estado de origem, grau de instrução, quanto tempo reside na comunidade; e, sobre o conhecimento sobre as plantas, como: quais plantas conhece e se há pessoas na comunidade que conhecem bastante as plantas?

Com a realização do pré-teste foi possível organizar um cronograma de visitas à comunidade e ajustar a melhor metodologia, técnicas e ferramentas para aquisição dos dados, pois é um diagnóstico de sondagem. Foi constatado também quatro públicos alvo: 1 – os proprietários e funcionários dos bares e restaurantes; 2 – a diretora da escola; 3 – os moradores; e, 4 – visitantes que possuem residência na comunidade.

Representantes dos bares e restaurantes foram entrevistados para melhor descrever a economia local e conhecer a cultura gastronômica da região, tais como proprietário, gerente e cozinheiro. A escola local foi visitada para conhecer o perfil dos alunos e professores, e a maneira como a escola trabalha sobre a educação ambiental com aqueles que nasceram em meio a natureza. Os moradores foram entrevistados para resgatar a sabedoria local tradicional quanto ao uso das plantas. Tais entrevistas ocorreram de maneira tranquila e, geralmente, sentados na varanda ou no quintal da residência.

### 3.3.2. Entrevistas Semiestruturadas e Abertas

A técnica de pesquisa com entrevistas do tipo semiestruturadas e abertas (MINAYO, 1994) permite abordar o entrevistado de maneira informal e elaborar perguntas pertinentes a algum assunto interessante que surgiu e não ficou bem esclarecido. Essa forma de pesquisa foi de suma importância para a aproximação e conquista da confiança dos informantes para responder com veracidade todas as perguntas, pois, como afirmam Albuquerque e Hanazaki (2006) “entrevistar é uma arte”.

Foram elaboradas três tipos de entrevistas, uma para cada público alvo: 1 – os moradores; 2 – os bares e restaurantes; e, 3 – a escola (Apêndices 1, 2 e 3). As entrevistas ocorreram sempre no período da tarde, em dias alternados da semana e aos sábados, de acordo com a disponibilidade dos participantes.

Os pré-requisitos para a seleção dos participantes foram a disponibilidade de tempo e a maioridade civil. Em cada residência foram convidados a participar o casal e, porventura, os demais adultos presentes,

como filhos e pais. O número de participantes nas entrevistas de cada residência variou de acordo com a disponibilidade dos moradores.

O mesmo tipo de entrevista dos moradores locais foi destinado aos visitantes que possuem residência na comunidade. Foram abordados para melhor compreender a que ponto essa cultura está presente na vida desses que ali permanecem apenas por alguns dias do mês.

Nos três tipos de entrevistas foram abordadas questões sobre os dados socioeconômicos, do quintal, do conhecimento sobre a plantas e das atividades realizadas envolvendo as plantas nas diferentes unidades de paisagens (quintal, roça, cerrado e mata ripária).

### 3.3.3. Observação Direta

A comunidade, na visão do pesquisador, se torna um lugar de aprendizagem. A simplicidade na abordagem abre preceitos para perceber, conhecer e trocar conhecimentos. O respeito da comunidade, as experiências de vida, a sabedoria, a cultura, entre outros, são conquistados e ofertados ao investigador no momento em que se insere no cotidiano local.

As atividades realizadas pelos informantes, como o feitio do vinagre de tamarindo e a observação festa de Nossa Senhora da Conceição foram registradas através da observação direta, técnica que permite conhecer e descrever com maiores detalhes o conhecimento e a cultura dos informantes.

Na observação direta e participante, os fenômenos observados em campo baseiam-se na observação e registro livre com maior ou menor grau de envolvimento do pesquisador (ALBUQUERQUE E LUCENA, 2004).

Durante a entrevista, um participante ao mencionar o uso e benefícios do vinagre de tamarindo convidou para realizar o feitio do mesmo em outra data previamente agendada. No dia 23/11/2016 foi confeccionado o vinagre com início às 9h e término às 12h na casa do Sr. A.S. (75 anos), onde o mesmo realizou todo o preparo e o entrevistador

participou apenas com a observação direta e algumas perguntas pertinentes ao preparo.

Durante os dois anos de pesquisa houve duas festas da padroeira Nossa Senhora da Conceição realizadas sempre no dia 08 de dezembro. As três noites que antecederam a festa, o Tríduo, e o dia da festa foram acompanhados pelo pesquisador que utilizou o diário de campo e o registro fotográfico para transcrever os dados observados e capturar cenas marcantes do festejo.

#### 3.3.4. História de Vida

A história de vida narrada pelo informante permite descrever as experiências vividas, sendo livre a vontade de manifestar ou não os fatos (MEIHY, 1998). Esta técnica foi utilizada na descrição de fatos particulares da vida da pessoa informante e, muitas vezes, da sua família, vividas ou presenciadas na comunidade.

A manifestação da contação da história de vida pelos participantes ocorre de forma natural durante a entrevista. Por ser do tipo semiestruturada e aberta, a entrevista favorece o pesquisador à instigar e incentivar o entrevistado a dividir suas experiências. Não há um momento ou uma pergunta específica para este momento, mas sim a livre condução da entrevista pelas duas partes, entrevistador e entrevistado, como uma conversa informal.

#### 3.3.5. Turnê Guiada

A turnê guiada abrange as caminhadas exploratórias nos quintais e roça dos informantes e na natureza, como o cerrado e a mata ripária próximas da comunidade, a fim de averiguar as diferentes espécies vegetais existentes, conhecidas e utilizadas para algum fim, o que possibilita determinar as diferentes etnocategorias de uso, além da realização das coletas botânicas.

As turnês guiadas foram realizadas com os moradores da comunidade, muitas vezes no decorrer das entrevistas, nos quintais nas próprias residências e nas proximidades das mesmas. De acordo com as

disponibilidades dos colaboradores foram agendadas turnês na mata de galeria que costeia os seus terrenos e no cerrado costeando as ruas da comunidade.

Essas oportunidades foram de extrema importância para conhecer os quintais, as plantas que os compõem, além da realização das coletas botânicas.

### 3.4. REGISTRO DAS INFORMAÇÕES

Duas técnicas de registro das informações foram utilizadas com caráter de organização e transcrição dos dados percebidos.

#### 3.4.1. Diário de Campo

O diário de campo transcreve os dados observados ao longo das visitas à comunidade, aos domicílios e à vegetação nativa que circunda a comunidade, com intuito de apontar e anotar fatos e eventos marcantes para somente depois analisar e concluir as percepções obtidas.

Também foi utilizado durante a observação do preparo do vinagre de tamarindo e da festa de Nossa Senhora da Conceição, e turnês guiadas nos quintais, roça, cerrado e mata ripária. Foram anotadas a data, o nome do evento e a percepção do pesquisador.

#### 3.4.2. Registro Fotográfico

O registro fotográfico foi utilizado para retratar e conservar momentos importantes e com características peculiares em imagens, da comunidade, residências, moradores, eventos culturais, plantas, animais, entre outros. Foi utilizado uma câmera fotográfica semiprofissional e, eventualmente, a câmera do celular.

Entre os diversos tipos de fotografia científica, a fotografia documental, registra imagens verdadeiras e de âmbito histórico com aspectos relacionados ao homem (BELZ, 2011).

### 3.5. COLETAS ETNOBOTÂNICAS

As coletas etnobotânicas ocorreram nas visitas às residências, bares, restaurante e escola da comunidade com aplicação da entrevista, no período de maio de 2015 a maio de 2016 com frequência mensal, em dias da semana alternados ou aos sábados.

Durante as entrevistas às residências foram verificados o perfil socioeconômico da família, dados do imóvel, do quintal e o saber relacionado às plantas, como nome popular, parte utilizada, finalidade e a forma de uso, bem como o manejo e a conservação local. Também foi possível registrar imagens relacionadas às diferentes unidades de paisagens através de fotografias durante as turnês guiadas.

Durante as caminhadas exploratórias nos quintais e roça, e na natureza, como, mata ripária e cerrado, foram coletadas amostras de vegetais, sobretudo na fase reprodutiva e vegetativa, juntamente com o informante, para montagem de exsicatas e sua catalogação. Algumas plantas usadas pelos informantes foram identificadas no local da entrevista de acordo com o conhecimento do autor, outras não foram encontradas durante as excursões de coleta, portanto os nomes científicos aferidos a esse grupo são aqueles mais comuns vinculados aos nomes populares.

A retirada de amostras vegetais de algumas plantas não foi possível devido há alguns fatores que ocorreram de maneira isolada ou não, quais são: a falta de partes reprodutivas, a grande altura da árvore impedindo a coleta das partes vegetativa e reprodutiva, plantas ornamentais com poucos exemplares, espécies exóticas comuns e espécies nativas não encontradas no cerrado ou na mata ripária.

As exsicatas, os registros e catalogações foram realizadas no Herbário Central da Universidade Federal de Mato Grosso com a ajuda dos técnicos especialistas, permanecendo ali depositadas. A nomenclatura taxonômica, segundo APG III foi conferida por meio da base de dados do MOBOT, Missouri Botanical Garden, NY (<http://www.tropicos.org>).

### 3.6. ANÁLISE DOS DADOS

Para a análise dos dados socioeconômicos foram feitas tabelas de cada pergunta no Excel. Cada entrevista recebeu um número ordinal de identificação na mesma ordem em que foram sendo realizadas, onde a primeira entrevista recebeu o número 1, a segunda o 2 e, assim, sucessivamente. A primeira coluna da planilha recebeu o número correspondente da entrevista e a segunda coluna a resposta da pergunta, sendo que cada pergunta, suas respostas e tabulações ficaram em abas diferentes para melhor visualização.

Todas as perguntas das entrevistas (Apêndices 1, 2, 3 e 4), com exceção das plantas citadas, foram analisadas por meio da estatística descritiva, sendo avaliadas apenas a frequência absoluta e relativa. Para a idade dos informantes, além das frequências também foram calculados o mínimo e o máximo.

Outra planilha foi construída com os dados de todas as plantas citadas, reunindo as informações presentes na questão 27 do Apêndice 1 com dados complementares de cada planta, quais foram: número de registro no Herbário, nome científico, família, hábito, origem (nativa ou exótica) e anotações diversas (detalhes declarados nas entrevistas). Somente depois de todas essas informações digitadas e conferidas é que se iniciaram a análise quantitativa dos dados etnobotânicos.

Para a análise quantitativa foram utilizados: Nível de Fidelidade (NF), Fator de Correção (FC) e Percentual de Concordância quanto ao Uso Principal (Pcup %). Esses cálculos expressam o Consenso entre os informantes e permitem avaliar a importância relativa de cada planta e inferir quais são as espécies e/ou famílias mais importantes para uma população estudada, segundo Friedman (1986), Amorozo e Gelly (1988), (Phillips e Gentry, 1993) e Pasa (2011, 2012, 2013).

a) O Nível de Fidelidade (Equação 1) determina o valor de uso das plantas quanto à finalidade, assim, marca o consenso entre os informantes.

$$NF = \frac{Fid}{Fsp} \times 100 \quad (1)$$

Onde: NF = Nível de fidelidade;

Fid = Número de informantes que indicaram o uso principal para cada espécie;

Fsp = Número total de informantes que citaram a planta para algum uso, ou seja, frequência absoluta;

b) O Fator de Correção (Equação 2) é necessário devido a diferença no número de informantes que citaram usos para cada espécie.

$$FC = \frac{Fsp}{ICEMC} \quad (2)$$

Onde: FC = Fator de correção;

Fsp = Número total de informantes que citaram a planta para algum uso, ou seja, frequência absoluta;

ICEMC = Número de citações da espécie mais citada

c) E, para calcular a Porcentagem de Concordância corrigida quanto aos usos principais para cada uma das espécies (Pcup) é usada a multiplicação dos resultados de NF e FC, para indicar a expressiva popularidade da planta (Equação 3):

$$Pcup = NF \times FC \quad (3)$$

Onde: Pcup = Frequência relativa, ou seja, percentual de concordância quanto ao uso principal

NF = Nível de fidelidade

FC = Fator de correção

O total de citações (Fsp) e uso principal (Fid) de determinada espécie vegetal influenciam o Nível de Fidelidade. Com um NF alto, o valor da concordância de uso (Pcup) terá um alto resultado, revelando uma

expressiva popularidade da planta quanto ao uso na comunidade estudada (PASA, 2011b).

Os cálculos que são utilizados para análise da flora medicinal, permitem visualizar a diversidade local de uso terapêutico. O Pcup, igual ou maior a 50% do total das espécies citadas pelos informantes, demonstra que a multiplicidade de usos de determinada espécie vegetal no tratamento dos diversos males da saúde humana tem predomínio de conhecimento e utilização pela população estudada (PASA, 2011b).

## 4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

### 4.1. PERFIL SOCIOECONÔMICO

Foram entrevistadas 60 pessoas sendo 30 do sexo feminino e 30 do masculino. Em cada local, o número de entrevistados variou de uma à três pessoas de acordo com a disponibilidade dos presentes.

A suficiência amostral foi atingida com visitas de 28 residências, dois bares, um restaurante e a escola, quando o aumento de espécies vegetais passou a ser inferior a 5% (FIGURA 2).

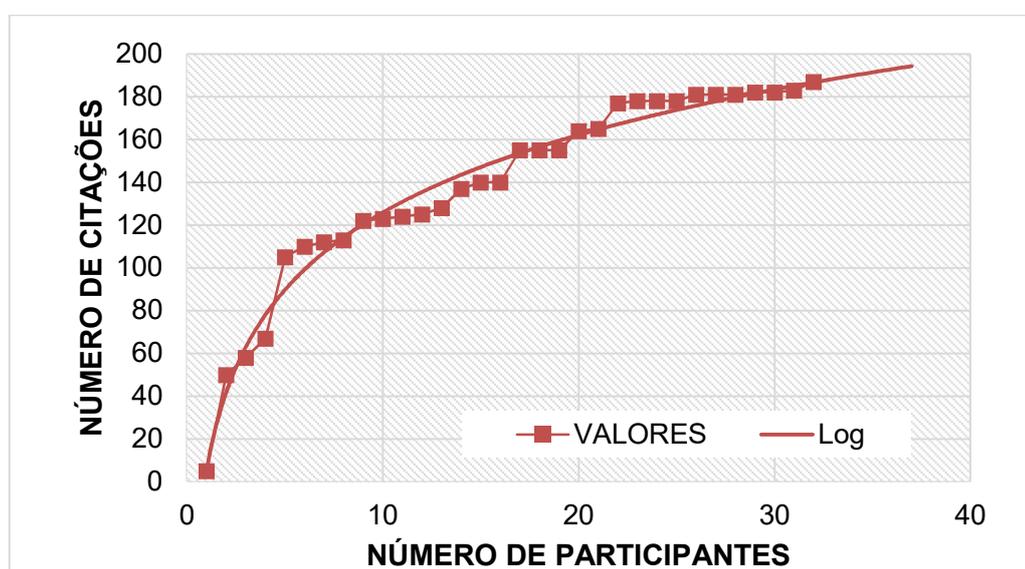


FIGURA 2 – CURVA DE SATURAÇÃO DEMONSTRANDO A SUFICIÊNCIA AMOSTRAL.

A idade dos informantes variou entre 18 e 79 anos e apresentou maior frequência entre 18 a 45 anos de idade. Ao considerar apenas o sexo feminino, a menor idade foi de 18 e a maior de 75 anos e, entre o sexo masculino, a menor idade foi de 23 e a maior de 79 anos.

Das 28 residências visitadas totalizou 54 informantes, dos dois bares com três informantes, o restaurante com dois informantes e a escola, com mais um informante. O conhecimento e as atividades realizadas com as plantas tiveram maior intensidade com os moradores locais e menor

grau com bares, restaurantes e escola, determinado no segundo grupo pelo ínfimo espaço amostral (FIGURA 3).

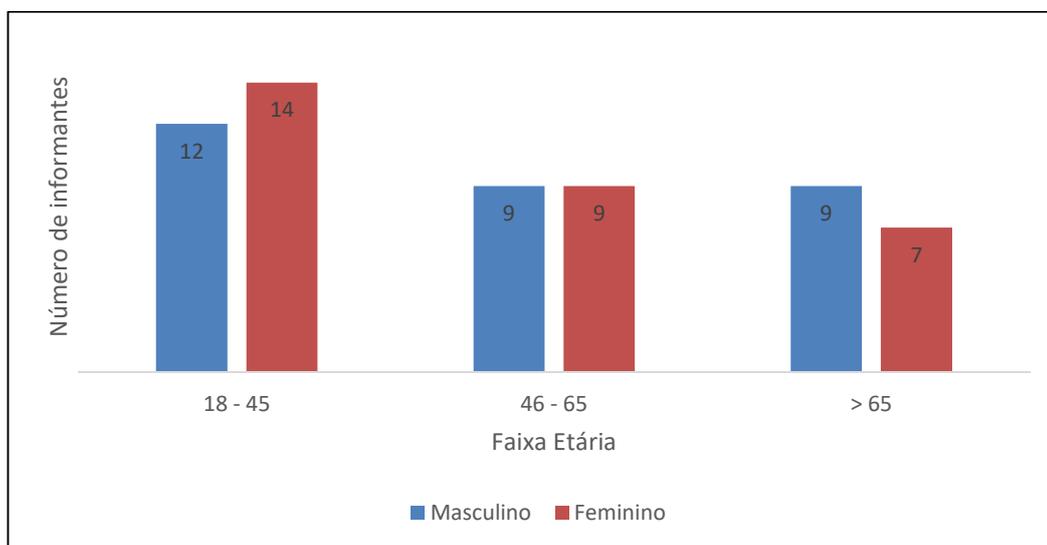


FIGURA 3 – IDADE DOS INFORMANTES. COMUNIDADE PASSAGEM DA CONCEIÇÃO, VÁRZEA GRANDE, MT, 2016.

De um universo de 60 pessoas, 59 possuem origem no estado de Mato Grosso, ou seja 98%, e apenas uma informante é do estado de São Paulo, correspondendo a 2%. Do total mato-grossense, 41 pessoas são da própria comunidade Passagem da Conceição e três da região central de Várzea Grande; os demais possuem origem em outros municípios do Mato Grosso: seis de Cuiabá (sendo uma de Nossa Senhora da Guia); Cáceres e Poconé com três cada (sendo uma da comunidade Forquilha pertencente à Poconé); e, a categoria outros englobou Rosário Oeste, Nossa Senhora do Livramento e Dom Aquino, com uma pessoa cada (FIGURA 4).

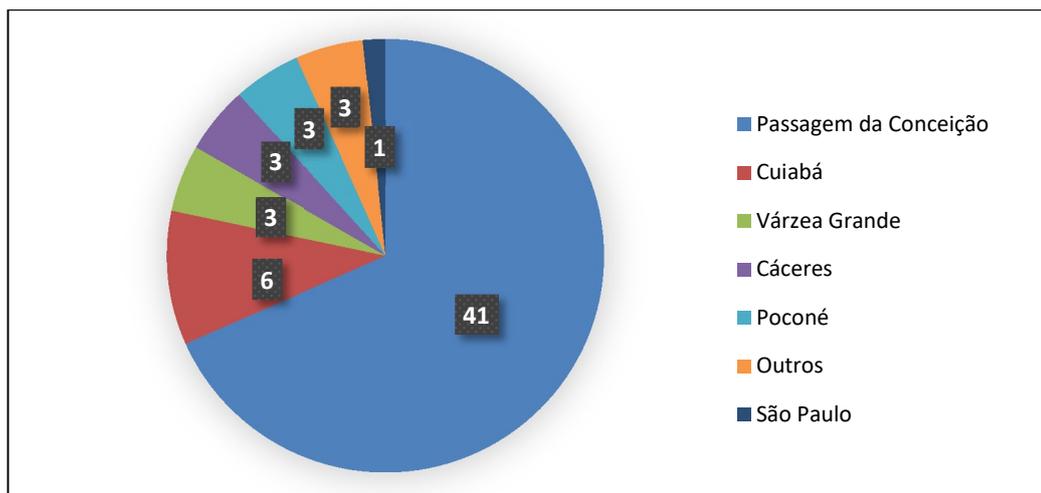


FIGURA 4 – ORIGEM DOS INFORMANTES. COMUNIDADE PASSAGEM DA CONCEIÇÃO, VÁRZEA GRANDE, MT, 2016.

Através das entrevistas verificou-se que dos 19 informantes que não possuem origem na Passagem da Conceição 13 imigraram depois que se casaram com alguém proveniente da comunidade e uma possui vínculo familiar, seu pai. Cinco pessoas declararam não possuir vínculo familiar, permanecendo na comunidade apenas a trabalho.

A comunidade é composta por uma igreja católica e uma evangélica. Dentre os entrevistados 88% (53 informantes) declararam-se católicos, 10% (seis informantes) evangélicos e apenas uma pessoa, que corresponde a 2%, declarou-se espírita.

A igreja católica presente na praça central foi construída em 1910 e a comunidade sempre é lembrada pelas festividades em homenagem à padroeira Nossa Senhora da Imaculada Conceição e a alguns santos, conferindo o caráter católico da região. A única declarante espírita não tem sua raiz e não reside na comunidade, se dirige apenas à trabalho.

As famílias ali presentes são essencialmente tradicionais, fato observado pelo estado civil dos declarantes. Dos 50 informantes que mantém algum tipo de vida conjugal, 45 são casados no cartório de registro civil, dois possuem união estável registrado em cartório e, apenas, três mantem a informalidade, neste caso considerado amigado. (FIGURA 5).

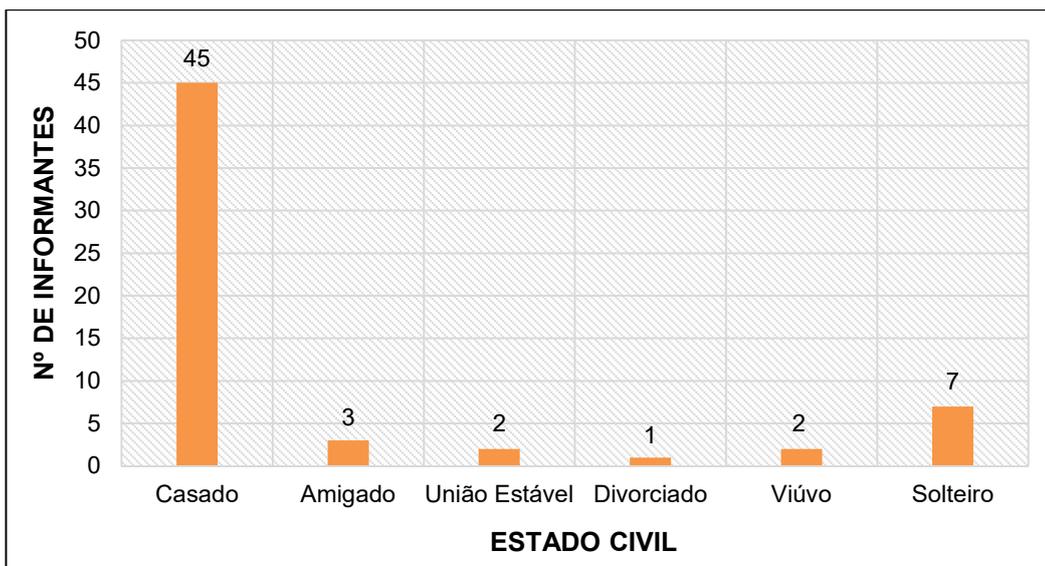


FIGURA 5 – ESTADO CIVIL DOS INFORMANTES. COMUNIDADE PASSAGEM DA CONCEIÇÃO, VÁRZEA GRANDE, MT, 2016.

Quanto à escolaridade, o maior número de informantes está na categoria ensino fundamental, completos ou incompletos, totalizando 28 pessoas (FIGURA 6). Esse número reflete a falta de acesso da comunidade ao município de Cuiabá e Várzea Grande no passado, pois a região, ainda hoje, conta apenas com a educação básica. O acesso à comunidade era muito difícil, se dava apenas pelo mato a pé, ou pelo rio Cuiabá de canoa. Somente mais tarde surgiu a estrada Passagem da Conceição que liga a comunidade aos municípios de Várzea Grande e Cuiabá.

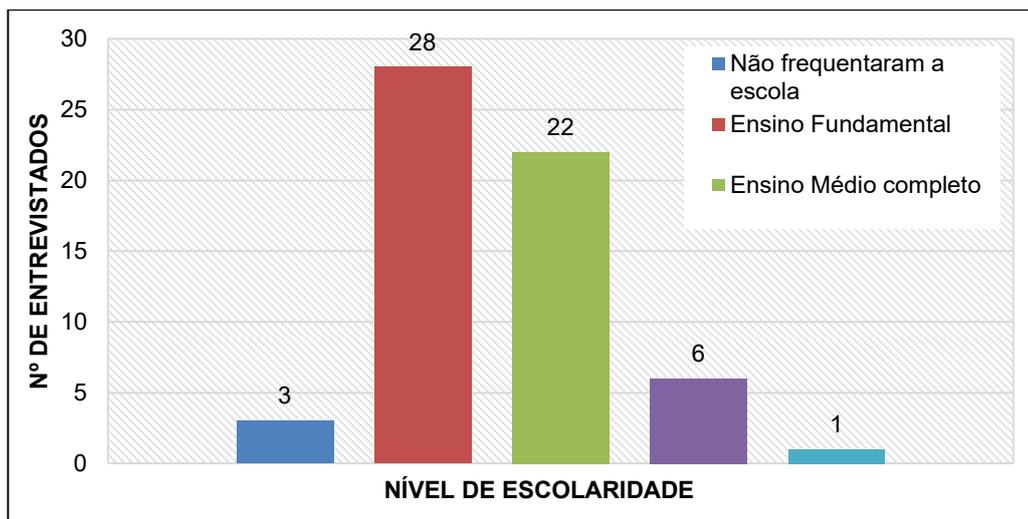


FIGURA 6 – NÍVEL DE ESCOLARIDADE DOS INFORMANTES DA COMUNIDADE PASSAGEM DA CONCEIÇÃO, VÁRZEA GRANDE, MT. 2106.

Seu A.S (75 anos) conta que não queria ter parado de estudar. Coursou até o 5º ano (antiga 4ª série) do ensino fundamental, mas continuou frequentando a escola por mais três anos, repetindo a 4ª série na tentativa de continuar o aprendizado.

Todos os depoentes que estudaram depois do 5º ano se mudaram para Cuiabá ou Várzea Grande nesse período, retornando para a comunidade somente depois que os estudos acabaram ou mesmo pela própria desistência.

Entre os informantes que cursaram nível superior está a Sra. R.C.S. (43 anos). Hoje ela leciona na escola local, sendo a única professora da escola que é da própria comunidade. A Sra. A. C. S. C. (48 anos) possui duas pós-graduações na área de ensino e, apesar de não ser e não residir na comunidade, ela é diretora da escola local há 10 anos e adora a comunidade com seus costumes e tradições.

Na variação da renda mensal destacou-se o valor de um salário mínimo com 37%, fato este que pode ser associado ao baixo grau de instrução e ao grande número de aposentados. Neste grupo, aparecem 20 aposentados.

Dentre os entrevistados que se declararam aposentados destacaram-se as profissões do lar e pescador, com 7 indicações cada. Dos sete pescadores apenas um continua pescando, porém este pesca

apenas para consumo próprio e a pescaria profissional foi abandonada quando se aposentou. Todos os pescadores relataram que o desinteresse na pesca profissional foi a falta de peixe nos rios da região.

Outras profissões dentro do grupo de aposentados também foram citadas, como: dois contadores (esse casal residia em Cuiabá quando eram trabalhadores ativos e se mudaram para a comunidade quando se aposentaram, sendo o marido natural da Passagem da Conceição, fator decisivo para a mudança de residência); comerciante, serviços gerais, vendedor e pedreiro com uma indicação cada.

Ao se considerar a amostra total de 60 informantes, as profissões de destaque foram as mesmas de quando analisado apenas a do grupo dos aposentados, sendo do lar com 14 indicações e pescador com as mesmas 7 indicações. Nota-se que uma das características da comunidade, que era a pescaria profissional, está em queda, pela falta de peixes no rio e/ou pela evasão dos jovens para os centros urbanos em busca de melhores empregos e complementação dos estudos.

Entre as profissões classificadas como outras estão: contador, cozinheiro, vendedor, secretária, diretora de escola, professora, policial militar, agente administrativo, manicure, auxiliar de indústria, eletricista, gerente de restaurante, espeteiro e estudante. Os cozinheiros trabalham no restaurante local (FIGURA 7).

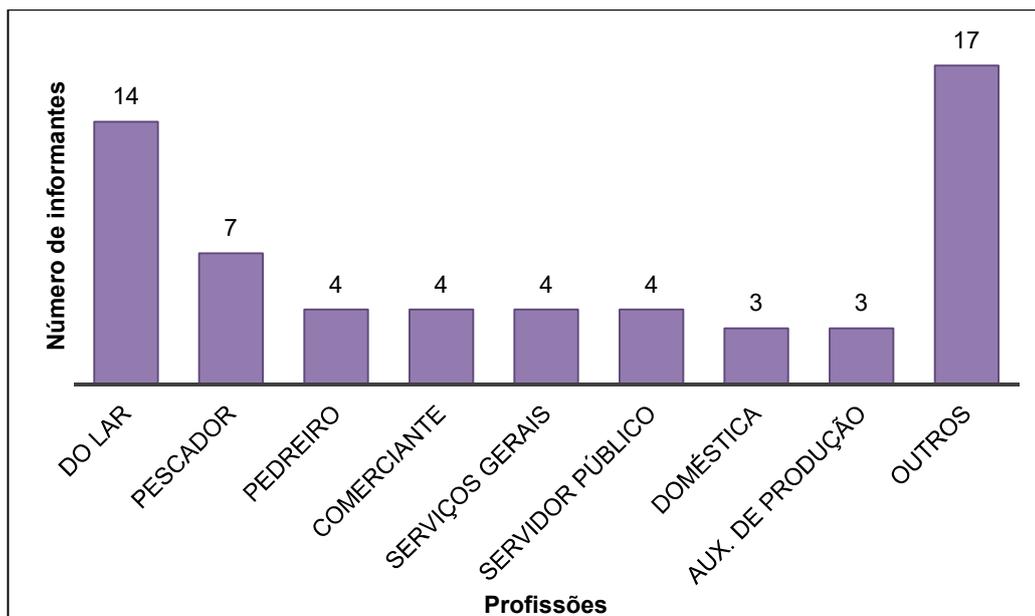


FIGURA 7 – PROFISSÕES DOS INFORMANTES. COMUNIDADE PASSAGEM DA CONCEIÇÃO, VÁRZEA GRANDE, MT, 2016.

Ao analisar o tempo de residência dos informantes, sobressai o tempo de permanência por mais de 30 anos e, ao correlacionar o tempo com a origem dessas pessoas nota-se que num total de 32 informantes que residem na comunidade há mais de 30 anos, 28 residem ali desde o nascimento, e quatro informantes se mudaram depois de se casarem com alguém nato da Passagem da Conceição. Tal fato demonstra que a Passagem da Conceição é uma comunidade tradicional.

Para o tempo de residência entre 10 e 29 anos, de 9 informantes que possuem sua origem na comunidade, dois relataram que moraram em Cuiabá para estudar e quatro para trabalhar retornando mais tarde, e três são devido a sua idade ser inferior ou igual à 29 anos. Dos que não possuem sua origem na comunidade, quatro se mudaram após o casamento, um aos três anos de idade depois do pai retornar à Passagem da Conceição e, apenas um não tem qualquer vínculo familiar ou empregatício.

Para o tempo de residência menor que 9 anos, cinco se mudaram após o casamento e um para trabalhar no restaurante local, todos são mato-grossenses, porém nascidos em outros municípios.

Para os que não residem na comunidade, quatro informantes são de uma mesma família, dois irmãos e suas esposas, todos naturais da

Passagem da Conceição. A propriedade é de uso familiar, dividida entre 7 irmãos, e é utilizada apenas aos finais de semana, feriados ou férias. Todos residem em Cuiabá desde a adolescência, e apesar do tempo continuam a frequentar a comunidade, agora com seus descendentes, o que retrata a força das raízes culturais.

Os outros três informantes, a diretora da escola, o dono de um dos bares e o cozinheiro do restaurante, também não residem na comunidade. Ambos vão à trabalho e retornam para a cidade de Cuiabá e Várzea Grande ao final do expediente.

O tempo de permanência na comunidade variou de dois à 77 anos, sendo muito comum, após o matrimônio, continuarem a morar, herdar, ou ainda, construir sua casa no mesmo terreno que a dos pais.

Muitos tiveram a oportunidade de morar em Cuiabá ou Várzea Grande para estudar e/ou trabalhar, porém vários retornaram à procura de uma vida mais tranquila e perto da natureza, para aí constituírem família (FIGURA 8).

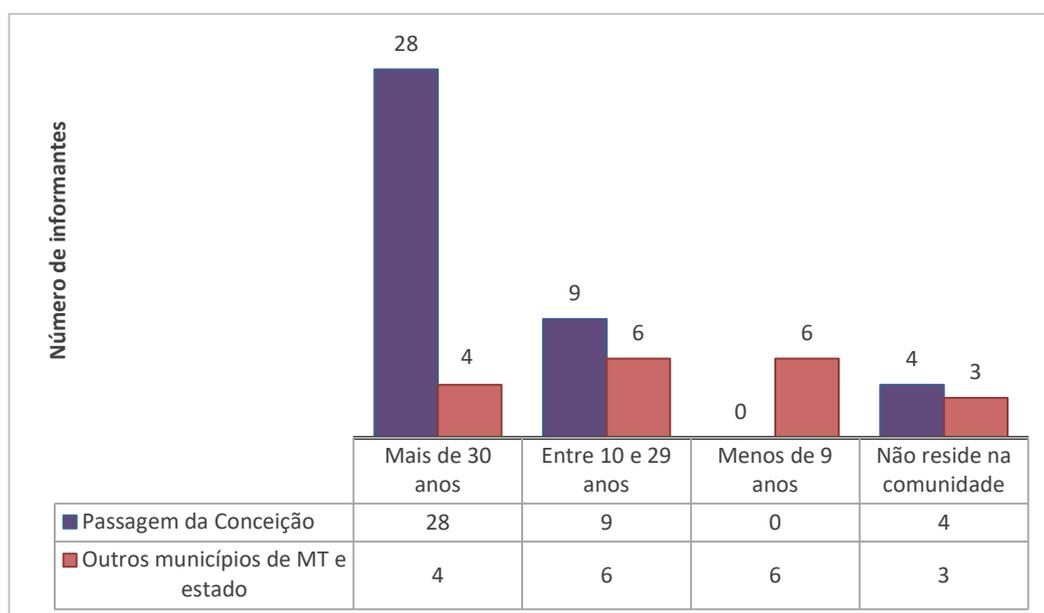


FIGURA 8 – DISTRIBUIÇÃO DO NÚMERO DE INFORMANTES POR TEMPO DE MORADIA. COMUNIDADE PASSAGEM DA CONCEIÇÃO, VÁRZEA GRANDE, MT, 2016.

A exemplo de pessoas que voltaram para a comunidade a procura de tranquilidade e paz, está o Sr. J.S.C. Conta que seus avós

chegaram em 1875 na Passagem da Conceição e nesta época estabeleceram moradia e trabalharam com sapataria. O Sr. J.S.C., hoje com 67 anos de idade, nasceu na comunidade, mas quando completou três anos de idade se mudou para Cuiabá juntamente com seus pais, onde estudou, trabalhou e constituiu uma nova família. Há 10 anos voltou para a Passagem da Conceição com a esposa que tem origem em Rosário Oeste-MT. Seus filhos e netos continuam em Cuiabá e os vem visitar aos finais de semana.

Com base nesses dados (FIGURA 8), verifica-se que há persistência por parte dos comunitários que participaram desta pesquisa em continuar em seu local de origem. A maioria dos informantes reside na comunidade há mais de trinta anos e o conhecimento tradicional é evidente. O rio, o cerrado, a mata ciliar, a roça e os quintais fazem parte do cotidiano dessas pessoas e mesmo tendo intensa influência das áreas urbanas vizinhas, Cuiabá e Várzea Grande, a sabedoria tradicional evidencia-se em meio a conhecimentos procedentes da modernidade.

## 4.2. ASPECTOS HISTÓRICOS E SOCIAIS

### 4.2.1. O povo e a cultura material

De acordo com os próprios relatos e registros dos moradores entrevistados a comunidade foi fundada em 1813, quando o lavrador Manoel Antônio da Conceição, conhecido por Conceição, se instalou na região juntamente com sua família e, para completar sua renda, cobrava pelo transporte de passageiros com sua canoa para o lado de Cuiabá e de lá para o lado de Várzea Grande, uma vez que o local era um porto natural.

A tradição da travessia neste trecho se manteve até meados de 2014, porém por dois funcionários da Prefeitura de Várzea Grande, que se revezavam na tarefa, um de manhã e o outro de tarde, com um barco de alumínio impulsionado por remos. Hoje, pela facilidade de acesso aos municípios de Várzea Grande e Cuiabá, a travessia feita de canoa abandonada.

A comunidade ganhou o nome de Passagem do Conceição em homenagem ao Sr. Manoel e, posteriormente, foi alterada para Passagem

da Conceição em adoração à Nossa Senhora da Conceição após doação de uma imagem da santa feita por um fiel, conforme relatos dos informantes, e hoje presente na igreja local (FIGURA 9).



FIGURA 9 – IGREJA NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO. COMUNIDADE PASSAGEM DA CONCEIÇÃO, VÁRZEA GRANDE, MT. FONTE: ACERVO DA AUTORA. 2016.

A comunidade foi local de passagem dos tropeiros por muitos anos. As tropas de muares guiadas pelos tropeiros realizavam o transporte de produtos para várias localidades.

“Pelas trilhas e caminhos trafegavam os tropeiros, conduzindo as tropas de fazenda em fazenda, de vila em vila, de uma província a outra. Cada dia em uma localidade e, durante as noites, pousando em ranchos cobertos de sapé, enquanto os animais descansavam no potreiro” (MAGALHÃES, 2007).

Os tropeiros que ali trafegavam transportavam couro cru de veado, anta e boi, material utilizado para a confecção de chinelos e outros produtos de couro. Por muitos anos a economia local foi guiada pelas fábricas manuais de chinelos pela qualidade e quantidade, vendidos nas cidades de Cuiabá, Várzea Grande e Poconé.

O couro era curtido na cinza se transformando em um produto estável, durável, agradável e bonito, além de se tornar um material passível de sofrer o ataque de microrganismos decompositores. O couro de anta era utilizado para a confecção do solado dos chinelos, por ser um material muito resistente.

Localizada à margem direita do rio Cuiabá, a comunidade Passagem da Conceição é considerada uma comunidade ribeirinha

(FIGURA 10). De acordo com os próprios moradores habita hoje cerca de 60 famílias na comunidade, fato já evidenciado por Screnci-Ribeiro & Guarim Neto (2014), com um total de 286 pessoas, sendo a família composta pelo casal com dois ou três filhos.



FIGURA 10 – VISTA PARCIAL DA MARGEM DIREITA DO RIO CUIABÁ. PASSAGEM DA CONCEIÇÃO, VÁRZEA GRANDE, MT. FONTE: ACERVO DA AUTORA. 2016.

A comunidade, ainda pertencente ao município de Cuiabá, tornou-se, pela Lei Estadual nº 892 de 13/07/1923 em distrito e, pela Lei Estadual nº 370, de 31/07/1954, foi transferido para o município de Várzea Grande, sendo hoje o segundo distrito de paz (IBGE, 2016).

Enchentes fizeram ruir várias casas da comunidade, além de deixar muitas danificadas. As enchentes de 1942 e 1974 causaram grandes prejuízos e incentivaram várias famílias a se mudarem pra Cuiabá ou Várzea Grande.

Enchentes de tamanhas proporções cessaram depois da construção da usina hidrelétrica APM – MANSO, localizada no rio Manso, principal afluente do rio Cuiabá, no município de Chapada dos Guimarães-MT. A usina foi projetada e teve sua conclusão em 1999 para atender ao

conceito de usos múltiplos do reservatório e da água, sendo utilizada para geração de energia elétrica e pela regularização dos ciclos de cheias e secas do rio Cuiabá, o que contribuiu para reduzir os danos socioeconômicos dos ribeirinhos do rio Cuiabá.

Parte da história da Passagem da Conceição está demonstrada na Casa de Memória Edith da Silva Fontes – “Sinharinha”, inaugurada em 16 de julho de 2005. O ambiente é constituído por uma sala com cerca de 30 m<sup>2</sup>, muito bem conservada, feita de adobe com portas e janelas de madeira. Ficam expostos ao público objetos, móveis, fotografias, documentos e pertences dos moradores locais (FIGURA 11 FIGURA 12).



FIGURA 11 - CASA DE MEMÓRIA EDITH DA SILVA FONTES – DONA SINHARINHA. PASSAGEM DA CONCEIÇÃO, VÁRZEA GRANDE, MT. FONTE: ACERVO DA AUTORA. 2016.



FIGURA 12 – ACERVO DA CASA DE MEMÓRIA EDITH DA SILVA FONTES – DONA SINHARINHA. PASSAGEM DA CONCEIÇÃO, VÁRZEA GRANDE, MT. FONTE: ACERVO DA AUTORA. 2016.

A lembrança é um dos fundamentos que dá estímulo à vida. A preservação dessa memória – fotos, documentos, objetos, entre outros – leva a organização e registros que construíram esse local. Fatos do passado levam ao entendimento dos acontecimentos do presente.

A história comunitária é uma construção que traz em si as marcas das pessoas que dela fazem parte. Tanto aqueles que já não residem mais nela, como aqueles já falecidos e os ali presentes, deram sua contribuição para construir essa história que se busca a preservar.

Preservar a memória da comunidade não se restringe apenas ao resgate do passado, mas também a compreensão das diferenças de cada período no tempo e no espaço, a descoberta de valores e a renovação dos vínculos.

A escola local foi construída em 1958 pelo então governador da época João Ponce de Arruda, a qual levou seu nome (FIGURA 13). Hoje em dia, a Escola Municipal de Ensino Básico (EMEB) Dr. João Ponce de Arruda conta com 17 funcionários: uma diretora nomeada, duas

merendeiras, dois funcionários para a limpeza, quatro guardas e 8 professores, sendo que apenas uma professora (R.C.S., 43 anos) tem suas raízes culturais na comunidade.



FIGURA 13 – ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO BÁSICO DR. JOÃO PONCE DE ARRUDA. PASSAGEM DA CONCEIÇÃO, VÁRZEA GRANDE, MT. FONTE: ACERVO DA AUTORA. 2016.

R.C.S. nasceu na comunidade onde estudou até a 4ª série (hoje 5º ano) do ensino fundamental. A mudança para Cuiabá ocorreu para que continuasse a frequentar a escola e pudesse cursar uma graduação. Ao concluir o curso de pedagogia, R.C.S. retornou a comunidade aos 23 anos para lecionar na escola em que aprendeu a ler e escrever.

Segundo a diretora da escola, em 2010 foram fechadas duas escolas na região, uma na Fazendinha, EMEB Felícia Joana da Cruz, e a outra na Guarita, EMEB Elvira Martins, ambas à poucos quilômetros da comunidade, com o intuito de tornar a escolinha da Passagem da Conceição um polo educacional. Na época, a escola contava com 35 alunos e funcionava apenas no período matutino. Hoje soma 142 alunos, atua em dois períodos, matutino e vespertino, e ainda, conta com um ônibus escolar para o trânsito das crianças, que antes eram das duas escolas desligadas da rede municipal.

A escola fornece a educação infantil, do 1º ao 5º ano do ensino fundamental, que compreende crianças de 4 à 11 anos de idade. É fornecido apenas a merenda que a prefeitura encaminha e, eventualmente, compram na mercearia da comunidade algum produto que falta para a produção da mesma, com o próprio dinheiro que a escola recebe do município.

Há um posto de saúde que mantém atendimento semanal à população local, com clínico geral, pediatra e toda a estrutura que uma Unidade Básica de Saúde possa oferecer. A comunidade também conta com energia elétrica e água encanada.

Hoje em dia o acesso à comunidade é feita por via dupla asfaltada, o que impulsionou o comércio local.

A comunidade também é local de descanso para muitas pessoas. Várias casas de famílias tradicionais são mantidas para seus passeios de fins de semana, feriados e férias.

#### 4.3. ECONOMIA

A economia da comunidade Passagem da Conceição é baseada no comércio constituído de padaria, mercearias, bares e peixarias, inclusive uma com indicação internacional. A repercussão regional, nacional e internacional, alcançada pela comunidade, se deve à gastronomia, através das peixarias com temperos e sabores típicos da baixada cuiabana.

O acesso à localidade se faz pela estrada que leva o seu nome, Passagem da Conceição, hoje duplicada e asfaltada o que impulsionou o comércio local, em especial as peixarias. Turistas de diversas localidades aproveitam para saborear a gastronomia local ou, ainda, aproveitar as belezas naturais que a comunidade desponta com o período de praia, época em que o rio Cuiabá encontra-se com seu leito baixo.

#### 4.4. PERFIL CULTURAL E AMBIENTAL

##### 4.4.1. As Unidades de Paisagens

O ambiente hostil que o Cerrado oferece na época de escassez de água foi amenizado pela incorporação de espécies exóticas úteis, principalmente para alimentação e para remédios naturais, trazidas por imigrantes, parentes ou viajantes como o próprio relato de alguns informantes. Essa incorporação proporcionou a adaptação às condições ambientais e às variações sazonais presentes nessa região. O manejo adaptativo ecológico das unidades de paisagem, como o cerrado, a mata ripária, a roça e os quintais, proporcionaram o desenvolvimento do conhecimento dos recursos vegetais e seus ciclos ecológicos de renovação (AMARAL & GUARIM NETO, 2008).

Entretanto, as comunidades rurais, que ainda mantêm práticas e conhecimentos locais às margens da agricultura moderna, representam um importante contraponto na contemporaneidade e desempenham um papel crível na produção e diversificação de alimentos, na conservação dos recursos genéticos das plantas cultivadas e, conseqüentemente, na promoção da segurança alimentar (PASA, 2011b)

Nos seus mais de 200 anos de história, a Comunidade Passagem da Conceição, desenvolveu uma multiutilização das unidades de paisagem que a cerca. Através da manipulação dos diferentes ambientes ali presentes, a população local conseguiu ampliar a variabilidade de espécies úteis a sua sobrevivência e, ao mesmo tempo, manteve a heterogeneidade de pequenos e grandes habitats.

##### 4.4.1.1. Cerrado

A comunidade Passagem da Conceição com sua cultura tradicionalista em meio ao cerrado está mais próximo do centro urbano de Várzea Grande, devido à expansão do município para os seus arredores. Haja visto que um novo bairro surgiu a beira da Estrada Passagem da Conceição à poucos metros da comunidade e às margens do rio Cuiabá.

Há cerca de poucos anos atrás, os ribeirinhos locais costumavam retirar lenha, madeira, alimento, remédio, entre outras, para uso familiar. O Sr. J.S.C. (67 anos), de família tradicional da comunidade, fala que “o cerrado é rico em remédio” e em sua memória guarda diversas receitas para cura de enfermidades.

Dos 60 informantes, apenas uma, a Sra. I.C.P. (34 anos), ainda retira algum tipo de material do cerrado, fato que demonstra que essa tradição está se tornando escassa. Ela retira folhas, flores, frutos, casca, entre outros, para o preparo de chás para diversas enfermidades e para o uso com caráter místico religioso. Através dos produtos retirados do cerrado, ela cura e alivia enfermidades da família, amigos e pessoas desconhecidas que a procuram com frequência.

A proximidade dos centros urbanos vizinhos também trouxeram uma maior disponibilidade e facilidade de acesso a recursos alimentícios e medicinais.

Outro motivo que tem afastado os moradores do cerrado é o perigo humano, pois junto com a expansão da cidade vieram os malfeitores. Esses oferecem diversos tipos de riscos para quem se afasta do centro da comunidade. Assim as pessoas estão desistindo de utilizar os benefícios da grande biodiversidade do cerrado.

#### 4.4.1.2. Mata ripária

O distrito da Passagem da Conceição nasceu às margens do rio Cuiabá e sua história se dá pelas travessias de uma margem a outra. Nota-se que a vegetação ripária do rio é de grande importância para a comunidade desde a sua concepção (**Erro! Fonte de referência não encontrada.**).

A fala dos moradores locais demonstra o quão importante é a mata ripária na vida de cada um, pela oferta de remédios e alimentos que ajudam na subsistência familiar e, socialmente, pela conservação das margens do rio.

A importância da mata ripária para a comunidade é iminente, pelo clima proporcionado pela vegetação próxima, abrigo de muitos

animais, espécies vegetais com finalidades úteis, além da proteção das margens do rio Cuiabá, o maior atrativo da comunidade, seja pelas belezas naturais, ou pela praia de água doce formada na época da seca.

Nota-se que na parte central da comunidade, onde se localiza a igreja, os bares e restaurante, a vegetação nativa foi praticamente toda alterada, sobressaindo nos dias atuais um grande número de espécies exóticas.

Pela identificação do informante N.N.C. (50 anos) constatou-se 11 espécies de árvores de mata ripária na parte central da comunidade, entre nativas e exóticas. Reclama que só não há maior número de indivíduos arbóreos ou um maior número de espécies porque a população que faz turismo no local arranca as mudas para levar para casa (TABELA 1).

TABELA 1 – ESPÉCIES ARBÓREAS ÀS MARGENS DO RIO CUIABÁ NA PARTE CENTRAL DA COMUNIDADE. PASSAGEM DA CONCEIÇÃO, VÁRZEA GRANDE, MT, 2016.

<b>Família</b>	<b>Nome científico</b>	<b>Nome popular</b>
Anacardiaceae	<i>Mangifera indica</i> L.	Manga
Anacardiaceae	<i>Spondias mombin</i> L.	Cajá-manga
Annonaceae	<i>Annona squamosa</i> L.	Ata
Fabaceae	<i>Anadenanthera macrocarpa</i> (Benth.) Brenan	Angico
Fabaceae	<i>Inga speciosa</i> M. Martens & Galeotti	Ingá
Malpighiaceae	<i>Malpighia glabra</i> L.	Acerola
Moraceae	<i>Ficus benjamina</i> L.	Figueira
Oxalidaceae	<i>Averrhoa carambola</i> L.	Carambola
Poaceae	<i>Guadua paniculata</i> Munro	Taquara
N.I.	N.I.	Acará
N.I.	N.I.	Loro

Legenda: N.I. – Não identificado.

O restaurante local plantou algumas árvores com o intuito de sombra para o seu estabelecimento e proteção contra a erosão, evidenciando assim a percepção de proteção do solo. Outros moradores relataram que gostariam de plantar mais árvores frutíferas para os animais silvestres, já que o cerrado está bem devastado e a quantidade de alimentos reduzida (FIGURA 14).



FIGURA 14 – VISTA PARCIAL DOS BARES E DO RESTAURANTE ÀS MARGENS DO RIO CUIABÁ. PASSAGEM DA CONCEIÇÃO, VÁRZEA GRANDE, MT, 2016.

A EMEB Dr. João Ponce de Arruda, duas vezes por ano, faz atividades de caráter ecológico para limpeza das margens do rio Cuiabá e, assim, mostrar a importância do rio e da vegetação como fonte de alimento e preservação das suas águas. A diretora relata que o objetivo desse tipo de atividade é despertar o caráter ecológico nas crianças, independente daquelas que tem sua origem na zona rural ou urbana, pois todos necessitam da natureza.

#### 4.4.1.3. Quintais agroflorestais

Os quintais das residências visitadas podem ser descritos como quintais agroflorestais, pois na sua maioria alia o sistema de múltiplas espécies agrícolas, florestais e medicinais em vários estratos. São espaços de fácil acesso para os moradores cultivarem uma variedade de espécies com funções entre elas: estética, lazer, alimentação e medicinal.

A diversidade florística presente nos quintais também auxiliam notoriamente à manutenção do microclima, a proteção do solo e a preservação da riqueza vegetal, valor estético de espaços verdes, a prevenção de doenças por meio de uma alimentação diversificada e o poder curativo das plantas medicinais.

Há uma grande variedade de espécies usadas para a alimentação familiar, como plantas frutíferas, hortaliças e variedades agrícolas, que acabam por servir de refúgio para a fauna local nos meses

de escassez de chuva. Segundo próprios relatos dos moradores é muito comum o aparecimento de animais silvestres nos quintais.

Nos quintais foram encontradas uma extensa variedade de plantas utilizadas na alimentação. Somou-se 71 espécies distintas, das 368 citações destinadas à alimentação, distribuídas em 33 famílias botânicas. As famílias que alcançaram maiores representatividades foram Rutaceae (10%), Myrtaceae (10%) e Lamiaceae (8%). A residência que apresentou a maior variedade contou com 20 espécies. Dentre as espécies mais citadas estão o coco-da-baía (*Cocos nucifera* L.), a acerola (*Malpighia glabra* L.) e o limão (*Citrus limon* (L.) Osbeck), com 25, 20 e 18 citações respectivamente. Os hábitos de crescimento mais expressivos foram herbáceo, arbóreo e arbustivo, com 38%, 32% e 19% respectivamente.

O saranzeiro (*Sapium obovatum* Klotzsch ex Müll. Arg.), tipicamente encontrado à beira das margens dos rios e muito utilizado para segurar o barranco, foi citado como alimento para os peixes. A fruta da amburana (*Amburana cearensis* (Allemão) A.C. Sm.) é tida como uma iguaria do cerrado curtida na pinga (TABELA 2).

TABELA 2 – NÚMERO DE CITAÇÕES (Fsp) POR ESPÉCIE DA CATEGORIA ALIMENTAR PRESENTES NOS QUINTAIS. PASSAGEM DA CONCEIÇÃO, VÁRZEA GRANDE-MT, 2016.

Família	Nome Científico	Nome-Popular	Hábito	Origem	Fsp
Arecaceae	<i>Cocos nucifera</i> L.	Coco-da-baía	Pa	E	25
Malpighiaceae	<i>Malpighia glabra</i> L.	Acerola	Ab	E	20
Rutaceae	<i>Citrus limon</i> (L.) Osbeck	Limão	Ar	E	18
Anacardiaceae	<i>Spondias mombin</i> L.	Cajá-manga	Ar	E	17
Anacardiaceae	<i>Mangifera indica</i> L.	Manga	Ar	E	17
Myrtaceae	<i>Psidium guajava</i> L.	Goiaba-branca	Ab	N	16
Sapindaceae	<i>Talisia esculenta</i> (A. St.-Hil.) Radlk.	Pitomba	Ar	N	15
Fabaceae	<i>Tamarindus indica</i> L.	Tamarindo	Ar	E	15
Arecaceae	<i>Acrocomia aculeata</i> (Jacq.) Lodd. ex Mart.	Bocaiuva	Ar	N	13
Myrtaceae	<i>Myrciario culiflora</i> (Mart.) O. Berg	Jabuticaba	Ar	E	13
Annonaceae	<i>Annona squamosa</i> L.	Ata-de-casa/Ata	Ab	E	12
Anacardiaceae	<i>Spondias lutea</i> L.	Seriguela	Ar	E	10
Rosaceae	<i>Rubus glaucus</i> Benth	Amora-preta	Ab	E	8
Musaceae	<i>Musa parasidiaca</i> L.	Banana	He	E	8
Fabaceae	<i>Dipteryx alata</i> Vog.	Cumbarú	Ar	N	8
Anacardiaceae	<i>Anacardium occidentale</i> L.	Caju	Ar	E	7
Poaceae	<i>Saccharum officinarum</i> L.	Cana-de-açúcar	He	E	7
Fabaceae	<i>Inga speciosa</i> M. Martens & Galeotti	Ingá	Ar	N	7
Rutaceae	<i>Citrus sinensis</i> L. Osbeck	Laranja	Ar	E	7
Caricaceae	<i>Carica papaya</i> L.	Mamão	Ab	E	7
Rutaceae	<i>Citrus aurantium</i> L.	Laranja-azedo	Ar	E	6
Rutaceae	<i>Citrus limettioides</i> Tanaka	Lima	Ar	E	6
Punicaceae	<i>Punica granatum</i> L.	Romã	Ab	E	6
Amaryllidaceae	<i>Allium fistulosum</i> L.	Cebolinha	He	E	5

Caryocaraceae	<i>Caryocar brasiliense</i> Camb.	Pequi/ piqui	Ar	N	5
Apiaceae	<i>Coriandrum sativum</i> L.	Coentro	He	E	4
Myrtaceae	<i>Psidium guajava</i> L.	Goiaba-vermelha	Ab	N	4
Lamiaceae	<i>Mentha villosa</i> Becker	Hortelã	He	E	4
Rutaceae	<i>Citrus reticulata</i> Blanco	Mexirica	Ar	E	4
Bromeliaceae	<i>Ananas comosus</i> (L.) Merr.	Abacaxi	He	E	3
Caesalpiniaceae	<i>Senna hirsuta</i> (L.) Irwin & Barneby	Fedegoso	Ab	N	3
Apiaceae	<i>Petroselinum crispum</i> (Mill.) Fuss	Salsinha	He	E	3
Lauraceae	<i>Persea americana</i> Mill.	Abacate	Ar	E	2
Zingiberaceae	<i>Curcuma longa</i> L.	Açafrão	He	E	2
Lamiaceae	<i>Rosmarinus officinalis</i> L.	Alecrim	He	E	2
Fabaceae	<i>Amburana cearensis</i> (Allemão) A.C. Sm.	Amburana	Ar	N	2
Myrtaceae	<i>Psidium araca</i> Raddi	Araçá	Ab	N	2
Myrtaceae	<i>Eugenia stipitata</i> McVaugh	Araçá-boi-grande	Ab	N	2
Myrtaceae	<i>Psidium</i> sp.	Araçazinho	Ab	N	2
Rubiaceae	<i>Coffea arabica</i> L.	Café	Ab	E	2
Poaceae	<i>Cymbopogon citratus</i> (DC.) Stapf.	Capim-cidreira	He	E	2
Dioscoreaceae	<i>Dioscorea alata</i> L.	Cará	He	E	2
Rosaceae	<i>Prunus avium</i> (L.) L.	Cereja	Ar	E	2
Sterculiaceae	<i>Guazuma ulmifolia</i> Lam.	Chico-magro	Ar	N	2
Lamiaceae	<i>Melissa officinalis</i> L.	Erva-cidreira	He	E	2
Arecaceae	<i>Syagrus oleracea</i> (Mart.) Becc.	Gueiroba	Pa	N	2
Lamiaceae	<i>Mentha pulegium</i> L.	Hortelãzinha	He	E	2
Moraceae	<i>Artocarpus integrifolia</i> L. f.	Jaca	Ar	E	2
Rubiaceae	<i>Genipa americana</i> L.	Jenipapo	Ar	E	2
Rutaceae	<i>Citrus sinensis</i> (L.) Osbeck	Laranja-misteriosa	Ar	E	2
Anacardiaceae	<i>Mangifera indica</i> L.	Manga-Rosa	Ar	E	2

Passifloraceae	<i>Passiflora alata</i> Curtis.	Maracujá	Tr	E	2
Solanaceae	<i>Capsicum baccatum</i> L.	Pimenta-chumbinho	He	E	2
Solanaceae	<i>Capsicum odoratum</i> Steud.	Pimenta-de-cheiro	He	E	2
Solanaceae	<i>Capsicum frutescens</i> L.	Pimenta-malagueta	He	E	2
Myrtaceae	<i>Eugenia uniflora</i> L.	Pitanga	Ab	E	2
Euphorbiaceae	<i>Sapium obovatum</i> Klotzsch ex Müll. Arg.	Saranzeiro	Ab	N	2
Araceae	<i>Xanthosoma sagittifolium</i> (L.) Schott	Taiá	He	E	2
Annonaceae	<i>Annona crassiflora</i> Mart.	Ata-do-mato	Ab	N	1
Oxalidaceae	<i>Averrhoa carambola</i> L.	Carambola	Ab	E	1
Apiaceae	<i>Eryngium foetidum</i> L.	Coentro-castela	He	N	1
Apiaceae	<i>Foeniculum vulgare</i> Mill.	Erva-doce	He	E	1
Caesalpiniaceae	<i>Hymenaea stigonocarpa</i> Mart. Ex Hayne.	Jatobá	Ar	N	1
Rutaceae	<i>Citrus limittoides</i> Tanaka	Lima-de-umbigo	Ar	E	1
Boraginaceae	<i>Cordia cuyabensis</i> Manso & Lhotzky	Louro	Ar	N	1
Lamiaceae	<i>Ocimum</i> sp.	Manjeriçao-da-folha-grande	He	E	1
Lamiaceae	<i>Ocimum</i> sp.	Manjeriçao-da-folha-miúda	He	E	1
Rubiaceae	<i>Alibertia verrucosa</i> S.Moore	Marmelada-espinha	Ar	N	1
Cucurbitaceae	<i>Citrullus lanatus</i> (Thunb.) Matsum. & Nakai	Melancia	Tr	E	1
Solanaceae	<i>Capsicum</i> sp	Pimenta	He	E	1
Polygonaceae	<i>Coccoloba cuyabensis</i> L.	Uvinha	Ar	N	1

Legenda: Hábito = Hábito, Ar = Arbóreo, Ab = Arbusto, He = Herbácea, Pa = Palmeira, Tr = Trepadeira; Origem: N = Nativa, E = Exótica; Fsp = Número de citações.

Ao falar do quintal como um pomar, como uma mistura densa de plantas frutíferas, muitos informantes se referiram com muito carinho, pois além de ser fonte de alimento para a família e muitas vezes para os animais silvestres é, ainda, um espaço de lazer e confraternização com amigos e familiares devido à sombra proporcionada.

O local de plantio varia de acordo com o hábito da planta. As espécies de maior porte, como a jabuticaba (*Myrciario culiflora* (Mart.) O. Berg), o limão (*Citrus limon* (L.) Osbeck) e o caju (*Anacardium occidentale* L.) são plantadas em covas. As plantas herbáceas, em especial as ornamentais e medicinais, foram encontradas em vasos e vasilhames reaproveitados, como garrafas pet, potes plásticos e latas de tinta, localizados no chão, em girais, sobre bancos e mesas ou suspensos na forma de jardins verticais.

A grande quantidade de espécies exóticas nos quintais, 70%, demonstra a incorporação de espécies úteis retratando principalmente os hábitos alimentares e medicinais das famílias. Conforme relatos dos entrevistados são mudas ganhas de parentes e amigos que muitas vezes já não residem mais na comunidade.

Pequenos canteiros com espécies agrícolas foram encontradas em cinco residências visitadas. São espaços delimitados ou não por algum tipo de material, como tábuas ou tijolos (FIGURA 15 A e B).



FIGURA 15 – A: CANTEIRO DE MANDIOCA. B: CANTEIRO DE CANA-DE-AÇUCAR. PASSAGEM DA CONCEIÇÃO, VÁRZEA GRANDE, MT. FONTE: ACERVO DA AUTORA. 2016.

Entre as culturas presentes nesses canteiros estão: cana-de-açúcar (*Saccharum officinarum* L.), mandioca (*Manihot esculenta* Crantz), batata-doce (*Ipomoea batatas* (L.) Lam.), abóbora (*Cucurbita moschata* Duchesne), milho (*Zea mays* L.) e banana (*Musa parasidiaca* L.), usadas para incrementar a alimentação familiar.

Todos os informantes declararam que a qualidade da terra da região é ruim para cultivo, sendo necessário uma maior manutenção da mesma para produzir qualquer tipo de alimento, como esterco de aves e gado, e folhas secas. De acordo com os próprios informantes o solo é argiloso sendo que no passado foi usado em olarias.

Há também pequenas hortas nos quintais de três residências e em um bar, para cultivo de temperos. Entre as espécies estão: cebolinha (*Allium fistulosum* L.), salsinha (*Petroselinum crispum* (Mill.) Fuss), coentro (*Coriandrum sativum* L.) e coentro-castela (*Eryngium foetidum* L.) (FIGURA 16 – HORTAS. A - EM UMA RESIDÊNCIA; B – NA E.M.E.M. DR. PONCE DE ARRUDA. PASSAGEM DA CONCEIÇÃO, VÁRZEA GRANDE, MT. FONTE: ACERVO DA AUTORA. 2016.FIGURA 16 A). Na escola também existe uma pequena horta de cebolinha usada nas merendas das crianças (FIGURA 16 B). Foram encontradas diversos lugares de plantio: como canteiros no chão delimitados ou não, carcaças de utensílios, pneus, latas e garrafas pet (FIGURA 17).



FIGURA 16 – HORTAS. A - EM UMA RESIDÊNCIA; B – NA E.M.E.M. DR. PONCE DE ARRUDA. PASSAGEM DA CONCEIÇÃO, VÁRZEA GRANDE, MT. FONTE: ACERVO DA AUTORA. 2016.



FIGURA 17 – USO DE UTENSÍLIOS COMO FORMA DE CANTEIROS. PASSAGEM DA CONCEIÇÃO, VÁRZEA GRANDE, MT. FONTE: ACERVO DA AUTORA. 2016.

Espécies medicinais foram encontradas em grande número nos quintais das residências visitadas com um total de 865 citações e 92 espécies diferentes, usadas pela população local como remédios.

A grande variedade florística verificadas nos quintais da comunidade garante a oferta de produtos alimentícios ao longo do ano e, por conseguinte, suprir algumas necessidades alimentares e medicinais em sua maioria. Foi verificado também que a diversidade dos cultivos é restrito ao uso familiar, sem qualquer tipo de comercialização.

Quanto ao porte das plantas presentes nos quintais observou-se principalmente os estratos: herbáceo como plantas ornamentais, ervas medicinais e hortaliças; os arbustos, como bananeira, limoeiro, mamoeiro e pitangueira; e, arbóreas, entre elas a mangueira, o abacateiro e o cajueiro. Os principais estratos observados foram herbáceo (38%) e arbóreo (31%).

Três estratos vegetais também foram encontrados por De David (2015) em quintais urbanos de Várzea Grande. Quintais com espécies em diferentes estratos remete a plantações com múltiplas finalidades, sendo a medicinal e alimentícia a preferência dos moradores da Passagem da Conceição.

Nos quintais também foram encontrados animais, como: galinhas, porcos, cachorros e gatos (FIGURA 18). Não foi constatado comércio de galinhas ou porcos, sendo apenas para consumo familiar, não só para que moram na Passagem da Conceição, mas para a família como

um todo: filhos, netos, irmãos, amigos mais próximos, que já não residem mais na comunidade.



FIGURA 18 – CRIAÇÃO DE GALINHAS NO QUINTAL. PASSAGEM DA CONCEIÇÃO, VÁRZEA GRANDE, MT. FONTE: ACERVO DA AUTORA. 2016.

Dentre as 28 residências visitadas, em 14 verificou-se a presença de galinhas (*Gallus gallus*). Computou-se 277 unidades com variação de três a 50 indivíduos. Em 10 residências as galinhas são criadas soltas e em três ficam em um cercado. Apenas uma residência mantém os dois tipos de instalações, parte é criada solta e parte presa, pois nessa moradia habitam duas famílias, os pais, com 79 e 70 anos de idade e, a filha com seu esposo, com 46 e 51 anos de idade, e descendentes. Esse fato retrata a diferença entre duas gerações com diferentes conhecimentos de vida, pois os pais com formação na vida tradicional da terra criam suas galinhas soltas e, a filha e o marido criados na cidade, com novas percepções, preferem que a criação fiquem no cercado, e assim, mantem os dois tipos de instalações em uma mesma residência. A alimentação geral variou entre milho, quirela e ração, tanto para as criadas soltas, como para as que ficam no cercado.

Também verificou-se que para aqueles que criam as galinhas soltas, antes delas irem para o abate, são presas em um cercado por 15 a 20 dias a base de milho para “limpar”. A palavra “limpar” se refere a desintoxicação gastrointestinal de tudo o que as galinhas possam ter se alimentado durante a fase de crescimento e engorda, período que estavam soltas,.

E.S.C. (36 anos) foi para a cidade estudar e hoje mora na Passagem da Conceição com sua esposa que também é da comunidade. Eles possuem cerca de 30 galinhas que ficam em um cercado de tamanho 3 x 10 m e contou que:

“Os animais são para alimentação e convívio. Nunca compro frango de granja porque a engorda é de apenas 40 dias. Tenho caipira, semi-caipira e índio gigante pra ‘dar’ mais robusto e levam de 6 a 7 meses pra abate. Primeiro dou ração inicial por 40 dias pra criar imunidade, depois é só quirela e farelo de soja. Essas galinhas são só para minha família, irmãos e pais” (E.S.C).

Em apenas uma residência foi constatado a criação de porcos com dois indivíduos para consumo da família, que são criados em um chiqueiro e se alimentam de farelo de milho e comida.

Entre os animais domésticos foram citados 52 animais, sendo 47 cachorros e 5 gatos. Os cachorros foram encontrados em 22 residências, com uma variação de uma à seis unidades por residência, e os gatos foram encontrados em quatro residências (FIGURA 19).

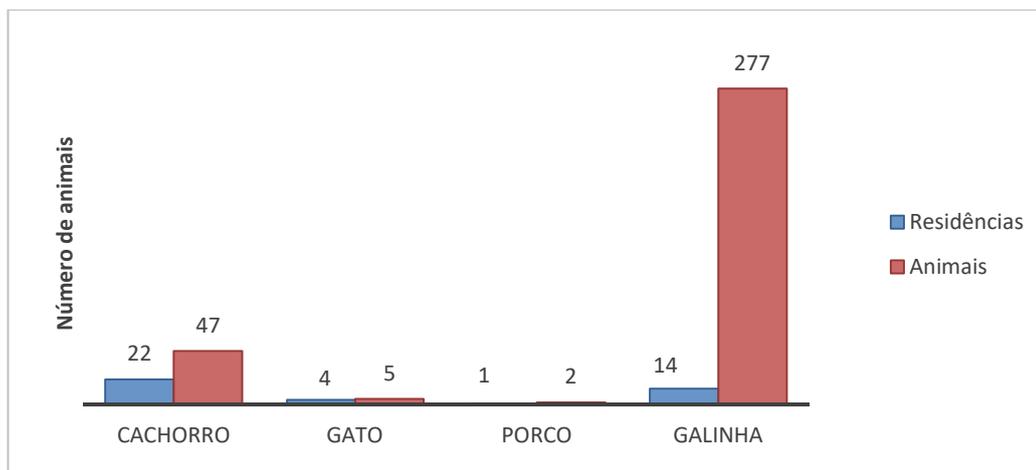


FIGURA 19 – QUANTIDADE DE ANIMAIS PRESENTES NOS QUINTAIS DA PASSAGEM DA CONCEIÇÃO, VÁRZEA GRANDE, MT, 2016.

Nota-se que a população está habituada a conviver com alguma espécie animal, ou pela proteção que o cachorro proporciona, ou pelo carinho que eles despendem gratuitamente, fato também muito citado ao longo das entrevistas.

“O cachorro é um companheiro, um guarda” (I.T.F.C., 64 anos).

“O cachorro cuida da casa, é um alarme” (A.C.M.C., 32 anos).

“Dá vida ao quintal. É um encanto a madrugada com o canto do galo” (R.C.S., 43 anos)

“Os cachorros trazem alegria e são companheiros” (E.A., 18 anos).

“Gosto de ver os pintinhos” (J.A.C., 69 anos).

Os quintais da comunidade da Passagem da Conceição são bastante variados em tamanho, formas, variedade de espécies vegetais e funções acerca de seu uso. Alguns quintais adentram o cerrado ou a matas de galeria uma vez que a comunidade fica na margem direita do rio Cuiabá. Devido a isso, remanescentes de ambas unidades de paisagens são facilmente encontrados nos quintais das residências.

É inegável a importância cultural que os moradores da comunidade ribeirinha Passagem da Conceição aferem ao quintal, bem como o uso da sombra, proporcionado pelas árvores, para a realização de diversas atividades. São espaços antropogênicos, pois 100% das

residências visitadas utilizam o quintal para múltiplas atividades, como: lugar de lazer onde ocorrem reuniões de família, rodas de conversa, brincadeiras com as crianças, trabalho, benzeções, entre outros.

#### 4.4.1.4. Roça

O Sr. J.A.M. (67 anos) é o único dos informantes que mantém uma pequena roça em um terreno em frente a sua residência, porém do outro lado da rua, que é de sua propriedade e dos irmãos, herança dos pais falecidos. Esse terreno se localiza em frente à sua casa do outro lado da rua, o que facilita a manutenção pelo Sr. J.A.M., sendo ele o único a manter a tradição do cultivo da roça e que permaneceu na comunidade dentre os irmãos. As culturas vegetais e agrícolas produzidas são divididas entre os irmãos que residem em Cuiabá (FIGURA 20).



FIGURA 20 – VISTA PARCIAL DE UMA ROÇA COM CULTIVO DIVERSIFICADO. PASSAGEM DA CONCEIÇÃO, VÁRZEA GRANDE, MT. FONTE: ACERVO DA AUTORA. 2016.

Esse terreno tem cerca de 100 m<sup>2</sup>, 10 x 10 metros, delimitados por cerca de arame somente na frente e nas laterais, e aos fundos com a mata ripária. Possui cultivo de múltiplas espécies alimentares, tais são: abóbora (*Cucurbita moschata* Duchesne), açafrão (*Curcuma longa* L), majericão (*Ocimum* sp.), banana (*Musa parasidiaca* L.), mandioca (*Manihot esculenta* Crantz), quiabo (*Abelmoschus esculentus* (L.) Moench), feijão (*Phaseolus vulgaris* L.), cana-de-açúcar (*Saccharum officinarum* L.), pimenta (*Capsicum* sp.), pimentão (*Capsicum annuum* L.) e mamão (*Carica papaya* L.).

#### 4.4.2. A Etnobotânica

##### 4.4.2.1. Etnocategorias e consenso do uso das plantas

O estudo realizado na comunidade Passagem da Conceição, em área do cerrado mato-grossense, revela no cotidiano dos moradores tradicionais a interação positiva com o ambiente através das diferentes etnocategorias de uso da flora local. A utilização do potencial econômico das plantas é verificada tanto com as exóticas, quanto com as nativas.

As espécies exóticas superaram as nativas com 59% e 41%, respectivamente, estando presentes nos quintais, roça, cerrado, mata ripária, além das compradas e doadas. Esse número representa as preferências familiares em relação às etnocategorias. Foi verificado através das atividades cotidianas e das falas dos entrevistados a utilização das plantas para diversos usos, como: medicinal, alimentar, ornamental, proteção, entre outras. No total foram registradas 187 plantas conhecidas pelos moradores locais e distribuídas em quatro unidades de paisagens (cerrado, mata ripária, quintal e roça), distribuídas em 64 famílias botânicas. As famílias que alcançaram maiores representatividades foram Lamiaceae (8%), Fabaceae (7%), Rutaceae (6%) e Asteraceae (5%).

A multiplicidade de usos das plantas em comunidades tradicionais também é revelada através de atividades místico-religiosas como benzimentos e banhos com uma ou mais plantas classificadas na etnocategoria proteção. Assim, as espécies vegetais também demonstram sua importância na vida das pessoas que moram na comunidade, como forma de cuidado especial contra os males que acometem o corpo e a alma. Entre elas a *Melissa officinalis* L. (erva-crídeira), *Ruta graveolens* L. (arruda), *Pithecellobium tortum* Mart. (jurema) e *Petiveria alliacea* L. (guiné).

Os hábitos de crescimento mais expressivos foram herbáceo, arbóreo e arbustivo, com 38%, 32% e 20% respectivamente. A etnocategoria medicinal obteve frequência relativa de 70,5%, seguida pela alimentar com 21,5% e 8% para a soma das categorias: sombra, ornamental, proteção, utensílio e repelente.

As espécies melão-de-são-caetano (*Momordica charantia* L.), paratudo (*Tabebuia aurea* (Silva Manso) Benth. & Hook. f ex S. Moore) e jatobá (*Hymenaea stigonocarpa* Mart. Ex Hayne.) obtiveram um consenso informante de 100%, 65% e 64%, respectivamente, ou seja, são espécies largamente utilizadas pelos comunitários na etnocategoria medicinal e possuem uma representatividade expressiva para saúde local. Outras espécies como acerola (*Malpighia glabra* L.), limão (*Citrus limon* (L.) Osbeck) e manga (*Mangifera indica* L.) representam os frutos consumidos *in natura* que obtiveram o maior consenso entre os informante para a etnocategoria alimentar, que servem também para complementar a dieta alimentar no cotidiano dos moradores locais.

A etnocategoria ornamental foi evidente pela harmonia das plantas encontradas nas residências, com suas flores e folhas coloridas, como *Dieffenbachia* sp. (comigo-ninguém-pode), que proporcionam um visual agradável e prazeroso ao quintal. As mais frequentes são *Nephrolepis biserrata* (SW.) Schott (samambaia), *Rosa* sp. (rosas das mais variadas cores) e *Pilea microphylla* (L.) Liebm. (brilhantina).

Uma mesma planta pode ter várias finalidades, o que configura a multiplicidade de usos, ou seja, ao mesmo tempo que é caracterizada como alimento, também pode servir como remédio. Assim, a finalidade maior (Fid) representa o número de informantes que citaram o uso de uma espécie para uma finalidade revelado pela etnocategoria que está em negrito na TABELA 3, como ocorre com o jatobá que foi citado como alimento (Al) e remédio (Me), sendo o remédio a etnocategoria mais utilizada.

Para o caso de duas etnocategorias negritadas significa que ambas receberam a mesma quantidade de citações, como o caso da mexerica, sendo alimentação e medicinal com quatro citações cada. Portanto, a finalidade maior será quatro representando as duas formas de utilização da planta.

TABELA 3 – PLANTAS USADAS PELOS INFORMANTES E VALOR RELATIVO DE CONCORDÂNCIA QUANTO AOS USOS PRINCIPAIS. COMUNIDADE PASSAGEM DA CONCEIÇÃO, VÁRZEA GRANDE, MT, 2016.

Família	Nome Científico	Nome-Popular	Etnocategorias de uso	Hábito	Origem	Fsp	Fid	NF	FC	Pcup (%)
Cucurbitaceae	<i>Momordica charantia</i> L.	Melão-de-são-caetano	<b>Me</b>	Tr	N	75	75	100,0	1,00	100
Bignoniaceae	<i>Tabebuia aurea</i> (Silva Manso) Benth. & Hook. f ex S. Moore	Paratudo	<b>Me</b>	Ab	N	49	49	100,0	0,65	65
Lamiaceae	<i>Plectranthus barbatus</i> Andrews	Boldo	<b>Me</b>	He	E	48	48	100,0	0,64	64
Caesalpiniaceae	<i>Hymenaea stigonocarpa</i> Mart. Ex Hayne.	Jatobá	Al, <b>Me</b>	Ar	N	50	48	96,0	0,67	64
Amaranthaceae	<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	Erva-de-santa-maria	<b>Me</b> , Or	He	N	49	47	95,9	0,65	63
Poaceae	<i>Cymbopogon citratus</i> (DC.) Stapf.	Capim-cidreira	Al, <b>Me</b>	He	E	43	41	95,3	0,57	55
Moraceae	<i>Cecropia pachystachya</i> Trêcul.	Embaúba ou embaúva	<b>Me</b>	Ar	E	40	40	100,0	0,53	53
Fabaceae	<i>Dipteryx alata</i> Vog.	Cumbarú	Al, <b>Me</b> , So	Ar	N	50	40	80,0	0,67	53
Costaceae	<i>Costus spicatus</i> (Jacq.) Sw	Caninha-do-brejo	<b>Me</b>	He	N	39	39	100,0	0,52	52
Loganiaceae	<i>Strychnos pseudoquina</i> A. St. -Hil.	Quina	<b>Me</b>	Ar	N	38	38	100,0	0,51	51
Asteraceae	<i>Matricaria reticulita</i> L.	Camomila	<b>Me</b>	He	E	34	34	100,0	0,45	45
Arecaceae	<i>Cocos nucifera</i> L.	Coco-da-baía	Al, <b>Me</b> , Ut	Ar	E	61	33	54,1	0,81	44
Asteraceae	<i>Vernonia polyanthes</i> (Spreng.) Less	Caferana/boldo	<b>Me</b>	Ab	N	26	26	100,0	0,35	35

Amaranthaceae	<i>Alternanthera brasiliana</i> (L.) Kuntze	Penicilina/ terramicina	<b>Me</b>	He	N	26	26	100,0	0,35	35
Xanthorrhoeaceae	<i>Alloe vera</i> (L.) Burm f.	Babosa	<b>Me</b>	He	E	25	25	100,0	0,33	33
Lamiaceae	<i>Melissa officinalis</i> L.	Erva-cidreira	Al, <b>Me</b> , Pr	He	E	33	25	75,8	0,44	33
Rosaceae	<i>Rubus glaucus</i> Benth	Amora-preta	Al, <b>Me</b>	Ab	E	32	24	75,0	0,43	32
Lauraceae	<i>Ocotea</i> sp.	Canela	<b>Me</b>	Ar	N	24	24	100,0	0,32	32
Malpighiaceae	<i>Malpighia glabra</i> L.	Acerola	<b>Al</b> , Me, So	Ab	E	35	22	62,9	0,47	29
Burseraceae	<i>Protium heptaphyllum</i> (Aubl.) March.	Amescla	<b>Me</b>	Ar	N	22	22	100,0	0,29	29
Rutaceae	<i>Ruta graveolens</i> L.	Arruda	<b>Me</b> , Or, Pr	He	E	31	22	71,0	0,41	29
Malvaceae	<i>Gossypium hirsutum</i> L.	Algodão	<b>Me</b>	Ab	E	20	20	100,0	0,27	27
Lythraceae	<i>Lafoensia pacari</i> A. St.-Hil.	Mangaba-brava/ mangava-brava	<b>Me</b>	Ar	N	20	20	100,0	0,27	27
Anacardiaceae	<i>Spondias mombin</i> L.	Cajá-manga	<b>Al</b> , Me, So	Ar	E	25	19	76,0	0,33	25
Rutaceae	<i>Citrus limon</i> (L.) Osbeck	Limão	<b>Al</b> , Me	Ar	E	31	19	61,3	0,41	25
Anacardiaceae	<i>Mangifera indica</i> L.	Manga	<b>Al</b> , Me, Pr, So	Ar	E	40	19	47,5	0,53	25
Apocynaceae	<i>Hancornia speciosa</i> Gomez	Mangaba/ mangava	<b>Me</b>	Ar	N	18	18	100,0	0,24	24
Fabaceae	<i>Tamarindus indica</i> L.	Tamarindo	Al, <b>Me</b>	Ar	E	33	18	54,5	0,44	24
Myrtaceae	<i>Psidium guajava</i> L.	Goiaba-branca	<b>Al</b> , Me	Ab	N	32	17	53,1	0,43	23
Annonaceae	<i>Annona squamosa</i> L.	Ata-de-casa/Ata	<b>Al</b>	Ab	E	16	16	100,0	0,21	21
Lamiaceae	<i>Mentha villosa</i> Becker	Hortelã	Al, <b>Me</b>	He	E	22	16	72,7	0,29	21

Sapindaceae	<i>Talisia esculenta</i> (A. St.-Hil.) Radlk.	Pitomba	<b>Al</b>	Ar	N	16	16	100,0	0,21	21
Caricaceae	<i>Carica papaya</i> L.	Mamão	Al, <b>Me</b>	Ab	E	29	16	55,2	0,39	21
Rutaceae	<i>Citrus aurantium</i> L.	Laranja-azedo	<b>Al</b> , Me	Ar	E	20	14	70,0	0,27	19
Siparunaceae	<i>Siparuna guianensis</i> Aubl.	Negramina	<b>Me</b>	Ar	N	14	14	100,0	0,19	19
Arecaceae	<i>Acrocomia aculeata</i> (Jacq.) Lodd. ex Mart.	Bocaiuva	Al, <b>Me</b>	Ar	N	27	14	51,9	0,36	19
Asteraceae	<i>Eremanthus cf. exsuccus</i> Bak.	Bácino	<b>Me</b>	Sb	N	13	13	100,0	0,17	17
Myrtaceae	<i>Myrciario culiflora</i> (Mart.) O. Berg	Jabuticaba	<b>Al</b>	Ar	E	13	13	100,0	0,17	17
Caesalpiniaceae	<i>Senna hirsuta</i> (L.) Irwin & Barneby	Fedegoso	Al, <b>Me</b>	Ab	N	18	13	72,2	0,24	17
Calophyllaceae J. Agardh	<i>Kielmeyera rubriflora</i> Cambess	Breu	<b>Me</b>	Ab	N	12	12	100,0	0,16	16
Fabaceae	<i>Acosmium cuiabensis</i> Benth.	Genciana	<b>Me</b>	Ar	N	12	12	100,0	0,16	16
Davalliaceae	<i>Nephrolepis biserrata</i> (SW.) Schott	Samambaia	<b>Or</b>	He	E	12	12	100,0	0,16	16
Scrophulariaceae	<i>Scoparia dulcis</i> L.	Vassourinha	<b>Me</b>	He	N	12	12	100,0	0,16	16
Musaceae	<i>Musa parasidiaca</i> L.	Banana	<b>Al</b>	He	E	11	11	100,0	0,15	15
Verbenaceae	<i>Stachytarpheta angustifolia</i> Lopez-Palacios	Gervão/ Gerbão	<b>Me</b>	He	N	11	11	100,0	0,15	15
Rutaceae	<i>Citrus sp.</i>	Lima-de-umbigo	Al, <b>Me</b>	Ar	E	12	11	91,7	0,16	15
Anacardiaceae	<i>Spondias lutea</i> L.	Seriguela	<b>Al</b> , Me, So	Ar	E	13	10	76,9	0,17	13

Asteraceae	<i>Artemisia absinthium</i> L.	Artemisia	<b>Me</b>	Sb	E	10	10	100,0	0,13	13
Connaraceae	<i>Rourea induta</i> Planch.	Calunga	<b>Me</b>	Ab	N	10	10	100,0	0,13	13
Lamiaceae	<i>Leonotis nepetifolia</i> (L.) R. Br.	Cordão-de-frade	<b>Me</b>	He	E	10	10	100,0	0,13	13
Euphorbiaceae	<i>Jatropha gossypifolia</i> L.	Pinhão-roxo	<b>Me</b>	Ab	N	10	10	100,0	0,13	13
Lamiaceae	<i>Mentha pulegium</i> L.	Poejo	<b>Me</b>	He	E	10	10	100,0	0,13	13
Caryocaraceae	<i>Caryocar brasiliense</i> Camb.	Pequi/ piqui	<b>Al, Me</b>	Ar	N	15	10	66,7	0,20	13
Fabaceae	<i>Inga speciosa</i> M. Martens & Galeotti	Ingá	<b>Al, So</b>	Ar	N	10	9	90,0	0,13	12
Rutaceae	<i>Citrus sinensis</i> L. Osbeck	Laranja	<b>Al, Me</b>	Ar	E	15	9	60,0	0,20	12
Lamiaceae	<i>Ocimum</i> sp.	Manjeriçãoda- folha-miúda	<b>Al, Me</b>	He	E	10	9	90,0	0,13	12
Rubiaceae	<i>Morinda citrifolia</i> L.	Noni	<b>Me</b>	Ab	E	9	9	100,0	0,12	12
Rosaceae	<i>Rosa</i> sp.	Rosa	<b>Or</b>	He	E	9	9	100,0	0,12	12
Urticaceae	<i>Pilea microphylla</i> (L.) Liebm.	Brilhantina	<b>Or</b>	He	E	8	8	100,0	0,11	11
Poaceae	<i>Saccharum officinarum</i> L.	Cana-de-açúcar	<b>Al</b>	He	E	8	8	100,0	0,11	11
Arecaceae	<i>Attalea phalerata</i> Mart. ex Spreng.	Coco-de-acurí	<b>Me</b>	Ar	N	8	8	100,0	0,11	11
Malvaceae	<i>Sida cordifolia</i> L.	Malva-do-cerrado/ Malva	<b>Me</b>	Sb	N	8	8	100,0	0,11	11
Simaroubaceae	<i>Quassia amara</i> L.	Pau-tenente	<b>Me</b>	Ar	E	8	8	100,0	0,11	11

Phyllanthaceae	<i>Phyllanthus orbiculatus</i> Rich.	Quebra-pedra	<b>Me</b>	He	N	8	8	100,0	0,11	11
Lamiaceae	<i>Hyptis cana</i> Pohl ex Benth.	Hortelã-do-campo	<b>Me, Pr, Re</b>	He	N	12	8	66,7	0,16	11
Fabaceae	<i>Pithecellobium tortum</i> Mart.	Jurema	<b>Me, Pr</b>	Ab	E	10	8	80,0	0,13	11
Anacardiaceae	<i>Anacardium occidentale</i> L.	Caju	<b>Al</b>	Ar	E	7	7	100,0	0,09	9
Punicaceae	<i>Punica granatum</i> L.	Romã	<b>Al, Me</b>	Ab	E	13	7	53,8	0,17	9
Acanthaceae	<i>Justicia pectoralis</i> Jacq.	Anador	<b>Me</b>	He	N	6	6	100,0	0,08	8
Anacardiaceae	<i>Myracrodunon urundeuva</i> (Fr. All.) Engl.	Aroeira	<b>Me</b>	Ar	N	6	6	100,0	0,08	8
Musaceae	<i>Musa sp.</i> L.	Banana-roxa	<b>Me</b>	He	E	6	6	100,0	0,08	8
Araceae	<i>Dieffenbachia amoena</i> Bull.	Comigo-ninguém-pode	<b>Me, Or, Pr</b>	He	E	12	6	50,0	0,16	8
Commeliaceae	<i>Callisia repens</i> (Jacq.) L.	Dinheiro-em-penca	<b>Me, Pr</b>	He	E	8	6	75,0	0,11	8
Apiaceae	<i>Foeniculum vulgare</i> Mill.	Erva-doce	<b>Al, Me</b>	He	E	7	6	85,7	0,09	8
Asparagaceae	<i>Sansevieria sp.</i> Thunb.	Espada-de-cosme-e-damião	<b>Pr</b>	He	E	6	6	100,0	0,08	8
Asparagaceae	<i>Sansevieria trifasciata</i> Prain	Espada-de-São-Jorge	<b>Me, Or, Pr</b>	He	E	15	6	40,0	0,20	8
Rubiaceae	<i>Randia armata</i> (Sw.) DC.	Espinheiro	<b>Me</b>	Ab	N	6	6	100,0	0,08	8
Zingiberaceae	<i>Zingiber officinale</i> Roscoe	Gengibre	<b>Al, Me</b>	He	E	8	6	75,0	0,11	8
Petiveriaceae	<i>Petiveria alliacea</i> L.	Guiné	<b>Me, Pr</b>	He	E	8	6	75,0	0,11	8

Fabaceae	<i>Hymenaea courbaril</i> <i>var. stilbocarpa</i> (Hayne) Y.T. Lee & Langenh.	Jatobá-mirim	Al, <b>Me</b>	Ar	N	7	6	85,7	0,09	8
Caesalpiniaceae	<i>Caesalpinia ferrea</i> Mart. Ex Tul.	Jucá	<b>Me</b>	Ar	N	6	6	100,0	0,08	8
Solanaceae	<i>Capsicum frutescens</i> L.	Pimenta-malagueta	Al, <b>Me</b>	He	E	8	6	75,0	0,11	8
Rosaceae	<i>Rosa chinensis</i> Jacq.	Rosa-menina	<b>Me</b> , Or	He	E	8	6	75,0	0,11	8
Bixaceae	<i>Bixa orellana</i> L.	Urucum	<b>Me</b>	Ab	N	6	6	100,0	0,08	8
Rutaceae	<i>Citrus sp.</i>	Lima	<b>Al</b> , Me	Ar	E	11	6	54,5	0,15	8
Rosaceae	<i>Rosa alba</i> L.	Rosa-branca	Me, Or, <b>Pr</b>	He	E	11	6	54,5	0,15	8
Bignoniaceae	<i>Crescentia cujete</i> L.	Cabaça/coité	<b>Me</b> , Pr, Ut	Ab	E	8	5	62,5	0,11	7
Amaryllidaceae	<i>Allium fistulosum</i> L.	Cebolinha	<b>Al</b>	He	E	5	5	100,0	0,07	7
Lamiaceae	<i>Mentha pulegium</i> L.	Hortelãzinha	Al, <b>Me</b>	He	E	7	5	71,4	0,09	7
Bromeliaceae	<i>Ananas comosus</i> (L.) Merr.	Abacaxi	<b>Al</b>	He	E	4	4	100,0	0,05	5
Zingiberaceae	<i>Curcuma longa</i> L.	Açafrão	<b>Al</b>	He	E	4	4	100,0	0,05	5
Asteraceae	<i>Solidago chilensis</i> Meyen	Arnica	<b>Me</b>	Sb	N	4	4	100,0	0,05	5
Solanaceae	<i>Solanum mammosum</i> L.	Beringela	<b>Me</b>	He	E	4	4	100,0	0,05	5
Apiaceae	<i>Coriandrum sativum</i> L.	Coentro	<b>Al</b>	He	E	4	4	100,0	0,05	5
Myrtaceae	<i>Syzygium aromaticum</i> (L.) Merr. & L.M. Perry	Cravo-da-índia	<b>Me</b>	Ar	E	4	4	100,0	0,05	5
Malvaceae	<i>Waltheria douradinha</i> A. St.-Hil.	Douradinha	<b>Me</b>	He	N	4	4	100,0	0,05	5

Polygonaceae	<i>Polygonum persicaria</i> var. <i>persicaria</i>	Erva-de-bicho	<b>Me</b>	He	N	4	4	100,0	0,05	5
Myrtaceae	<i>Psidium guajava</i> L.	Goiaba-vermelha	<b>Al</b>	Ab	N	4	4	100,0	0,05	5
Rutaceae	<i>Pilocarpus microphyllus</i> Stapf ex Wardleworth	Jaborandi	<b>Me</b>	Ab	E	4	4	100,0	0,05	5
Rutaceae	<i>Citrus latifolia</i> Tanaka	Limão-thaiti	<b>Me</b>	Ar	E	4	4	100,0	0,05	5
Rutaceae	<i>Citrus reticulata</i> Blanco	Mexirica	<b>Al, Me</b>	Ar	E	8	4	50,0	0,11	5
Sapindaceae	<i>Dilodendron bipinnatwn</i> Radlk.	Mulher-pobre	<b>Me</b>	Ar	N	4	4	100,0	0,05	5
Malpighiaceae	<i>Heteropterys aphrodisiaca</i> O. Mach.	Nó-de-cachorro	<b>Me</b>	Sb	N	4	4	100,0	0,05	5
Caesalpinaceae	<i>Bauhinia macrostachya</i> Benth.	Pata-de-vaca-do- cerrado	<b>Me</b>	Sb	N	4	4	100,0	0,05	5
Asteraceae	<i>Bidens pilosa</i> L.	Picão	<b>Me</b>	He	N	4	4	100,0	0,05	5
Asteraceae	<i>Porophyllum ruderale</i> (Jacq.) Cass	Picão-branco	<b>Me</b>	He	N	4	4	100,0	0,05	5
Oxalidaceae	<i>Averrhoa carambola</i> L.	Carambola	<b>Al, Me, So</b>	Ab	E	6	4	66,7	0,08	5
Lamiaceae	<i>Leonurus sibiricus</i> L.	Erva-de-Macaé	<b>Me, Pr</b>	He	E	6	4	66,7	0,08	5
Rutaceae	<i>Citrus sinensis</i> (L.) Osbeck	Laranja-misteriosa	<b>Al, Me</b>	Ar	E	6	4	66,7	0,08	5
Moraceae	<i>Brosimum gaudichaudii</i> Trécul.	Algodãozinho-do- mato	<b>Me</b>	Ab	N	3	3	100,0	0,04	4
Sterculiaceae	<i>Guazuma ulmifolia</i> Lam.	Chico-magro	<b>Al, Me</b>	Ar	N	5	3	60,0	0,07	4
Rubiaceae	<i>Genipa americana</i> L.	Jenipapo	<b>Al</b>	Ar	E	3	3	100,0	0,04	4
Myrtaceae	<i>Eugenia uniflora</i> L.	Pitanga	<b>Al, Me</b>	Ab	E	5	3	60,0	0,07	4

Apiaceae	<i>Petroselinum crispum</i> (Mill.) Fuss	Salsinha	<b>Al</b>	He	E	3	3	100,0	0,04	4
Lamiaceae	<i>Vitex cymosa</i> Bertero ex Spreng.	Tarumã	<b>Me, Or</b>	Ar	N	4	3	75,0	0,05	4
Solanaceae	<i>Solanum lycopersicum</i> L.	Tomate	<b>Me</b>	Tr	E	3	3	100,0	0,04	4
Polygonaceae	<i>Coccoloba cujabensis</i> L.	Uvinha	<b>Al, Me</b>	Ar	N	4	3	75,0	0,05	4
Lauraceae	<i>Persea americana</i> Mill.	Abacate	<b>Al</b>	Ar	E	2	2	100,0	0,03	3
Cucurbitaceae	<i>Cucurbita moschata</i> Duchesne	Abóbora	<b>Al</b>	He	E	2	2	100,0	0,03	3
Lamiaceae	<i>Rosmarinus officinalis</i> L.	Alecrim	<b>Al, Me</b>	He	E	4	2	50,0	0,05	3
Amaryllidaceae	<i>Allium sativum</i> L.	Alho	<b>Me</b>	He	E	2	2	100,0	0,03	3
Fabaceae	<i>Amburana cearensis</i> (Allemão) A.C. Sm.	Amburana	<b>Al, Me</b>	Ar	N	4	2	50,0	0,05	3
Fabaceae	<i>Anadenanthera</i> <i>macrocarpa</i> (Benth.) Brenan	Angico	<b>So</b>	Ar	N	2	2	100,0	0,03	3
Araceae	<i>Anthurium andraeanum</i> Linden	Antúrio	<b>Or</b>	He	E	2	2	100,0	0,03	3
Myrtaceae	<i>Psidium araca</i> Raddi	Araçá	<b>Al</b>	Ar	N	2	2	100,0	0,03	3
Myrtaceae	<i>Eugenia stipitata</i> McVaugh	Araçá-boi-grande	<b>Al</b>	Ar	N	2	2	100,0	0,03	3
Myrtaceae	<i>Psidium sp.</i>	Araçazinho	<b>Al</b>	Ar	N	2	2	100,0	0,03	3
Cucurbitaceae	<i>Luffa operculata</i> (L.) Cogn.	Buchinha	<b>Me</b>	Tr	N	2	2	100,0	0,03	3
Rubiaceae	<i>Coffea arabica</i> L.	Café	<b>Al, Me</b>	Ab	E	4	2	50,0	0,05	3

Euphorbiaceae	<i>Jatropha urens</i> L.	Cansansão	<b>Me</b>	Ab	N	2	2	100,0	0,03	3
Dioscoreaceae	<i>Dioscorea alata</i> L.	Cará	<b>Al</b>	He	E	2	2	100,0	0,03	3
Asteraceae	<i>Baccharis genisteloides</i> L.	Carqueja	<b>Me</b>	Sb	N	2	2	100,0	0,03	3
Rosaceae	<i>Prunus avium</i> (L.) L.	Cereja	<b>Al</b>	Ar	E	2	2	100,0	0,03	3
Cucurbitaceae A.Juss.	<i>Sechium edule</i> (Jacq.) Sw.	Chuchu	<b>Me</b>	Tr	E	2	2	100,0	0,03	3
Zingiberaceae	<i>Alpinia zerumbet</i> (Pers.) B. L. Burtt & R. M.	Colônia	<b>Me</b>	He	E	2	2	100,0	0,03	3
Araceae	<i>Dieffenbachia</i> sp. Schott	Comigo-ninguém-pode-amarela	<b>Or</b>	He	E	2	2	100,0	0,03	3
Araceae	<i>Dieffenbachia</i> sp. Schott	Comigo-ninguém-pode-pintadinha	<b>Me, Or</b>	He	E	4	2	50,0	0,05	3
Caesalpiniaceae	<i>Copaifera langsdorffii</i> Desf.	Copaíba	<b>Me</b>	Ar	N	2	2	100,0	0,03	3
Euphorbiaceae	<i>Euphorbia milii</i> Des Moul.	Coroa-de-cristo	<b>Me</b>	Ab	E	2	2	100,0	0,03	3
Asparagaceae	<i>Sansevieria stuckyi</i> God.-Leb	Espada-ogum	<b>Pr</b>	He	E	2	2	100,0	0,03	3
Sapindaceae	<i>Paullinia cupana</i> H.B.K.	Guaraná	<b>Me</b>	Tr	E	2	2	100,0	0,03	3
Arecaceae	<i>Syagrus oleracea</i> (Mart.) Becc.	Gueiroba	<b>Al</b>	Ar	N	2	2	100,0	0,03	3
Vitaceae	<i>Cissus sicyoides</i> L.	Insulina	<b>Me</b>	Tr	E	2	2	100,0	0,03	3
Moraceae	<i>Artocarpus integrifolia</i> L. f.	Jaca	<b>Al</b>	Ar	E	2	2	100,0	0,03	3
Fabaceae	<i>Pithecellobium</i> sp. Mart.	Jurema-fêmea	<b>Or</b>	Ab	E	2	2	100,0	0,03	3

Fabaceae	<i>Pithecellobium</i> sp. Mart.	Jurema-macho	<b>Pr</b>	Ab	E	2	2	100,0	0,03	3
Fabaceae	<i>Pithecellobium</i> sp. Mart.	Jurema-menina	<b>Or</b>	Ab	E	2	2	100,0	0,03	3
Lamiaceae	<i>Mentha spicata</i> L.	Levante	<b>Me</b>	He	E	2	2	100,0	0,03	3
Rutaceae	<i>Citrus</i> sp.	Lima-da-persia	<b>Al</b>	Ar	E	2	2	100,0	0,03	3
Rutaceae	<i>Citrus aurantifolia</i> Swingle	Limão-galego	<b>Me</b>	Ar	E	2	2	100,0	0,03	3
Rosaceae	<i>Malus domestica</i> Borkh.	Maça	<b>Me</b>	Ar	E	2	2	100,0	0,03	3
Proteaceae	<i>Macadamia integrifolia</i> Maiden & Betche	Macadâmia	<b>So</b>	Ar	E	2	2	100,0	0,03	3
Anacardiaceae	<i>Mangifera indica</i> L.	Manga-Rosa	<b>Al</b>	Ar	E	2	2	100,0	0,03	3
Passifloraceae	<i>Passiflora alata</i> Curtis.	Maracujá	<b>Al</b>	Tr	E	2	2	100,0	0,03	3
Caesalpiniaceae	<i>Senna obtusifolia</i> (L.) H.S. Irwin & Barneb	Mata-pasto	<b>Me</b>	Ab	N	2	2	100,0	0,03	3
Orchidaceae	<i>Orchis</i> sp. L.	Orquídea	<b>Or</b>	Ep	E	2	2	100,0	0,03	3
Bignoniaceae	<i>Cybistax antisiphilitica</i> (Mart.) Mart.	Pé-de-anta	<b>Me</b>	Ar	N	2	2	100,0	0,03	3
Solanaceae	<i>Capsicum</i> sp.	Pimenta	<b>Al</b>	He	E	2	2	100,0	0,03	3
Solanaceae	<i>Capsicum baccatum</i> L.	Pimenta- chumbinho	<b>Al</b>	He	E	2	2	100,0	0,03	3
Solanaceae	<i>Capsicum odoratum</i> Steud.	Pimenta-de-cheiro	<b>Al</b>	He	E	2	2	100,0	0,03	3
Euphorbiaceae	<i>Jatropha curcas</i> L.	Pinhão	<b>Me</b>	Ab	N	2	2	100,0	0,03	3
Euphorbiaceae	<i>Jatropha pohliana</i> L.	Pinhão-branco	<b>Me, Pr</b>	Ab	N	8	2	25,0	0,11	3

Apocynaceae	<i>Adenium obesum</i> (Forssk.) Roem.	Rosa-do-deserto	<b>Or</b>	He	E	2	2	100,0	0,03	3
Asteraceae	<i>Pectis aff. jangadensis</i> Moore	Roxinha	<b>Or</b>	He	N	2	2	100,0	0,03	3
Polypodiaceae	<i>Polypodium subauriculatum</i> Blume	Samambaia-de-metro	<b>Or</b>	He	E	2	2	100,0	0,03	3
Euphorbiaceae	<i>Sapium obovatum</i> Klotzsch ex Müll. Arg.	Saranzeiro	<b>Al, Or</b>	Ab	N	4	2	50,0	0,05	3
Fabaceae	<i>Eriosema benthamianum</i> Mart. ex Benth.	Sene	<b>Me</b>	Sb	N	2	2	100,0	0,03	3
Araceae	<i>Xanthosoma sagittifolium</i> (L.) Schott	Taiá	<b>Al</b>	He	E	2	2	100,0	0,03	3
Lamiaceae	<i>Hyptis suaveolens</i> (L.) Poit.	Tapera	<b>Me</b>	He	E	2	2	100,0	0,03	3
Lamiaceae	<i>Vitex sellowiana</i> Cham.	Tarumã-mirim	<b>Me</b>	Ar	N	2	2	100,0	0,03	3
Boraginaceae	<i>Cordia cuyabensis</i> Manso & Lhotzky	Louro	<b>Al, Or, So</b>	Ar	N	5	2	40,0	0,07	3
Annonaceae	<i>Annona crassiflora</i> Mart.	Ata-do-mato	<b>Al</b>	Ab	N	1	1	100,0	0,01	1
Celastraceae	<i>Synadenium grantii</i> Hook. F.	Cancerosa	<b>Me</b>	He	E	1	1	100,0	0,01	1
Asteraceae	<i>Acanthospermum australe</i> (Loefl.) Kuntze	Carrapicho	<b>Me</b>	He	N	1	1	100,0	0,01	1
Alismataceae	<i>Echinodorus macrophyllus</i> Miq.	Chapéu-de-couro	<b>Me</b>	He	E	1	1	100,0	0,01	1
Apiaceae	<i>Eryngium foetidum</i> L.	Coentro-castela	<b>Al, Me</b>	He	N	2	1	50,0	0,03	1
Fabaceae	<i>Phaseolus vulgaris</i> L.	Feijão	<b>Al</b>	He	E	1	1	100,0	0,01	1

Asteraceae	<i>Achyrocline satureioides</i> (Lam.) DC.	Macela ou macela	<b>Me</b>	Sb	N	1	1	100,0	0,01	1
Euphorbiaceae	<i>Ricinus communis</i> L.	Mamona	<b>Me</b>	Ab	E	1	1	100,0	0,01	1
Euphorbiaceae	<i>Manihot esculenta</i> Crantz	Mandioca	<b>AI</b>	Ab	E	1	1	100,0	0,01	1
Lamiaceae	<i>Ocimum</i> sp.	Manjeriçã-da-folha-grande	<b>AI</b>	He	E	1	1	100,0	0,01	1
Rubiaceae	<i>Alibertia edulis</i> (Rich.) A. Rich. ex DC.	Marmelada-bola	<b>Me</b>	Ar	N	1	1	100,0	0,01	1
Rubiaceae	<i>Alibertia verrucosa</i> S.Moore	Marmelada-espina	<b>AI</b>	Ar	N	1	1	100,0	0,01	1
Cucurbitaceae	<i>Citrullus lanatus</i> (Thunb.) Matsum. & Nakai	Melancia	<b>AI</b>	Tr	E	1	1	100,0	0,01	1
Solanaceae	<i>Capsicum annuum</i> L.	Pimentão-verde	<b>AI</b>	Sb	E	1	1	100,0	0,01	1
Malvaceae	<i>Abelmoschus esculentus</i> (L.) Moench	Quiabo	<b>AI</b>	Ab	E	1	1	100,0	0,01	1
Poaceae	<i>Guadua paniculata</i> Munro	Taquara	<b>So, Ut</b>	He	E	2	1	50,0	0,03	1

Legenda: Etnocategoria de uso: AI = Alimentar, Me = Medicinal, Pr = Proteção, Or = Ornamental, Re = Repelente, So = Sombra, Ut = utensílio; Hábito: Ar = Arbóreo, Ab = Arbustivo, Ep = Epífita, He = Herbáceo, Pa = Palmeira, Sb = Subarbustivo, Tr = Trepadeira; Origem: E = Exótica, N = Nativa; Fsp = Frequência absoluta; Fid = Número de informantes que citaram o uso de uma espécie para uma finalidade; NF = Nível de fidelidade; FC = Fator de correção; Pcup (%) = Frequência relativa de concordância quanto aos usos principais.

#### 4.4.2.2. As plantas medicinais

O uso de plantas medicinais pela população da Passagem da Conceição foi confirmado através das informações emitidas durante as entrevistas, num total de 97% dos informantes. Alegam, também, que fazem uso da medicina caseira e alegaram que o conhecimento adquirido nessa área é de origem familiar, em especial pai, mãe e avós. Ainda, três pessoas também declararam que vizinhos, livros, revistas e programas de televisão fazem parte da origem do conhecimento sobre as plantas medicinais.

É inegável a importância cultural das plantas na vida dos moradores pela diversidade de espécies encontradas nos quintais e pelo conhecimento de uso de espécies nativas e exóticas para os diversos males da saúde. A expressividade cultural herdada e adquirida de suas origens étnicas foi verificada em maior quantidade pelos informantes mais velhos e remete à consistência cultural quanto às formas e multiplicidade de usos de cunho medicinal. É provável que tal fato se deva à relação das experiências pessoais, de convivência e de necessidades com o ambiente, desenvolvido devido ao difícil acesso aos municípios de Cuiabá e Várzea Grande no passado, principalmente no que se remete à saúde.

Foram identificadas 130 espécies na etnocategoria medicinal distribuídas em 54 famílias botânicas e apresentando 1.393 citações. As famílias botânicas mais representativas foram: Lamiaceae, Rutaceae e Asteraceae com 11%, 9% e 8% respectivamente, do total de famílias.

As espécies nativas superaram as exóticas com 54% e 46% respectivamente. As principais espécies nativas foram: *Momordica charantia* L. (melão-de-são-caetano), *Costus spicatus* (Jacq.) Sw (caninheiro-do-brejo) e *Cecropia pachystachya* Trècul. (embaúba); e entre as exóticas foram: *Plectranthus barbatus* Andrews (boldo) *Melissa officinalis* L. (ervacida) e *Matricaria reticulata* L. (camomila).

O empirismo das plantas usadas como medicinais é absorvido pelas pessoas da comunidade diariamente por conversas entre amigos e familiares, rodas de prosas e, muitas vezes, pela observação direta e participante do cultivo ao feitio do medicamento, durante a infância e

adolescência em sua própria residência. A medicina popular é praticada de forma natural pelos comunitários no dia-a-dia para curar e prevenir alguma dada doença ou males da alma, com bases em receitas caseiras com plantas.

As plantas conhecidas pelos entrevistados na etnocategoria medicinal são encontradas em sua maioria no quintal das residências visitadas (63%). Os informantes que não possuem alguma planta medicinal em sua residência ganham por doação de seus vizinhos comunitários, ou familiares e amigos que não mais residem ali. Alguns, ainda, compram de raizeiros que comercializam em feiras ou no centro da cidade de Cuiabá e Várzea Grande, determinando aí a entrada de novas espécies e conhecimentos (FIGURA 21).

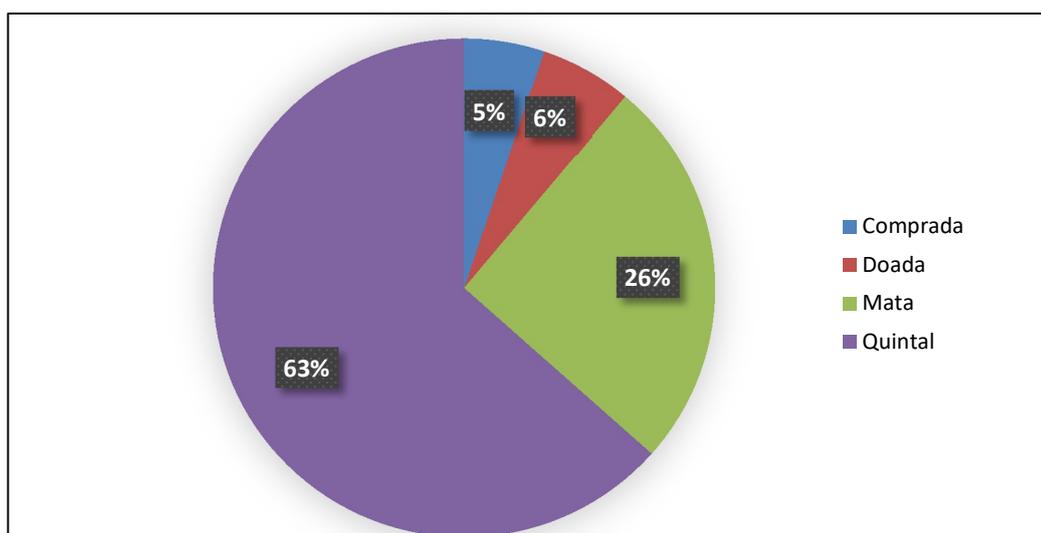


FIGURA 21 – ORIGEM DAS PLANTAS UTILIZADAS COMO REMÉDIO PELOS INFORMANTES DA PASSAGEM DA CONCEIÇÃO, VÁRZEA GRANDE, MT, 2016.

São largamente utilizadas as partes vegetativas e/ou reprodutivas de uma ou mais plantas em conjunto para uso medicinal. A folha foi a parte da planta mais utilizada com um percentual de 55%, seguido da casca da árvore com 15%. Na categoria outros (16%) foram contabilizadas as quantidades de citações para: flor, casca da fruta, seiva, semente, casca da raiz, água, castanha, tubérculo da raiz, botão da flor, broto da fruta, caule, broto da folha, bulbo e, ainda, os que não souberam qual seria a parte utilizada (FIGURA 22).

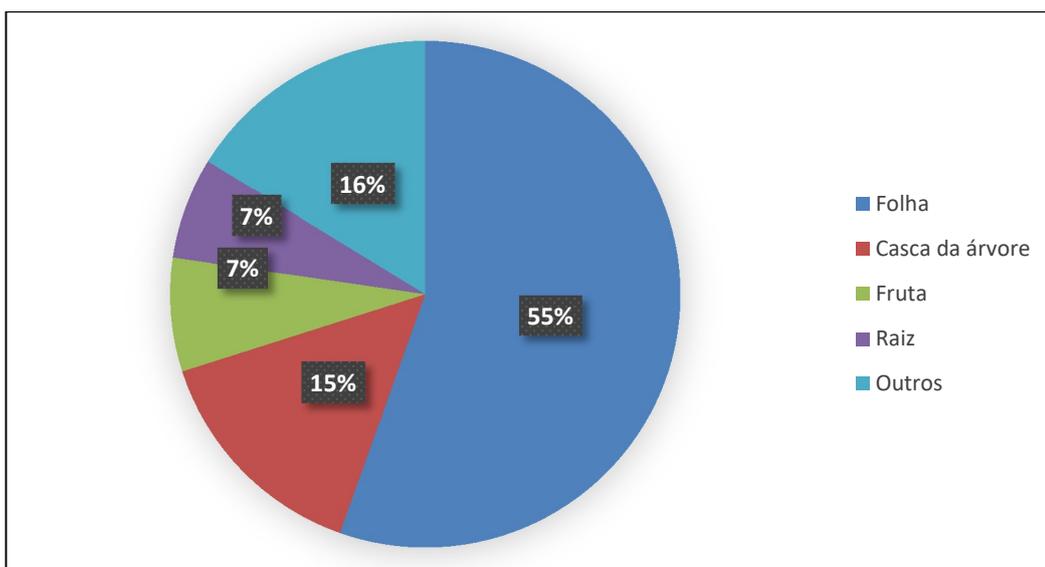


FIGURA 22 – PARTES UTILIZADAS PARA O PREPARO DE MEDICAMENTOS CASEIROS PELA POPULAÇÃO DA COMUNIDADE PASSAGEM DA CONCEIÇÃO, VÁRZEA GRANDE, MT, BRASIL.

Quanto às formas de usos mais expressivas dessas plantas destacam-se o chá, com um total de 63% das citações, sendo 43% por infusão e 19% por decocção. As demais formas de preparo totalizaram 37%.

Algumas moléstias requerem banhos que são feitos por meio da infusão ou decocção, porém mais concentrada, que deve ser misturado à água do banho. Esse chá, de uso externo, pode ser para banhos parciais ou de corpo inteiro. A categoria “outros” engloba as formas de preparo: macerada, emplasto, batida no liquidificador com leite, curtido no álcool, garrafada, melado, vinagre, cozido com leite, torrado, curtido no suco de uva, ralado, defumação, curtido na pinga, curtido no biotômico, curtido no licor e, ainda, as não informadas pelos depoentes (FIGURA 23).

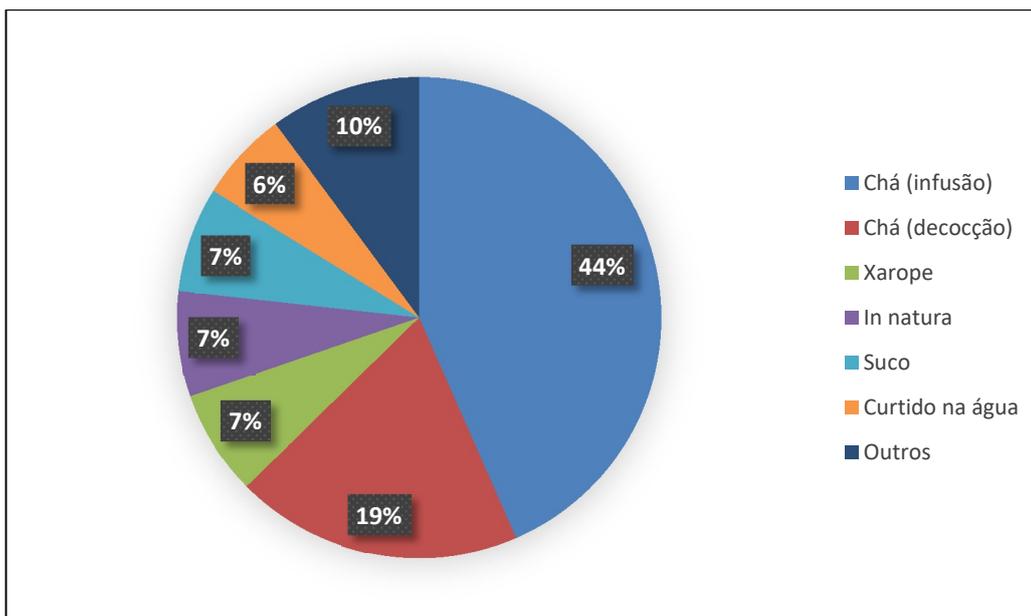


FIGURA 23 – FORMAS DE PREPARO DOS MEDICAMENTOS CASEIROS. PASSAGEM DA CONCEIÇÃO, VÁRZEA GRANDE, MT, BRASIL.

Alguns informantes afirmam que a forma de preparo dos chás deve ser por meio da decoção, independente da estrutura utilizada, para assim, liberar seus princípios ativos, outros não fazem distinção entre decoção e infusão, fato marcado pela fala de alguns informantes.

“Sempre ferve as partes da planta pra soltá mais o sumo”  
(A.S., 75 anos).

“O bom é fazer no fogão a lenha. Cozinha devagar...”  
(D.N.S., 46 anos).

Porém fica evidente que o preparo do chá por decoção não é unânime, pois cada informante tem uma forma própria de preparar o seu chá, e varia com a espécie vegetal utilizada, sua finalidade, forma de aprendizagem e crença na eficácia.

“Por infusão é melhor, porque quando ferve muito tira as propriedades. Ao invés de fazer bem faz mal. Por isso que quando faz chá por infusão deixa só um pouco as folhas e já tira, uns três minutos. E também, só pode usar o chá por dois dias. Quando o chá é pra banho pode fervê tudo”  
(S.C., 45 anos).

O melão-de-são-caetano e a caninha-do-brejo foram as espécies que receberam os maiores Percentual de Concordância de Uso

(Pcup) com 59% e 52%, o que demonstra que essas espécies são largamente utilizadas e populares na comunidade.

As espécies vegetais presentes no local que não tiveram referência de uso/citação de uso receberam a denominação SR, ou seja, já ouviram falar dos seus benefícios à saúde humana, porém não fazem uso e não sabem maiores informações. Entre os campos estão: parte utilizada e forma de preparo.

As indicações terapêuticas referidas pelos informantes obtiveram 112 citações de uso diferentes. Dentre as afecções citadas as que apresentaram um número expressivo estão: as afecções do sistema digestório e a tosse, com 7% cada; seguido pela bronquite, com 5%; gripe, pressão alta, disenteria, calmante e cicatrizante, com 4% cada.

Essas indicações terapêuticas foram agrupadas para melhor visualização. Dentre as mais expressivas estão as patologias que acometem o Sistema Gastrointestinal, com 287 citações (21%), seguida pelo Sistema Respiratório, com 195 citações (14%) e Virose 156 citações (11%). As doenças mais citadas que compõe a categoria do Sistema Gastrointestinal: distúrbios estomacais, doenças no fígado e desconfortos abdominais (21%); Sistema Respiratório: a tosse, bronquite, pneumonia e inflamação da garganta (14%); Víroses: gripe, dengue, resfriado, Zica e malária (11%); Sistema Cardiocirculatório: pressão alta, circulação, hemorroida e veias do coração (11%); Dores em geral: dor no peito, corpo, costas, cabeça e pernas (10%); Sistema Geniturinário: as enfermidades renais e uterinas (8%); Cicatrizante (5%); e Anti-inflamatório em geral (4%).

A categoria Outros agrupou indicações para vermífugo, anemia, febre, câncer, coceira, emagrecer, queda de cabelo, desintoxicação, malina (quentura e dores da cabeça causada por grandes dores preocupações), luxação, reposição hormonal, imunidade, reumatismo, furúnculo, entre outra, com 17% das indicações (FIGURA 24).

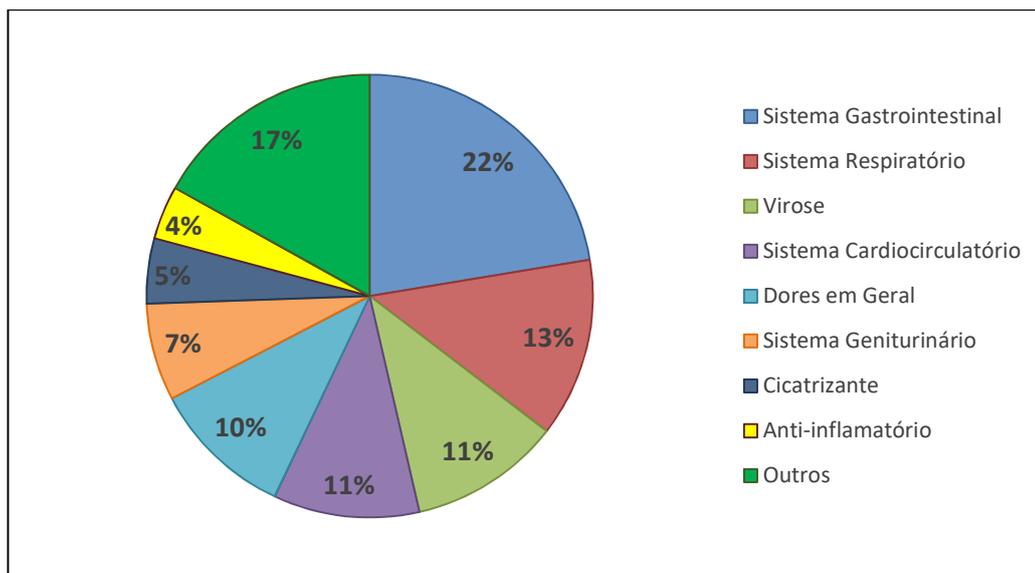


FIGURA 24 – INDICAÇÕES TERAPÊUTICAS REFERIDAS PELOS ENTREVISTADOS DA COMUNIDADE PASSAGEM DA CONCEIÇÃO. PASSAGEM DA CONCEIÇÃO, VÁRZEA GRANDE, MT, 2016.

Uma mesma planta pode ter várias indicações terapêuticas, o que configura a multiplicidade de usos quando analisada apenas a etnocategoria medicinal. Assim, a finalidade maior (Fid) representa o maior número de citações de uma indicação terapêutica representada em negrito na TABELA 4, como ocorre com o melão-de-são-caetano que apresentou cinco indicações terapêuticas, sendo virose a que apresentou a maior quantidade de finalidade de uso.

A multiplicidade de uso das plantas na etnocategoria medicinal variou entre um e sete tratamentos terapêuticos, sendo o capim-cidreira (*Cymbopogon citratus* (DC.) Stapf.), a erva-de-santa-maria (*Chenopodium ambrosioides* L.) e o tamarindo (*Tamarindus indica* L.) as espécies que apresentaram a maior variedade de usos terapêuticos pela população entrevistada.

Para o caso de duas ou mais indicações de uso negritadas significa que ambas receberam a mesma quantidade de citações, como o caso da amora-preta, sendo diabetes, dor no corpo, emagrecer, pressão alta e reposição hormonal com seis citações cada. Portanto, a Finalidade Maior (Fid) será seis representando as cinco indicações terapêuticas (TABELA 4).

TABELA 4 – PLANTAS MEDICINAIS CITADAS PELOS INFORMANTES E VALOR RELATIVO DE CONCORDÂNCIA QUANTO AOS USOS PRINCIPAIS. COMUNIDADE PASSAGEM DA CONCEIÇÃO, VÁRZEA GRANDE, MT, 2016.

Família	Nome Científico	Nome-Popular	Parte utilizada	Forma de preparo	Indicações terapêuticas	Fsp	Fid	NF	FC	Pcup (%)
Cucurbitaceae	<i>Momordica charantia</i> L.	Melão-de-são-caetano	Folha	Suco, Chá (decocção), Chá (infusão), Macerada	Dores em Geral, Outros, Sistema Circulatorio, Sistema Gastrointestinal, <b>Virose</b>	75	44	58,7	1,00	59
Costaceae	<i>Costus spicatus</i> (Jacq.) Sw	Caninha-do-brejo	Caule, Folha, Raiz	Chá (decocção), Chá (infusão), Molho na água	<b>Sistema Geniturinário</b>	39	39	100,0	0,52	52
Moraceae	<i>Cecropia pachystachya</i> Trècul.	Embaúba ou embaúva	Broto da árvore, Folha	Chá (infusão), Xarope	Sistema Circulatorio, <b>Sistema Respiratório</b> , Virose	40	36	90,0	0,53	48
Lamiaceae	<i>Plectranthus barbatus</i> Andrews	Boldo	Folha	Chá (infusão), Macerada, Suco	Dores em Geral, Outros, <b>Sistema Gastrointestinal</b>	48	34	70,8	0,64	45
Caesalpiniaceae	<i>Hymenaea stigonocarpa</i> Mart. Ex Hayne.	Jatobá	Casca da árvore, Fruta, Seiva	Batida no liquidificador com leite, Chá (decocção), Molho na água, Xarope	Dores em Geral, Outros, <b>Sistema Respiratório</b>	48	30	62,5	0,64	40
Bignoniaceae	<i>Tabebuia aurea</i> (Silva Manso)	Paratudo	Casca da árvore, Folha	Chá (decocção), Cozinha com	Dores em Geral, <b>Outros</b> , Sistema Gastrointestinal,	49	26	53,1	0,65	35

	Benth. & Hook. f ex S. Moore			leite, Molho na água, Xarope	Sistema Respiratório						
Lamiaceae	<i>Melissa officinalis</i> L.	Erva-cidreira	Folha	Chá (decocção), Chá (infusão)	Outros, <b>Sistema Cardiocirculatório</b>	25	23	92,0	0,33	31	
Asteraceae	<i>Vernonia polyanthes</i> (Spreng.) Less	Caferana/boldo	Folha	Suco, Chá (infusão), Macerada	Sistema Cardiocirculatório, <b>Sistema Gastrointestinal</b>	26	20	76,9	0,35	27	
Loganiaceae	<i>Strychnos pseudoquina</i> A. St. -Hil.	Quina	Casca da árvore, Folha	Chá (decocção), Chá (infusão), Molho na água, Torrada	Dores em Geral, <b>Outros</b> , Sistema Cardiocirculatório, Sistema Geniturinário, Sistema Respiratório, Virose	38	20	52,6	0,51	27	
Asteraceae	<i>Matricaria reticulata</i> L.	Camomila	Flor, Folha	Chá (infusão)	Outros, Sistema Cardiocirculatório, <b>Sistema Gastrointestinal</b>	34	18	52,9	0,45	24	
Lauraceae	<i>Ocotea</i> sp.	Canela	Casca da árvore	Chá (decocção), Xarope	Dores em Geral, <b>Sistema Respiratório</b>	24	18	75,0	0,32	24	
Poaceae	<i>Cymbopogon citratus</i> (DC.) Stapf.	Capim-cidreira	Folha, Raiz	Chá (decocção), Chá (infusão), Xarope	Dores em Geral, Outros, <b>Sistema Cardiocirculatório</b> , Sistema Gastrointestinal, Sistema Geniturinário, Sistema Respiratório, Virose	41	18	43,9	0,55	24	

Lythraceae	<i>Lafoensia pacari</i> A. St.-Hil.	Mangaba-brava/ mangava-brava	Casca da árvore	Garrafada, Molho na água	Outros, <b>Sistema Gastrointestinal</b>	20	18	90,0	0,27	24
Amaranthaceae	<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	Erva-de-santa-maria	Folha, Raiz	Chá (decocção), Chá (infusão), Emplasto, Garrafada, Macerada, Suco	Anti-inflamatório, Cicatrizante, Dores em Geral, <b>Outros</b> , Sistema Gastrointestinal, Sistema Geniturinário, Virose	47	17	36,2	0,63	23
Burseraceae	<i>Protium heptaphyllum</i> (Aubl.) March.	Amescla	Casca da árvore, Folha	Chá (infusão), Xarope	Dores em Geral, <b>Sistema Respiratório</b>	22	16	72,7	0,29	21
Xanthorrhoeaceae	<i>Alloe vera</i> (L.) Burm f.	Babosa	Folha	<i>In natura</i>	<b>Cicatrizante</b> , Outros, Sistema Gastrointestinal	25	16	64,0	0,33	21
Arecaceae	<i>Cocos nucifera</i> L.	Coco-da-baía	Água, Casca da fruta, Fruta	Chá (decocção), <i>In natura</i>	Anti-inflamatório, <b>Sistema Gastrointestinal</b> , Sistema Geniturinário	33	16	48,5	0,44	21
Fabaceae	<i>Dipteryx alata</i> Vog.	Cumbarú	Casca da árvore, Castanha, Folha	Chá (decocção), Chá (infusão), Molho no álcool	Cicatrizante, Dores em Geral, Outros, <b>Sistema Gastrointestinal</b>	40	16	40,0	0,53	21
Apocynaceae	<i>Hancornia speciosa</i> Gomez	Mangaba/ mangava	Casca da árvore, Seiva	<i>In natura</i> , Molho na água	Outros, <b>Sistema Gastrointestinal</b>	18	16	88,9	0,24	21

Amaranthaceae	<i>Alternanthera brasiliiana</i> (L.) Kuntze	Penicilina/ terramicina	Folha	Chá (infusão), Emplasto, Suco	<b>Anti-inflamatório,</b> Cicatrizante, Outros, Sistema Geniturinário	26	14	53,8	0,35	19
Asteraceae	<i>Eremanthus cf. exsuccus</i> Bak.	Bácino	Folha	Chá (infusão)	<b>Dores em Geral</b>	13	13	100,0	0,17	17
Myrtaceae	<i>Psidium guajava</i> L.	Goiaba-branca	Broto da fruta, Casca da árvore, Casca da fruta, Folha, Semente	Chá (decocção), Chá (infusão), <i>In natura</i>	<b>Sistema Gastrointestinal,</b> Virose	15	13	86,7	0,20	17
Caricaceae	<i>Carica papaya</i> L.	Mamão	Flor, Semente	Chá (infusão), Torrada, Xarope	Outros, Sistema Cardiocirculatório, <b>Sistema Respiratório</b>	16	12	75,0	0,21	16
Rutaceae	<i>Ruta graveolens</i> L.	Arruda	Folha	Chá (infusão), Macerada	Anti-inflamatório, Outros, <b>Sistema Gastrointestinal,</b> Sistema Geniturinário	22	10	45,5	0,29	13
Caesalpiniaceae	<i>Senna hirsuta</i> (L.) Irwin & Barneby	Fedegoso	Flor, Raiz, Semente	Chá (decocção), Chá (infusão), Macerada, Molho na água	Outros, <b>Sistema Gastrointestinal</b>	13	8	61,5	0,17	11
Lamiaceae	<i>Mentha villosa</i> Becker	Hortelã	Folha	Chá (infusão), Suco	Outros, <b>Sistema Gastrointestinal,</b> Sistema Respiratório, Virose	16	8	50,0	0,21	11

Phyllanthaceae	<i>Phyllanthus orbiculatus</i> Rich.	Quebra-pedra	Folha	Chá (decocção), Chá (infusão)	<b>Sistema Geniturinário</b>	8	8	100,0	0,11	11
Asteraceae	<i>Artemisia absinthium</i> L.	Artemisia	Folha	Chá (infusão)	<b>Sistema Gastrointestinal, Virose</b>	10	8	80,0	0,13	11
Rutaceae	<i>Citrus aurantium</i> L.	Laranja-azedo	Raiz	Chá (decocção)	<b>Sistema Cardiocirculatório, Sistema Gastrointestinal</b>	14	8	57,1	0,19	11
Rutaceae	<i>Citrus limon</i> (L.) Osbeck	Limão	Folha, Fruta	Chá (decocção), Chá (infusão), <i>In natura</i>	Sistema Cardiocirculatório, Sistema Gastrointestinal, <b>Virose</b>	12	8	66,7	0,16	11
Siparunaceae	<i>Siparuna guianensis</i> Aubl.	Negramina	Folha	Chá (infusão)	Sistema Gastrointestinal, <b>Virose</b>	14	8	57,1	0,19	11
Scrophulariaceae	<i>Scoparia dulcis</i> L.	Vassourinha	Folha	Chá (infusão), Emplasto, Macerada, Suco	Anti-inflamatório, <b>Cicatrizante,</b> Outros	12	8	66,7	0,16	11
Lamiaceae	<i>Ocimum</i> sp.	Manjeriço-da-folha-miúda/ alfavaca-da-folha-miúda	Flor, Folha	Chá (infusão), Xarope	Outros, <b>Sistema Respiratório</b>	9	7	77,8	0,12	9
Malpighiaceae	<i>Malpighia glabra</i> L.	Acerola	Folha, Fruta	Chá (infusão), Suco	Outros, Sistema, Gastrointestinal, <b>Virose</b>	12	6	50,0	0,16	8
Malvaceae	<i>Gossypium hirsutum</i> L.	Algodão	Folha	Chá (decocção), Garrafada, Macerada, Suco	<b>Anti-inflamatório,</b> Cicatrizante, Outros, Sistema	20	6	30,0	0,27	8

					Geniturinário, Virose					
Rosaceae	<i>Rubus glaucus</i> Benth	Amora-preta	Folha	Chá (decocção), Chá (infusão)	<b>Dores em Geral, Outros, Sistema Cardiocirculatório, Sistema Gastrointestinal</b>	24	6	25,0	0,32	8
Acanthaceae	<i>Justicia pectoralis</i> Jacq.	Anador	Folha	Chá (infusão)	<b>Outros</b>	6	6	100,0	0,08	8
Musaceae	<i>Musa sp.</i> L.	Banana-roxa	Seiva	<i>In natura</i>	<b>Sistema Gastrointestinal</b>	6	6	100,0	0,08	8
Arecaceae	<i>Acrocomia aculeata</i> (Jacq.) Lodd. ex Mart.	Bocaiuva	Fruta, Raiz	Chá (decocção), <i>In natura</i>	<b>Sistema Cardiocirculatório, Sistema Respiratório, Virose</b>	14	6	42,9	0,19	8
Calophyllaceae J. Agardh	<i>Kielmeyera rubriflora</i> Cambess	Breu	Flor	Chá (infusão)	<b>Dores em Geral, Virose</b>	12	6	50,0	0,16	8
Lamiaceae	<i>Leonotis nepetifolia</i> (L.) R. Br.	Cordão-de- frade	Folha, Raiz	Chá (decocção), Chá (infusão)	<b>Dores em Geral, Outros</b>	10	6	60,0	0,13	8
Commeliaceae	<i>Callisia repens</i> (Jacq.) L.	Dinheiro-em- penca	Folha	Chá (infusão)	<b>Outros</b>	6	6	100,0	0,08	8
Rubiaceae	<i>Randia armata</i> (Sw.) DC.	Espinheiro	Casca da árvore	Chá (decocção), Xarope	<b>Sistema Respiratório</b>	6	6	100,0	0,08	8
Fabaceae	<i>Acosmium cuiabensis</i> Benth.	Genciana	Casca da raiz	Molho na água	<b>Dores em Geral, Sistema Cardiocirculatório</b>	12	6	50,0	0,16	8

Lamiaceae	<i>Hyptis cana</i> Pohl ex Benth.	Hortelã-do-campo	Folha	Chá (infusão), Defumação	<b>Outros, Virose</b>	8	6	75,0	0,11	8
Anacardiaceae	<i>Mangifera indica</i> L.	Manga	Folha, Broto da folha	Chá (decocção), Chá (infusão), Melado	Outros, Sistema Respiratório, <b>Virose</b>	14	6	42,9	0,19	8
Simaroubaceae	<i>Quassia amara</i> L.	Pau-tenente	Casca da árvore	Chá (decocção), Chá (infusão)	Outros, <b>Sistema Gastrointestinal</b>	8	6	75,0	0,11	8
Lamiaceae	<i>Mentha pulegium</i> L.	Poejo	Folha	Chá (infusão)	Outros, Sistema Respiratório, <b>Virose</b>	10	6	60,0	0,13	8
Rosaceae	<i>Rosa chinensis</i> Jacq.	Rosa-menina	Flor	Chá (infusão)	<b>Sistema Geniturinário</b>	6	6	100,0	0,08	8
Verbenaceae	<i>Stachytarpheta angustifolia</i> Lopez-Palacios	Gervão/ Gerbão	Folha, Raiz	Chá (infusão), Xarope	Outros, <b>Sistema Respiratório, Virose</b>	11	6	54,5	0,15	8
Fabaceae	<i>Tamarindus indica</i> L.	Tamarindo	Folha, Fruta	Chá (decocção), Chá (infusão), Suco, Vinagre	Anti-inflamatório, Cicatrizante, Dores em Geral, <b>Outros, Sistema Cardiocirculatório, Sistema Gastrointestinal, Sistema Respiratório</b>	18	6	33,3	0,24	8
Apiaceae	<i>Foeniculum vulgare</i> Mill.	Erva-doce	Semente	Chá (infusão)	<b>Sistema Gastrointestinal, Sistema Respiratório</b>	6	5	83,3	0,08	7
Fabaceae	<i>Hymenaea courbaril</i> var.	Jatobá-mirim	Casca da árvore	Chá (decocção)	<b>Dores em Geral, Virose</b>	6	5	83,3	0,08	7

	<i>stilbocarpa</i> (Hayne) Y.T. Lee & Langenh.									
Rutaceae	<i>Citrus sp.</i>	Lima	Casca da fruta, Fruta	<i>In natura</i> , Molho no álcool	<b>Sistema Cardiocirculatório</b>	5	5	100,0	0,07	7
Rubiaceae	<i>Morinda citrifolia</i> L.	Noni	Folha, Fruta	Molho no álcool, Molho no suco de uva	Dores em Geral, <b>Outros</b> , Virose	9	5	55,6	0,12	7
Euphorbiaceae	<i>Jatropha gossypifolia</i> L.	Pinhão-roxo	Folha, Seiva	Chá (decocção), Chá (infusão), <i>In natura</i>	Cicatrizante, <b>Outros</b> , Virose	10	5	50,0	0,13	7
Rutaceae	<i>Citrus sp.</i>	Lima-de- umbigo	Fruta	Suco, <i>In natura</i>	Outros, Sistema Cardiocirculatório, <b>Sistema Gastrointestinal</b>	11	5	45,5	0,15	7
Solanaceae	<i>Solanum mammosum</i> L.	Beringela	Fruta	Suco	<b>Sistema Cardiocirculatório</b>	4	4	100,0	0,05	5
Oxalidaceae	<i>Averrhoa carambola</i> L.	Carambola	Folha	Chá (infusão)	<b>Sistema Cardiocirculatório</b>	4	4	100,0	0,05	5
Arecaceae	<i>Attalea phalerata</i> Mart. ex Spreng.	Coco-de-acurí	Fruta	Batida no liquidificador com leite, <i>In natura</i>	<b>Sistema Respiratório, Virose</b>	8	4	50,0	0,11	5
Myrtaceae	<i>Syzygium aromaticum</i> (L.) Merr. & L.M. Perry	Cravo-da-índia	Botão da flor	Xarope	<b>Sistema Respiratório</b>	4	4	100,0	0,05	5

Malvaceae	<i>Waltheria douradinha</i> A. St.-Hil.	Douradinha	Folha	Chá (infusão)	<b>Sistema Geniturinário</b>	4	4	100,0	0,05	5
Lamiaceae	<i>Leonurus sibiricus</i> L.	Erva-de-Macaé	Folha	Chá (infusão)	<b>Sistema Gastrointestinal</b>	4	4	100,0	0,05	5
Malvaceae	<i>Sida cordifolia</i> L.	Malva-do-cerrado/ Malva	Folha	Chá (decocção), Chá (infusão)	<b>Anti-inflamatório, Cicatrizante, Sistema Geniturinário</b>	8	4	50,0	0,11	5
Asteraceae	<i>Porophyllum ruderale</i> (Jacq.) Cass	Picão-branco	Folha	Chá (decocção)	<b>Outros</b>	4	4	100,0	0,05	5
Polygonaceae	<i>Coccoloba cujabensis</i> L.	Uvinha	Folha, casca da árvore	Decocção/molho na água	<b>Sistema Gastrointestinal</b>	4	4	100,0	0,05	5
Anacardiaceae	<i>Myracrodunon urundeuva</i> (Fr. All.) Engl.	Aroeira	Casca da árvore	Chá (decocção), Melado	<b>Cicatrizante, Outros</b>	6	4	66,7	0,08	5
Connaraceae	<i>Rourea induta</i> Planch.	Calunga	Casca da árvore, Tubérculo da raiz	Chá (decocção), Molho na água	<b>Outros, Sistema Cardiocirculatório, Sistema Gastrointestinal</b>	10	4	40,0	0,13	5
Asparagaceae	<i>Sansevieria trifasciata</i> Prain	Espada-de-São-Jorge	Folha	Chá (decocção), Chá (infusão)	<b>Dores em Geral, Outros</b>	6	4	66,7	0,08	5
Zingiberaceae	<i>Zingiber officinale</i> Roscoe	Gengibre	Raiz	Chá (infusão), Ralado, Suco	<b>Outros, Sistema Respiratório</b>	6	4	66,7	0,08	5
Caesalpiniaceae	<i>Caesalpinia ferrea</i> Mart. Ex Tul.	Jucá	Fruta	Macerada, Molho na água	<b>Anti-inflamatório, Outros</b>	6	4	66,7	0,08	5

Rutaceae	<i>Citrus sinensis</i> L. Osbeck	Laranja	Casca da fruta, Folha	Chá (decoção), Chá (infusão)	Sistema Cardiocirculatório, <b>Virose</b>	6	4	66,7	0,08	5
Solanaceae	<i>Capsicum frutescens</i> L.	Pimenta-malagueta	Folha, Fruta	<i>In natura</i> , Macerada	Outros, <b>Sistema Cardiocirculatório</b>	6	4	66,7	0,08	5
Punicaceae	<i>Punica granatum</i> L.	Romã	Casca da fruta, Fruta	Chá (infusão), Molho no biotônico	Sistema Gastrointestinal, <b>Sistema Respiratório</b>	6	4	66,7	0,08	5
Bignoniaceae	<i>Crescentia cujete</i> L.	Cabaça/coité	Folha	<i>In natura</i>	<b>Dores em Geral, Sistema Respiratório</b>	5	3	60,0	0,07	4
Sterculiaceae	<i>Guazuma ulmifolia</i> Lam.	Chico-magro	Folha	Chá (infusão)	Outros, <b>Sistema Respiratório</b>	4	3	75,0	0,05	4
Caryocaraceae	<i>Caryocar brasiliense</i> Camb.	Pequi/ piqui	Folha, Fruta	Chá (infusão), Molho no licor	<b>Outros, Sistema Gastrointestinal</b>	5	3	60,0	0,07	4
Myrtaceae	<i>Eugenia uniflora</i> L.	Pitanga	Folha	Chá (infusão)	<b>Sistema Geniturinário</b>	3	3	100,0	0,04	4
Rosaceae	<i>Rosa alba</i> L.	Rosa-branca	Flor	Chá (infusão)	<b>Sistema Geniturinário</b>	3	3	100,0	0,04	4
Lamiaceae	<i>Rosmarinus officinalis</i> L.	Alecrim	Folha	Chá (infusão)	<b>Sistema Cardiocirculatório</b>	2	2	100,0	0,03	3
Amaryllidaceae	<i>Allium sativum</i> L.	Alho	Bulbo	Chá (infusão)	<b>Virose</b>	2	2	100,0	0,03	3
Fabaceae	<i>Amburana cearensis</i> (Allemão) A.C. Sm.	Amburana	Casca da árvore	Chá (infusão)	<b>Sistema Gastrointestinal</b>	2	2	100,0	0,03	3
Asteraceae	<i>Solidago chilensis</i> Meyen	Arnica	Folha	Chá (infusão)	<b>Cicatrizante, Virose</b>	4	2	50,0	0,05	3

Cucurbitaceae	<i>Luffa operculata</i> (L.) Cogn.	Buchinha	Fruta	<i>In natura</i>	<b>Sistema Respiratório</b>	2	2	100,0	0,03	3
Rubiaceae	<i>Coffea arabica</i> L.	Café	Folha	Emplasto	<b>Cicatrizante</b>	2	2	100,0	0,03	3
Anacardiaceae	<i>Spondias mombin</i> L.	Cajá-manga	Fruta	<i>In natura</i>	<b>Sistema Gastrointestinal, Virose</b>	4	2	50,0	0,05	3
Euphorbiaceae	<i>Jatropha urens</i> L.	Cansansão	Seiva	<i>In natura</i>	<b>Cicatrizante</b>	2	2	100,0	0,03	3
Asteraceae	<i>Baccharis genisteloides</i> L.	Carqueja	Folha	Chá (infusão)	<b>Sistema Gastrointestinal</b>	2	2	100,0	0,03	3
Cucurbitaceae A.Juss.	<i>Sechium edule</i> (Jacq.) Sw.	Chuchu	Fruta	Suco	<b>Sistema Cardiocirculatório</b>	2	2	100,0	0,03	3
Zingiberaceae	<i>Alpinia zerumbet</i> (Pers.) B. L. Burtt & R. M.	Colônia	Folha	Chá (infusão)	<b>Sistema Cardiocirculatório</b>	2	2	100,0	0,03	3
Araceae	<i>Dieffenbachia amoena</i> Bull.	Comigo-ninguém-pode	Folha	Chá (decocção), Chá (infusão)	<b>Dores em Geral, Outros</b>	4	2	50,0	0,05	3
Araceae	<i>Dieffenbachia</i> sp. Schott	Comigo-ninguém-pode-pintadinha	Folha	Chá (decocção)	<b>Dores em Geral</b>	2	2	100,0	0,03	3
Caesalpiniaceae	<i>Copaifera langsdorffii</i> Desf.	Copaíba	Seiva	<i>In natura</i>	<b>Anti-inflamatório</b>	2	2	100,0	0,03	3
Euphorbiaceae	<i>Euphorbia milii</i> Des Moul.	Coroa-de-cristo	Fruta	Molho na água	<b>Sistema Cardiocirculatório</b>	2	2	100,0	0,03	3
Polygonaceae	<i>Polygonum persicaria</i> var. <i>persicaria</i>	Erva-de-bicho	Folha	Chá (decocção)	<b>Dores em Geral, Virose</b>	4	2	50,0	0,05	3
Sapindaceae	<i>Paullinia cupana</i> H.B.K.	Guaraná	Fruta	Chá (infusão)	<b>Sistema Geniturinário</b>	2	2	100,0	0,03	3
Vitaceae	<i>Cissus sicyoides</i> L.	Insulina	Folha	Chá (infusão)	<b>Sistema Gastrointestinal</b>	2	2	100,0	0,03	3

Rutaceae	<i>Pilocarpus microphyllus</i> Stapf ex Wardleworth	Jaborandi	Folha	Chá (decocção), Suco	<b>Dores em Geral, Outros</b>	4	2	50,0	0,05	3
Fabaceae	<i>Pithecellobium tortum</i> Mart.	Jurema	Folha	Chá (infusão)	<b>Outros</b>	2	2	100,0	0,03	3
Rutaceae	<i>Citrus sinensis</i> (L.) Osbeck	Laranja-misteriosa	Folha, Fruta	Chá (infusão), <i>In natura</i>	<b>Sistema Cardiocirculatório, Virose</b>	4	2	50,0	0,05	3
Lamiaceae	<i>Mentha spicata</i> L.	Levante	Folha	Chá (infusão)	<b>Sistema Gastrointestinal</b>	2	2	100,0	0,03	3
Rutaceae	<i>Citrus aurantifolia</i> Swingle	Limão-galego	Folha	Chá (infusão)	<b>Virose</b>	2	2	100,0	0,03	3
Rutaceae	<i>Citrus latifolia</i> Tanaka	Limão-thaiti	Casca da fruta	Chá (infusão)	<b>Sistema Cardiocirculatório, Virose</b>	4	2	50,0	0,05	3
Rosaceae	<i>Malus domestica</i> Borkh.	Maça	Fruta	Suco	<b>Sistema Cardiocirculatório</b>	2	2	100,0	0,03	3
Caesalpiaceae	<i>Senna obtusifolia</i> (L.) H.S. Irwin & Barneby	Mata-pasto	Folha	Chá (infusão)	<b>Virose</b>	2	2	100,0	0,03	3
Rutaceae	<i>Citrus reticulata</i> Blanco	Mexirica	Folha	Chá (infusão)	<b>Outros, Virose</b>	4	2	50,0	0,05	3
Sapindaceae	<i>Dilodendron bipinnatwn</i> Radlk.	Mulher-pobre	Folha	Chá (infusão)	<b>Cicatrizante, Sistema Cardiocirculatório</b>	4	2	50,0	0,05	3
Malpighiaceae	<i>Heteropterys aphrodisiaca</i> O. Mach.	Nó-de-cachorro	Raiz	Chá (decocção), Curtido na pinga	<b>Outros, Sistema Gastrointestinal</b>	4	2	50,0	0,05	3

Caesalpiniaceae	<i>Bauhinia macrostachya</i> Benth.	Pata-de-vaca-do-cerrado	Folha	Chá (infusão), Chá (infusão)	<b>Sistema Cardiocirculatório, Sistema Gastrointestinal</b>	4	2	50,0	0,05	3
Bignoniaceae	<i>Cybistax antisiphilitica</i> (Mart.) Mart.	Pé-de-anta	Raiz	Chá (decocção)	<b>Dores em Geral</b>	2	2	100,0	0,03	3
Asteraceae	<i>Bidens pilosa</i> L.	Picão	Raiz	Chá (infusão)	<b>Outros, Virose</b>	4	2	50,0	0,05	3
Euphorbiaceae	<i>Jatropha curcas</i> L.	Pinhão	Seiva	<i>In natura</i>	<b>Dores em Geral</b>	2	2	100,0	0,03	3
Fabaceae	<i>Eriosema benthamianum</i> Mart. ex Benth.	Sene	Folha	Chá (infusão)	<b>Anti-inflamatório</b>	2	2	100,0	0,03	3
Anacardiaceae	<i>Spondias lutea</i> L.	Seriguela	Fruta	<i>In natura</i>	<b>Outros</b>	2	2	100,0	0,03	3
Lamiaceae	<i>Hyptis suaveolens</i> (L.) Poit.	Tapera	Folha	Chá (decocção)	<b>Sistema Geniturinário</b>	2	2	100,0	0,03	3
Lamiaceae	<i>Vitex cymosa</i> Bertero ex Spreng.	Tarumã	Seiva	Xarope	Sistema Cardiocirculatório, Sistema Gastrointestinal, <b>Sistema Respiratório</b>	4	2	50,0	0,05	3
Lamiaceae	<i>Vitex sellowiana</i> Cham.	Tarumã-mirim	SR	SR	<b>Sistema Gastrointestinal</b>	2	2	100,0	0,03	3
Moraceae	<i>Brosimum gaudichaudii</i> Trécul.	Algodãozinho-do-mato	Raiz	Chá (decocção)	Outros, <b>Sistema Cardiocirculatório</b>	3	2	66,7	0,04	3
Petiveriaceae	<i>Petiveria alliacea</i> L.	Guiné	Folha	Chá (decocção), Chá (infusão)	<b>Dores em Geral, Outros, Virose</b>	6	2	33,3	0,08	3

Lamiaceae	<i>Mentha pulegium</i> L.	Hortelãzinha	Folha	Chá (infusão)	<b>Dores em Geral, Sistema Respiratório, Virose</b>	5	2	40,0	0,07	3
Solanaceae	<i>Solanum lycopersicum</i> L.	Tomate	Fruta	Suco	<b>Outros, Sistema Geniturinário</b>	3	2	66,7	0,04	3
Bixaceae	<i>Bixa orellana</i> L.	Urucum	Folha, Semente	Chá (infusão), Molho na água	<b>Outros, Sistema Cardiocirculatório, Virose</b>	6	2	33,3	0,08	3
Celastraceae	<i>Synadenium grantii</i> Hook. F.	Cancerosa	Folha	Chá (decocção)	<b>Cicatrizante</b>	1	1	100,0	0,01	1
Asteraceae	<i>Acanthospermum australe</i> (Loefl.) Kuntze	Carrapicho	Raiz	Chá (decocção)	<b>Sistema Geniturinário</b>	1	1	100,0	0,01	1
Alismataceae	<i>Echinodorus macrophyllus</i> Miq.	Chapéu-de-couro	Folha	Chá (infusão)	<b>Sistema Geniturinário</b>	1	1	100,0	0,01	1
Apiaceae	<i>Eryngium foetidum</i> L.	Coentro-castela	Folha	Chá (infusão)	<b>Sistema Geniturinário</b>	1	1	100,0	0,01	1
Asteraceae	<i>Achyrocline satureioides</i> (Lam.) DC.	Macela ou marcela	Flor	Chá (decocção)	<b>Sistema Gastrointestinal</b>	1	1	100,0	0,01	1
Euphorbiaceae	<i>Ricinus communis</i> L.	Mamona	Broto da folha, Folha	Chá (decocção), Chá (infusão), Melado	<b>Outros, Sistema Respiratório</b>	2	1	50,0	0,03	1
Rubiaceae	<i>Alibertia edulis</i> (Rich.) A. Rich. ex DC.	Marmelada-bola	Folha	Chá (decocção)	<b>Sistema Cardiocirculatório</b>	1	1	100,0	0,01	1
Euphorbiaceae	<i>Jatropha pohliana</i> L.	Pinhão-branco	Seiva	<i>In natura</i>	<b>Cicatrizante, Outros</b>	2	1	50,0	0,03	1

Legenda: Fsp = Frequência absoluta; Fid = Número de informantes que usam uma espécie para uma finalidade maior; NF = Nível de fidelidade; FC = Fator de correção; Pcup (%) = Frequência relativa de concordância quanto aos usos principais; SR = Sem referência de uso/citação de uso.

Várias espécies podem ser usadas em conjunto ou não para o preparo de algum medicamento, para assim ter o efeito desejado na saúde humana. São receitas preparadas pela forma de chá, xarope, garrafada, suco, curtido na água, emplasto e vinagre, com uma ou mais indicações terapêuticas.

Entre elas estão receitas oriundas da tradição familiar e outras adquiridas com vizinhos e conhecidos, muitos de cidades vizinhas. Receitas, posologias e indicações terapêuticas recebidas e repassadas de forma oral e gratuitamente, com o intuito de ajudar o próximo.

A junção de diferentes espécies para o preparo de remédios foi verificada em 25 receitas, variando: a quantidade de espécies utilizadas, de duas à quatro; a variabilidade das partes vegetativas e reprodutivas das plantas utilizadas; e, a quantidade de indicações terapêuticas para cada receita. Podem ser utilizadas apenas uma parte vegetal de diferentes plantas em uma receita, como as folhas, ou diferentes partes vegetais, como raiz, casca do caule, entre outros.

Como exemplo, para o tratamento terapêutico de luxação, receita cedida por D.N.S. (46 anos), são usadas folhas de erva-de-santa-maria (*Chenopodium ambrosioides* L.) e vassourinha (*Scoparia dulcis* L.) maceradas juntas ou na forma de emplasto e o vinagre de tamarindo, feito previamente com a fruta, embebido em um pano e colocado sobre a luxação (machucadura do músculo).

No caso de ferimentos, J.A.C. (69 anos), utiliza as folhas de erva-de-santa-maria (*Chenopodium ambrosioides* L.) e vassourinha (*Scoparia dulcis* L.) na forma de emplasto para colocar sobre a lesão ou na forma de suco feito no liquidificador, para lavar a ferida.

Com o xarope de folha de améssia (*Protium heptaphyllum* (Aubl.) March.), casca da árvore de jatobá (*Hymenaea stigonocarpa* Mart. Ex Hayne.), paratudo (*Tabebuia aurea* (Silva Manso) Benth. & Hook. f ex S. Moore) e canela (*Ocotea* sp.), I.C.P (34 anos) utiliza para quatro indicações terapêuticas: tosse, bronquite, dor nas costas e no peito, ambas doenças do aparelho respiratório (TABELA 5).

TABELA 5 – REMÉDIOS CASEIROS COM MAIS DE UMA PLANTA. PASSAGEM DA CONCEIÇÃO, VÁRZEA GRANDE, MT, 2016.

Informante	Nome Popular	Nome Científico	Parte utilizada	Forma de preparo	Indicação Terapêutica
M.A.C. (41 anos)	Comigo-ninguém-pode	<i>Dieffenbachia amoena</i> Bull.	Folha		
	Espada-de-São-Jorge	<i>Sansevieria trifasciata</i> Prain	Folha	Chá (decocção)	Coceira (banho)
	Guiné	<i>Petiveria alliacea</i> L.	Folha		
	Jurema	<i>Pithecellobium tortum</i> Mart.	Folha		
	Embaúva	<i>Cecropia pachystachya</i> Trècul.	Broto da folha		
	Canela	<i>Ocotea</i> sp.	Casca da árvore	Xarope	Bronquite e tosse
	Cravo-da-índia	<i>Syzygium aromaticum</i> (L.) Merr. & L.M. Perry	Botão da flor		
	Limão	<i>Citrus limon</i> (L.) Osbeck	Fruta		
	Alho	<i>Allium sativum</i> L.	Bulbo	Chá (infusão)	Gripe
	Poejo	<i>Mentha pulegium</i> L.	Folha		
	Embaúva	<i>Cecropia pachystachya</i> Trècul.	Broto	Chá (infusão)	Gripe
	Hortelã	<i>Mentha villosa</i> Becker	Folha		
	Canela	<i>Ocotea</i> sp.	Casca da árvore		
I.T.F.C. (64 anos)	Erva-de-santa-maria/ mastruz	<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	Folha	Garrafada	Cicatrizante
	Algodão	<i>Gossypium hirsutum</i> L.	Folha		
F.S.C.	Quina	<i>Strychnos pseudoquina</i> A. St. -Hil.	Folha		

(77 anos)	Tamarindo ou tamarino	<i>Tamarindus indica</i> L.	Folha	Chá (decocção)	Dor de cabeça (Banho)
A.C.M.C. (32 anos)	Gengibre	<i>Zingiber officinale</i> Roscoe	Raiz		
	Hortelã	<i>Mentha villosa</i> Becker	Folha	Suco	Desintoxicação
	Tomate	<i>Solanum lycopersicum</i> L.	Fruta		
	Hortelã	<i>Mentha villosa</i> Becker	Folha	Chá (infusão)	Estômago
	Camomila	<i>Matricaria reticulita</i> L.	Flor		
R.C.S. (43 anos)	Erva-de-santa-maria/ mastruz	<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	Folha	Chá (infusão)	Dores em geral
	Melão-de-São-Caetano	<i>Momordica charantia</i> L.	Folha		
	Fedegoso-manso	<i>Senna hirsuta</i> (L.) Irwin & Barneby	Flor	Chá (infusão)	Cólica
	Erva-doce	<i>Foeniculum vulgare</i> Mill.	Semente		
J.M.O.S (38 anos)	Algodão	<i>Gossypium hirsutum</i> L.	Folha		
	Erva-de-santa-maria/ mastruz	<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	Folha	Suco	Infecção
	Vassourinha	<i>Scoparia dulcis</i> L.	Folha		
	Améssia	<i>Protium heptaphyllum</i> (Aubl.) March.	Casca da árvore		
	Embaúva	<i>Cecropia pachystachya</i> Trècul.	Broto		
	Espinheiro	<i>Randia armata</i> (Sw.) DC.	Casca da árvore	Xarope	Tosse e bronquite
	Jatobá	<i>Hymenaea stigonocarpa</i> Mart. Ex Hayne.	Casca da árvore		

	Beringela	<i>Solanum mammosum</i> L.	Fruta		
	Coco-da-baía	<i>Cocos nucifera</i> L.	Água	Suco	Colesterol e triglicédeos
	Caninha-do-brejo	<i>Costus spicatus</i> (Jacq.) Sw	Folha e raiz		
	Coco-da-baía	<i>Cocos nucifera</i> L.	Casca da fruta	Chá (infusão)	Pedra nos rins
	Pitanga	<i>Eugenia uniflora</i> L.	Folha		
	Capim-cidreira	<i>Jatropha urens</i> L.	Folha/ Raiz		
	Limão	<i>Citrus limon</i> (L.) Osbeck	Fruta	Suco	Pressão alta
V.N.B (25 anos)	Algodão	<i>Gossypium hirsutum</i> L.	Folha		
	Penicilina	<i>Cybistax antisiphilitica</i> (Mart.) Mart.	Folha	Suco	Inflamação no útero
	Comigo-ninguem-pode-pintadinha	<i>Dieffenbachia</i> sp.	Folha	Chá (decoção)	Banho para dor no corpo
	Espada-de-São-Jorge	<i>Sansevieria trifasciata</i> Prain	Folha		
J.A.M. (67 anos)	Alfavaca	<i>Ocimum gratissimum</i> L.	Folha e flor		
	Gervão	<i>Zingiber officinale</i> Roscoe	Folha e raiz	Xarope	Febre e tosse
D.N.S. (46 anos)	Calunga	<i>Rourea induta</i> Planch.	Casca da árvore	Curtido na água	Estômago e diabetes
	Mangava-brava	<i>Mangifera indica</i> L.	Casca da árvore		
	Camomila	<i>Matricaria reticulita</i> L.	Folha	Chá (infusão)	Cólica
	Erva-doce	<i>Foeniculum vulgare</i> Mill.	Semente		
	Canela	<i>Ocotea</i> sp.	Casca da árvore	Chá (decoção)	Tosse

	Espinheiro	<i>Randia armata</i> (Sw.) DC.	Casca da árvore		
	Erva-de-santa-maria/ mastruz	<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	Folha	Macerada ou emplasto	Luxação
	Vassourinha	<i>Scoparia dulcis</i> L.	Folha		
	Tamarindo ou tamarino	<i>Tamarindus indica</i> L.	Fruta	Vinagre	
	Espinheiro	<i>Randia armata</i> (Sw.) DC.	Casca da árvore	Chá (decoção)	Tosse
	Canela	<i>Ocotea</i> sp.	Casca da árvore		
J.A.C. (69 anos)	Erva-de-santa-maria/ mastruz	<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	Folha	Emplasto/ Suco	Ferimento/lavar o ferimento
	Vassourinha	<i>Scoparia dulcis</i> L.	Folha		
	Améssia	<i>Protium heptaphyllum</i> (Aubl.) March.	Folha		
	Jatobá	<i>Hymenaea stigonocarpa</i> Mart. Ex Hayne.	Casca da árvore		
I.C.P. (34 anos)	Paratudo	<i>Tabebuia aurea</i> (Silva Manso) Benth. & Hook. f ex S. Moore	Casca da árvore	Xarope	Tosse, bronquite e dor nas costas e no peito,
	Canela	<i>Ocotea</i> sp.	Casca da árvore		

As experiências de vida, a fé da cura e a magia que as envolvem são retratadas na fala dos informantes, no preparo e no uso de misturas de diferentes plantas:

"Tive mioma no útero e precisei tirar. Fiz a garrafada com erva-de-santa-maria e algodão e com uma semana não tinha mais nenhum roxo" (I.T.F.C., 64 anos).

"Bate o hortelã, o tomate e o gengibre, coa e toma em jejum por 9 dias pra desintoxicá" (A.C.M.C., 32 anos).

"Minha avó curou minha tia de bronquite com xarope de embaúba, espinheiro e jatobá" (J.M.O.S, 38 anos).

"No caso da embaúva, da canela e do cravo-da-índia, pra tratá a bronquite e a tosse, tem que torrã o broto da embaúva com a canela, o cravo e açúcar, pra depois cozinhar até virar o xarope" (I.C.P.34 anos).

A importância de seguir a posologia correta do preparo, forma de uso, armazenamento, frequência e tempo de utilização influenciam no resultado benéfico do tratamento, pois, conforme Pasa (2011) algumas espécies vegetais podem conter substâncias tóxicas e serem influenciadas pela manipulação incorreta do medicamento e causar distúrbios na saúde do usuário. Eldin & Dunford (2001), também, defendem que a presença do princípio ativo e a baixa toxicidade podem ser garantidos pela forma de preparo correto.

É inegável que as plantas medicinais fazem parte da cultura e do dia-a-dia dos moradores da comunidade Passagem da Conceição. A maioria afirmou que tomam chá durante o dia para acompanhar um lanche ou mesmo, para saboreá-lo, mas sabendo que possui propriedades medicinais e, assim, para prevenção dos diversos males. Quando doentes recorrem, a princípio, aos medicamentos naturais que estão ao seu alcance, encontrados na mata e no quintal, para somente procurar auxílio médico, caso os sintomas não melhorarem.

Na escola local, o uso de chás para acompanhar os lanches também é corriqueiro. Faz-se chá de camomila ou cidreira para as crianças e funcionários da escola em dias em que há bolo ou bolacha, ou chá de boldo quando alguma criança está com azia. As ervas são adquiridas no próprio quintal da unidade escolar.

J.S.C. (67 anos) nasceu na comunidade e se mudou para Cuiabá aos três anos de idade, porém nunca se desligou da Passagem da Conceição. Em sua memória, as lembranças de uma infância vivida na Passagem ao visitar familiares e amigos que ali ficaram, o rio, a mata, o cerrado, os animais e a terra, tudo faz parte de sua história. A medicina caseira sempre esteve presente em sua vida, seus pais sempre a fizeram uso mesmo estando mais próximos dos centros médicos em Cuiabá. O interesse na cura pelas plantas nasceu ainda jovem ao acompanhar seus pais na mata. Essa paixão é tão viva ainda hoje que contagiou sua esposa, nascida e criada em Cuiabá, que adora as plantas tão quanto seu marido e, também, as utiliza com frequência, indicando e fazendo chás e outros preparados para tratamentos e posologias para seus filhos e netos. Juntos os dois citaram 44 plantas diferentes na etnocategoria medicinal, sendo 23 nativas, para 38 indicações terapêuticas diferentes.

O grau da crença de cura pelo tratamento com plantas medicinais varia entre as pessoas (PASA, 2011a). O interesse em carregar consigo o conhecimento adquirido no dia-a-dia com sua família, varia com o grau da necessidade, de forma que as experiências de vida se ligam à afinidade com assuntos que envolvem a saúde e o bem estar.

Apesar da maioria dos depoentes comentar que os jovens não possuem mais interesse em aprender sobre as plantas, fato também observado por Pasa e Ávila (2010) em uma comunidade tradicional em Rondonópolis-MT, uma informante com 34 anos, demonstrou ser uma verdadeira amante na arte da cura pelas plantas. I.C.P. citou 46 espécies diferentes, sendo 61% nativas. É benzedeira e seus pacientes, amigos e familiares sempre a procuram em busca de tratamentos. É a única entre os participantes, ainda, a percorrer o cerrado em busca de material para o preparo dos remédios caseiros para os mais variados males.

#### 4.4.3. Manejo e Conservação do Quintal e das Plantas

Observa-se que os quintais da comunidade da Passagem da Conceição (28 residências visitadas) são bastante variados em tamanho, formas, variedade de espécies vegetais e funções acerca de seu uso.

Percebe-se a existência de quintais de todos os tipos desde os que ocupam somente uma das partes do terreno residencial até os que circunvizinham toda a casa: frente, lateral e fundo (TABELA 6). Existem quintais limitados por muros e cercas e também aqueles que o limite é a própria vegetação nativa ou o rio Cuiabá (FIGURA 25), uma vez que a comunidade fica às margens do mesmo.

TABELA 6 – LOCALIZAÇÃO DOS QUINTAIS NA COMUNIDADE DA PASSAGEM DA CONCEIÇÃO, VÁRZEA GRANDE, MT, 2016.

Localização do quintal	Número de quintais	Porcentagem
Fundos	9	32%
Ao lado	3	11%
Fundos e ao lado	14	50%
Fundos, ao lado e na frente	2	7%
<b>Total</b>	<b>28</b>	<b>100%</b>



FIGURA 25 – LIMITES DE DOIS QUINTAIS. A – MURO DE TIJOLOS; B – CERCA DE ARAME. PASSAGEM DA CONCEIÇÃO, VÁRZEA GRANDE, MT. FONTE: ACERVO DA AUTORA. 2016.

Encontram-se ainda terrenos compartilhados, que por herança ou quando os filhos casam constituem suas casas em um mesmo terreno, havendo ou não delimitação nesses quintais.

A.C.C. (66 anos) constituiu sua família na comunidade Passagem da Conceição e hoje, ela juntamente com seu esposo e todos os seus 7 filhos habitam um mesmo terreno, ou seja, um quintal comunitário familiar, com a presença de 8 moradias locais. A imagem B da FIGURA 26 retrata o esquema de divisão do terreno dessa família. A área em seu inteiro teor é murada apenas nas laterais, sendo a delimitação do fundo a mata

ripária e o rio Cuiabá, e da frente a rua, não havendo portão que delimite a área total da família. A casa nº 1 pertence aos pais e as demais aos filhos. Cada filho construiu sua casa com sua própria renda na parte do terreno doada pelos pais. Apenas a casa nº 3 possui muro e portão na frente delimitando o seu espaço. O quintal é compartilhado por todos da família, incluindo os filhos e netos dos patriarcas, é um espaço de lazer para a família, rodas de conversa e brincadeiras para as crianças.

A FIGURA 26 A retrata parte do terreno dessa família, sendo a rua a frente sem o meio fio e aos fundos árvores que fazem parte da mata ripária. Demonstra também a casa nº 2, ao lado o muro e telhado da nº 3 e aos fundos parte da nº 6.

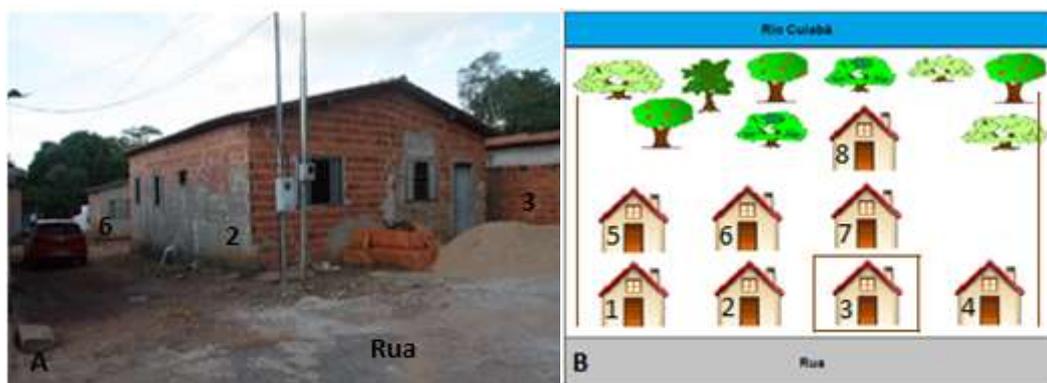


FIGURA 26 – A- TERRENO COMPARTILHADO POR UMA FAMÍLIA; B- ESQUEMA DESSE TERRENO COMPARTILHADO. PASSAGEM DA CONCEIÇÃO, VÁRZEA GRANDE, MT. FONTE: ACERVO DA AUTORA. 2016.

A época das chuvas foi declarada a mais trabalhosa para o manejo e conservação do quintal, devido ao aparecimento com maior frequência de ervas daninhas e a grande quantidade de frutos que caem das árvores.

A manutenção do quintal é predominantemente familiar, apenas uma pessoa declarou que paga para limpar na época da chuva por falta de condições físicas devido à idade.

Quanto ao tempo dispensado ao cuidado do quintal, 50% relataram que para limpar o quintal gastam meio dia ou menos, pois preferem limpá-lo diariamente para o não acúmulo de sujeira e ervas daninhas. Os que declararam que limpam uma vez na semana ou a cada

15 dias dispensam de um a dois dias para realizar a limpeza total do terreno. O capricho e importância da limpeza dos terrenos são ensinados desde a infância, como na fala a seguir:

“Tem que limpar sempre, porque senão vem mosquito” (S., 7 anos, filho da A.P.C., presente no momento da entrevista).

Um número expressivo de informantes (18) declarou que usam as folhas e restos de capina para adubar a terra. Os que fazem esse tipo de adubo usam técnicas simples como amontoar e revirar as folhas na base de alguma árvore ou em um buraco. É uma técnica simples, ecológica e funcional de manutenção dos quintais (FIGURA 27).

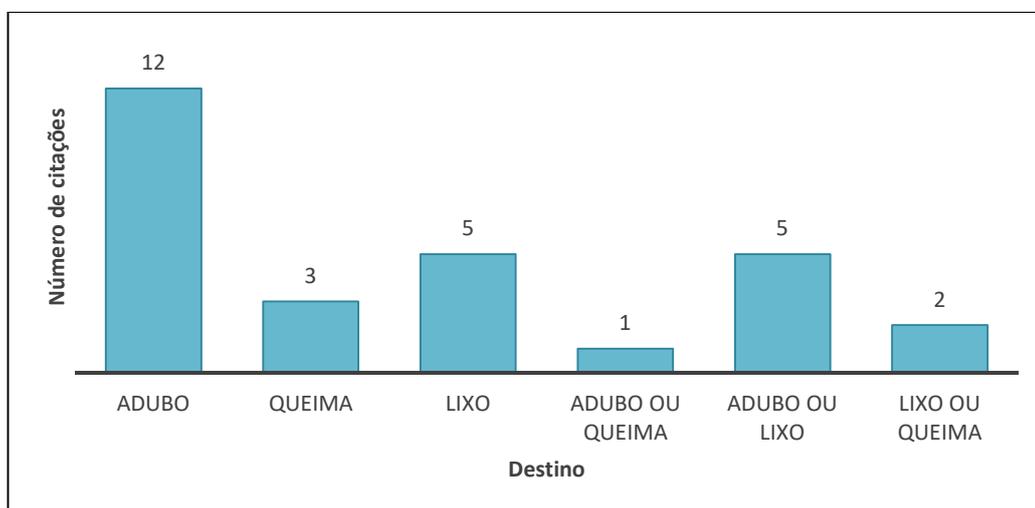


FIGURA 27 – DESTINO DAS FOLHAS E RESTOS DE CAPINA. PASSAGEM DA CONCEIÇÃO, VÁRZEA GRANDE, MT, 2016.

O cultivo das plantas é realizado com técnicas simples e de baixo custo. Nenhum dos informantes relatou o uso de insumos no quintal, usam apenas métodos e produtos naturais, como a terra preta e o esterco de galinha e gado, fato também constatado por Gonçalves & Pasa (2015) em estudo na comunidade Sucuri, Cuiabá, MT.

As folhas e restos de capina após apodrecimento são misturadas com a terra do local onde serão cultivadas as plantas, ou ainda, despejadas ao redor das espécies vegetais já fixadas na terra para adubar. Para plantar, E.S.C. (36 anos), abre um buraco, coloca estrume de galinha,

folhas já curtidas com o tempo e terra do próprio local, irriga e revira o composto por cerca de 10 dias para somente depois plantar o que deseja.

Foram encontradas uma grande diversidade de espécies em consórcio, como uma horta com rúcula, salsinha, coentro, melancia e pimenta, além de uma série de espécies ornamentais ou com múltiplas finalidades, como: dinheiro-empenca, brilhantina e sapatinho; comigo-ninguém-pode e espada-de-cosme-e-damião; hortelã e poejo; camomila e poejo; pimenta-chumbinho e pimenta-malagueta; espada-de-são-jorge e arruda; espada-de-são-jorge e comigo-ninguém-pode; maracujá e manga (FIGURA 28).



FIGURA 28 – ESPÉCIES VEGETAIS PLANTADAS JUNTAS. COMUNIDADE PASSAGEM DA CONCEIÇÃO, VÁRZEA GRANDE, MT. FONTE: ACERVO DA AUTORA. 2016.

A grande diversidade vegetal encontrada nos quintais visitados está ligada a uma produção diversificada com múltiplas finalidades de usos. O alto índice de cultivos está aliado à conservação, uma vez que, os quintais servem como verdadeiros bancos de germoplasma *in situ* preservando o patrimônio de diversidade genética de espécies nativas e exóticas, devido a sua grande diversidade de espécies por área.

Através de pequenas falas nota-se a preocupação com a natureza:

“As crianças e os bichos do mato que gostam dessas frutas. Plantei um pé de acerola e olha o tanto que nasceu sozinho!” (Sr. J.A.M., 67 anos)

“Se da fruta eu planto. Fico satisfeito de ver uma planta produzir sem veneno.” (E.S.C., 36 anos)

O quintal é lugar de cultivo de muitas espécies, principalmente as que possuem alguma finalidade de uso para a família. É encontrada uma grande quantidade de espécies nativas devido aos limites dos quintais que fazem com o cerrado ou com a mata ripária. Porém, as espécies exóticas predominam nos quintais da comunidade, justamente pela finalidade medicinal, com 63%, e alimentar, com 27%.

#### 4.4.4. Etnobiologia (Plantas e Animais)

É comum o aparecimento de animais silvestres na comunidade, uma vez que ela fica às margens do rio Cuiabá e circundada por vegetação. Muitos desses animais vão em busca de alimento na época da seca e como ganham alimento com facilidade das pessoas tornam-se dóceis e acabam por permitir a aproximação dos humanos para tirar fotos e, muitas vezes, comer na mão das pessoas, como é o caso de alguns macaquinhos (espécie não identificada) que recebem bananas todos os dias pelo proprietário de um bar (FIGURA 29).



FIGURA 29 – ESPÉCIE DE MACACO NÃO IDENTIFICADA PRÓXIMO À UM BAR AS MARGENS DO RIO CUIABÁ. PASSAGEM DA CONCEIÇÃO, VÁRZEA GRANDE, MT. FONTE: ACERVO DA AUTORA. 2016.

Vários informantes relataram com naturalidade sobre esses animais e demonstraram grande apreço por eles.

“Já vi, macaco, cobra, jacaré, capivara, gambá e periquito. O periquito acabou com o pé de cajá-manga daqui.” (M.E.S., 35 anos, cozinheiro do restaurante)

“Aqui aparece bagui, catinguelê, tatu, bugio. Bugio apareceu uma vez só. Tudo solto na natureza.” (V.P.N., 48 anos, metre do restaurante)

Seu A.S. (75 anos) sempre compra banana-maçã, banana-da-terra e maçã para dar às aves que o vem visitar.

“Quando abro a janela de manhã eles já ficam olhando pra mim esperando comida. Dá dó de vê eles e não tê nada pra dá, aí eu compro... Eles já estão cevados, vem na época da seca e da chuva.” (A.S.)

A.S. também menciona que na primeira hora do dia as aves comem as folhas do fedegoso e diz:

“Quero experimentar o chá da folha do fedegoso, porque se os passarinhos comem é porque faz bem pra alguma coisa.”

O Sr. N.N.C. (50 anos) alimenta uma cutia que sempre aparece em seu quintal. Como seu terreno possui mata ciliar e é apenas circundado por uma cerca de arame a cutia tem acesso livre entre o quintal e a mata. É ofertado milho, frutas e casca de abóbora e mandioca. Ainda complementa:

“A mata está com pouco alimento, porque foi desmatada. O cerrado está devastado, por isso eles vem pra cá procurá comida.” (N.N.C.)

Outros informantes também falam com preocupação da vegetação e dos animais nativos:

“Eles moram aí no mato e vem aqui comer. Tem catinguelê, tatu, macaco...” (J.A.M., 67 anos).

“Do cerrado não pode matar, porque tá sumindo, porque o povo tá metendo máquina adoidado” (M.C.S., 59 anos).

Os recursos naturais são geridos de forma singular e com mecanismos próprios pela população da Passagem da Conceição, evitando a degradação ambiental acelerada como verificada em áreas urbanas e agrícolas.

Foi verificado que para eliminar cupins é usado querosene diluído em água: cinco litros de água para 10 gotas de querosene que são jogados diretamente no solo infestado que não há vegetação; e, quando há vegetação essa mistura deve ser mais diluída para não danificá-las, assim, em cinco litros de água mistura-se cinco gotas de querosene. Trata a terra até que não haja mais cupins.

Outro fato marcante relatado por alguns moradores foi a soltura de peixes no Rio Cuiabá pelo projeto Salve o Rio Cuiabá, porém o Sr. U.N.C. (44 anos) complementa:

“Deveriam soltar mais alevinos, porque o rio está ficando escasso de variedades de peixes. Dourado tem porque é proibido pescar, mas outras espécies não tem mais”.

Isso é comprovado pelo fato do restaurante e dos dois bares visitados comprarem peixes fora da comunidade, por não haver mais pescadores profissionais na região.

A pescaria é uma atividade tradicional da comunidade, muitos criaram seus filhos pescando e vendendo na cidade de Cuiabá na feira do Porto. Foi encontrado apenas um pescador que pesca para sobrevivência e, relatado por outro informante, que há um que ainda comercializa seus peixes em Cuiabá, porém o mesmo não foi encontrado. Também há aqueles que pescam eventualmente para descanso do corpo e da alma, para sentir que fazem parte da natureza que os rodeiam, não pratica a pesca esportiva, mas sim aproveita aquele momento único com o rio para depois desfrutar de seus saborosos peixes (FIGURA 30).



FIGURA 30 - MORADOR EM UMA PESCARIA. PASSAGEM DA CONCEIÇÃO, VÁRZEA GRANDE, MT. FONTE: ACERVO DA AUTORA. 2016.

Seu A.S. (75 anos) pescador profissional, mas que hoje só pesca para sua sobrevivência, relatou que depois dos peixes serem abatidos vendia e entregava-os na feira do Porto em Cuiabá e tinha que entregá-los no mesmo dia. Ia de canoa à remo da comunidade até a feira, pois não havia motor.

Na época das grandes pescarias seu A.S. conta que:

“Eu pegava peixes grandes, como: piraputanga, pacu e piava. Hoje, infelizmente, não se encontra mais peixes de tamanho grande.”

Ainda relata que para pegar peixes grandes pescava com carne de aves nativas e de porte pequeno. Para isso, montava uma armadilha, que ele dá o nome de choça, feita artesanalmente de madeira ou vara de taquara, e como isca usava arroz ou farelo de milho para pegar alguma ave de qualquer espécie.

Ao pegar uma ave de pequeno porte, depois de abatida, colocava no fogo apenas para sapecar as penas e “soltar o cheiro”. A ave era partida em quatro na direção horizontal, delimitando duas porções superiores e duas inferiores, e aproveitando todas as partes do corpo, inclusive as partes mais sólidas, como a cabeça e os pés. As partes mais rígidas eram quebradas levemente com o facão para, somente depois, serem colocadas no anzol e jogadas na água.

Também usava os frutos maduros do pinhão-roxo (*Jatropha gossypifolia* L.) e branco (*Jatropha pohliana* L.) para pescar. Os frutos inteiros com a casca eram usados para pegar piraputanga e sem a casca para pegar piava.

#### 4.4.5. As Manifestações Culturais

##### 4.4.5.1. O vinagre de tamarindo (*Tamarindus indica* L.)

O tamarindo (*Tamarindus indica* L.) é uma espécie pertencente à família Fabaceae, subfamília Caesalpinoideae, sendo originário da África Tropical, de onde se dispersou. No Brasil, esta espécie é bem adaptada e subespontânea em vários Estados, sendo encontrada em plantações dispersas, como ocorre na região Nordeste, onde é considerado fruto típico (SOUSA et al., 2010).

Sendo a espécie de origem exótica ela se adaptou muito bem às condições climáticas do cerrado e, isso, a tornou de grande utilidade pela população, como alimento ou como medicamento, sendo uma árvore sempre presente na lembrança dos informantes.

O fruto de *T. indica* L. é simples, seco, indeiscente, monocárpico, mono ou polispérmico, do tipo legume bacoide com epicarpo crustáceo, mede aproximadamente 7,3 a 9,2 cm e contem de 1 a 11 sementes, tendo o pedúnculo preso na base, ápice apiculado e perfurante. Quando polispérmico, o fruto apresenta um estrangulamento mais ou menos suave, por toda a superfície da vagem, principalmente no ponto onde fica situado o limite da semente, a qual é recoberta por um mesocarpo polposo-gelatinoso, de coloração marrom e de sabor acre (SOUSA et al., 2010).

As sementes são irregulares, mais ou menos retangulares, rugosas, de coloração marrom-escura brilhante, medindo cerca de 20 mm de comprimento e 12 mm de largura, apresentando em uma das faces um pleurograma contínuo e com aparência piriforme e, na outra, um pleurograma contínuo, tomando quase toda a sua extensão, ambos apresentando estrias retilíneas (SOUSA et al., 2010).

É uma planta de multiusos, aproveitando-se a madeira, as sementes, as folhas para forragem animal, para obtenção de extratos medicinais e componentes industriais e condimentares. Mas é na fruticultura que essa espécie vem se destacando. Sua polpa tem sido amplamente usada no preparo de doces, bolos, sorvetes, xaropes, licores, refrescos e principalmente sucos concentrados (FERREIRA et al., 2008).

Além do consumo da fruta *in natura*, a comunidade também produz o vinagre de tamarindo, usado para temperar e lavar alimentos, como saladas, carnes vermelhas, aves e peixes.

Junho é a época da colheita das frutas e o tamarindo é colhido e deixado em sacos plásticos abertos, para que a casca do fruto seque e não apodreça a polpa, até que se atinja a quantidade desejada. Descasca-se a fruta apenas no dia que fará o vinagre. Após descascado, a polpa juntamente com o caroço são fervidos por cerca de duas horas para soltá-lo mais facilmente. A retirada da semente ocorre com uma peneira.

A peneira é feita de cabaça (*Crescentia cujete* L.) cortada ao meio e com furos de diâmetro de 0,5 mm. O cabo da peneira é feito com taquara (*Guadua paniculata* Munro) amarrado com arame em dois pontos da circunferência da cabaça (FIGURA 31).



FIGURA 31 - PENEIRA FEITA DE CABAÇA (*Crescentia cujete* L.) E TAQUARA (*Guadua paniculata* Munro) UTILIZADA NO PREPARO DO VINAGRE DE TAMARINDO. PASSAGEM DA CONCEIÇÃO, VÁRZEA GRANDE, MT. FONTE: ACERVO DA AUTORA. 2016.

Ao longo das duas horas de fervura o preparado é mexido por várias vezes com a peneira, coletado e despejado de volta na panela para ajudar na soltura da polpa e sua dissolução. A retirada das sementes é feita com a peneira, porém elas não saem totalmente limpas, o mesocarpo polposo-gelatinoso que recobre as sementes não se solta e é também retirado da panela. É acrescentado o dobro de água da quantidade que ainda há na panela para o término do cozimento, que durará cerca de mais uma hora.

Após o cozimento final, o caldo formado é passado em uma peneira fina para retirada de polpa que porventura não se dissolveu e de sementes que não foram retiradas. O armazenamento se dá em vasilhames fechados, sendo usual galões de plástico de água de 20 litros. Há a necessidade de manter o galão semiaberto para que o ar produzido pela fermentação possa sair, frequentemente é usado um furo pequeno tampado com a ponta de um palito de dentes, assim evita-se a entrada de insetos (FIGURA 32).



FIGURA 32 – PREPARO DO VINAGRE DE TAMARINDO EM UMA RESIDÊNCIA NA COMUNIDADE. PASSAGEM DA CONCEIÇÃO, VÁRZEA GRANDE, MT. FONTE: ACERVO DA AUTORA. 2016.

O vinagre poderá ser usado após 10 dias de fermentação, porém quanto mais velho mais saboroso será, segundo relatos dos informantes. Ele dura por um ano quando bem conservado e quem faz distribui para amigos e parentes que porventura não residem mais na comunidade

Além de ser empregado na alimentação, também é utilizado como medicamento, na ocorrência de ferimentos e de distensão muscular, segundo eles, machucadura do músculo. Assim, embebe-se um pano com vinagre morno e coloca-se sobre a lesão, e para estancar o sangue de ferimentos coloca-se o vinagre puro.

Da mesma maneira que é preparado o vinagre de tamarindo também é feito o vinagre de seriguela (*Spondias lutea* L.). Como a fruta possui uma casca fina, a mesma é cozida juntamente com a polpa e caroço e, posteriormente, retirada com o auxílio da peneira. O vinagre de seriguela é utilizado apenas na alimentação usado para temperar e lavar alimentos, como saladas, carnes vermelhas, aves e peixes.

#### 4.4.5.2. A culinária local

As manifestações culturais na comunidade local são variadas devido às experiências tradicionais vividas ao longo das décadas com a natureza no fazer e no saber do cotidiano dos comunitários da Passagem da Conceição.

A culinária local se destaca com pratos típicos com peixes. Apesar de não haver mais um número expressivo de pescadores na comunidade devido à baixa produção no rio Cuiabá, os bares e restaurante ainda são procurados pelos visitantes por sua culinária.

Nos dois bares visitados a beira do Rio Cuiabá, ambos servem peixes, porém são comprados na feira do Porto em Cuiabá, sendo o pacu de tanque e, o pintado e a piraputanga de rio. Além dos pescados, os bares, ainda, servem galinha caipira e costelinha suína ambos com arroz.

Os cozinheiros são da comunidade e, trazem seus costumes e tradições para a cozinha, como: limão, cebola, alho, cebolinha, coentro, salsa, orégano, manjericão e loro, usados para temperos e molhos.

O proprietário do restaurante é de família típica da Passagem da Conceição. O estabelecimento conta com cinco cozinheiros, sendo duas da comunidade e três da cidade. O cozinheiro chefe tem suas raízes na cidade de Cuiabá, porém fala com muito respeito e afincado sobre a tradição culinária da região (FIGURA 33).



FIGURA 33 – RESTAURANTE LOCAL COM PRATO DECORADO DE SALADA. PASSAGEM DA CONCEIÇÃO, VÁRZEA GRANDE, MT. FONTE: ACERVO DA AUTORA. 2016.

O restaurante oferece diversos pratos típicos, como: maria isabel, galinha caipira, paçoca de pilão, sarapatel e costelinha de porco, e entre os pescados típicos há mojica de pintado, pacu seco com arroz e escabeche (peixe frito e ensopado com banana da terra madura), além de outros pratos não típicos. Os peixes são de rio porém adquiridos da região do pantanal mato-grossense.

#### 4.4.5.3. Gastronomia e cultura: As cabeças de boi

Além de todos esses pratos ofertados, o restaurante, ainda, concede a tradicional cabeça de boi no último sábado de cada mês. As cabeças são preparadas com mais de 24 horas de antecedência. Após serem lavadas, os pescoços são costurados para, somente depois, irem para o forno a lenha pré-aquecido e sem brasa por volta das 11h da manhã. As cabeças não recebem tempero algum neste momento. É colocado uma salmoura (água e sal) em um vasilhame de lata dentro do forno para manter a umidade e evitar o mal cheiro dos pelos queimados das cabeças.

As cabeças são retiradas do forno por volta da 8h da manhã do dia seguinte e o forno é, então, novamente pré-aquecido. Após a brasa ser retirada são recolocadas as cabeças às 11h da manhã para servir às 14h. O couro é retirado e as cabeças, ainda sem tempero, são servidas com vinagrete, mandioca, farinha e pimenta em conserva, a gosto do cliente (FIGURA 34).



FIGURA 34 – CABEÇA DE BOI - PRATO TÍPICO DO RESTAURANTE LOCAL. PASSAGEM DA CONCEIÇÃO, VÁRZEA GRANDE, MT. FONTE: ACERVO DA AUTORA. 2016.

As conservas de pimenta foram feitas pela mãe do proprietário, falecida a cerca de 3 anos, com pimenta chumbinho, malagueta e dedo de moça, todas banhadas com óleo de soja. O óleo é repostado sempre que necessário (FIGURA 35).



FIGURA 35 – PIMENTAS EM CONSERVA DO RESTAURANTE LOCAL. PASSAGEM DA CONCEIÇÃO, VÁRZEA GRANDE, MT. FONTE: ACERVO DA AUTORA. 2016.

O prato das cabeças de boi é uma das atrações do restaurante. No dia deste prato típico, o restaurante recebe clientes de várias localidades e as cabeças, antes de serem saboreadas, viram a atração local. Clientes tiram fotos para recordações do prato típico da baixada cuiabana e formam fila para se servirem e saborear esta iguaria.

#### 4.4.6. Fé e Devoção

A comunidade conta com uma igreja localizada na praça. Foi construída com adobe em 1910 e em 2001 foi tombada como patrimônio histórico e cultural municipal através do Projeto de Lei 062/01 e sancionado através da Lei nº 2.328 em 28 de junho de 2001 (FIGURA 36).



FIGURA 36 – VISTA PARCIAL DA IGREJA NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO. PASSAGEM DA CONCEIÇÃO, VÁRZEA GRANDE-MT. FONTE: ACERVO DA AUTORA. 2016.

A Comunidade Nossa Senhora da Conceição, ainda com suas paredes originais, faz parte da Paróquia Santa Edwiges de Várzea Grande e, hoje, celebra missas mensais no terceiro sábado de cada mês.

A igreja foi construída pelo esforço e dedicação de Gabriel Modesto Curvo, Bernardinho da Costa Arruda e de outros amigos que juntos promoveram quermesses leilões e bailes em suas casas para arrecadar recursos para a edificação da sede, com apoio do Arcebispo D. Aquino Corrêa. A imagem foi doada pelo coronel Joaquim Cursino em 1910, grande amigo da comunidade e devoto a Nossa Senhora (MONTEIRO, [19??]).

Todos os informantes, mesmo os evangélicos e os da doutrina espírita, citaram a festa de Nossa Senhora da Conceição como a mais significativa por ser a padroeira da comunidade. O festejo ocorre no dia 08 de dezembro de cada ano e a comunidade recebe fiéis de todas as idades e de todos os lugares (FIGURA 37).



FIGURA 37 – FESTA DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO. COMUNIDADE PASSAGEM DA CONCEIÇÃO, MT. FONTE: ACERVO DA AUTORA. 2016.

Apesar da tradicional Festa de Nossa Senhora da Imaculada Conceição ser marcada no dia 8 de dezembro, os preparativos começam com cerca de 20 dias de antecedência. Dois dias seguidos no mês de novembro são realizadas peregrinação da Bandeira na Comunidade Nossa Senhora Aparecida na Fazendinha e, no segundo dia na Comunidade Senhor Jesus na Guarita. Uma semana depois é realizado a Peregrinação da Bandeira na Comunidade Imaculada Conceição na Passagem da Conceição.

Passado esse primeiro momento, ocorre o chamado Tríduo Espiritual, que são três dias de orações que antecedem o dia da festa. O Tríduo é realizado no período noturno em dois momentos: a missa e uma festa de menor proporção. Segundo informantes, é uma reunião dos organizadores da festa, chamados festeiros, com a comunidade, na praça que fica ao lado da igreja.

O 1º dia do Tríduo é marcado pela missa e levantamento do mastro na Igreja local, e quermesses, leilão e rifa na praça que fica ao lado da igreja. O 2º e 3º dias ocorrem a missa, quermesses, leilão e rifa.

Os organizadores da festa, chamados de Festeiros, são fiéis que querem contribuir com seu trabalho e/ou doações, sendo apontados como: Juiz, Juíza, Capitão de Mastro, Alferes de Bandeira, Juizinho de Ramalhete e Juizinha de Ramalhete. Também, há aqueles considerados Festeiros Perpétuos, são devotos que alcançaram alguma graça e em agradecimento dedicam a sua vida em prol à Nossa Senhora da Conceição.

Outro tipo de festeiros são os de Promessa, são aqueles que querem alcançar alguma bênção através de promessas, orações e devoção à Imaculada. Quando se atinge a graça pretendida se tornam Festeiros Perpétuos. No ano de 2016 tiveram 21 Festeiros de Promessa e 48 Festeiros Perpétuos.

Além do Tríduo, a Comunidade conta com doações de empresas da cidade, dos funcionários da escola, restaurante e bares locais, órgãos governamentais e de fiéis para angariar fundos para a festa. A festa do ano de 2016 foi a única na história a cobrar pelo almoço servido no dia da festa, um valor simbólico de R\$5,00, destinados à reforma do telhado da Igreja local.

O grande festejo recebe fiéis de diversas localidades que vem celebrar, agradecer e honrar toda sua fé e devoção à Nossa Senhora. Este fato é observado pelo semblante e energia que as próprias pessoas ali presentes emitem e contagiam quem quer que esteja por perto.

A igreja da Conceição apresenta em todos os detalhes, traços que remete a sua história de fé; a procissão nas ruas da comunidade enfeitada e organizada; os moradores que não medem esforços para demonstrar toda sua devoção através das belíssimas imagens apresentadas aos fiéis; os cantos e orações dedicados à Virgem Santíssima; os agradecimentos e pedidos arraigados nas almas de cada fiel; só demonstram o quão importante é a fé na existência dessa comunidade.

No dia 08/12, dia da comemoração da Padroeira, pela manhã é oferecido chá com bolo, após ocorre a procissão pelas ruas da comunidade. Durante a procissão são realizadas paradas nas portas de algumas residências para leituras e orações. Estas residências demonstram suas Imagens da Nossa Senhora e acolhem os fiéis com adornos e enfeites (FIGURA 38).



FIGURA 38 – PROCISSÃO DA PADROEIRA NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO NO DIA DA FESTA. PASSAGEM DA CONCEIÇÃO, VÁRZEA GRANDE, MT. FONTE: ACERVO DA AUTORA. 2016.

A procissão termina na praça, onde é realizada a Santa Missa. Ao término da missa ocorre o almoço, com cardápio típico da baixada cuiabana, maria isabel, costelinha suína com arroz, farofa de banana e feijão tropeiro.

O festejo adentra o dia e a noite com músicas ao vivo de bandas locais/regionais. Esta que se tornou padroeira da comunidade pela semelhança de seu nome para com aquele que sedia passagens de travessia no rio Cuiabá, Manoel Antônio do Conceição, e que deu nome ao vilarejo.

O encerramento da festa ocorre no dia 17/12 com a celebração da Santa Missa, entrega das insígnias e descerramento do Mastro na Igreja da comunidade.

Passagem da Conceição também conta com a festa de São João realizada por algumas famílias em paralelo. Segundo os moradores existiam várias festas religiosas, como: São Benedito, Santo Antônio, Nossa Senhora da Boa Morte e Divino Espírito Santo, porém com o falecimento de seus organizadores essa tradição festiva se perdeu, já que seus descendentes não deram continuidade.

A fé dos moradores locais é demonstrada por meio de imagens, figuras ou mesmo nas histórias de vida. Seu A.S. (75 anos) conta que quando criança a mãe tinha um altar com São Benedito, São Gonçalo, Nossa Senhora Aparecida e Nossa Senhora da Conceição e que ela sempre rezava de joelhos. A mãe sempre dizia que quando ele estivesse em apuros era só rezar para Nossa Senhora Aparecida que ela o socorreria.

Certa vez, com apenas 8 anos de idade, precisou ir sozinho em um curandeiro que ficava há alguns quilômetros da comunidade para buscar remédio para o irmão mais novo que estava enfermo. Na volta para casa uma tempestade muito forte se aproximou rapidamente, seu A.S. sem ter onde se abrigar lembrou dos ensinamentos da mãe, se pôs de joelhos, juntou as mãos, rezou e pediu por proteção à Nossa Senhora Aparecida.

No trieiro de boi, que alagava rapidamente sempre que chovia, seu A.S. ainda de joelhos viu o temporal avançar em sua direção e uma luz apareceu iluminando o seu caminho.

“Não tive dúvidas, era ela me guiando”.

O temporal não o atingiu, conta que viu a água cair ao seu lado e, apenas, os respingos molharam a barra de sua calça. Ele conseguiu chegar em casa sem se molhar e em segurança, depois entregou o remédio para sua mãe. Passado o susto e depois de medicar o irmão, a mãe e seu A.S. foram agradecer de joelhos à Nossa Senhora Aparecida pela graça alcançada, pois a tempestade que derrubou várias casas na comunidade, não o atingiu.

Hoje, aos 75 anos de idade seu A.S. ainda se emociona ao contar essa história e, em agradecimento a essa e outras graças, reza o terço diariamente pela manhã e de noite antes de dormir, é devoto de Nossa Senhora da Conceição e de Nossa Senhora Aparecida (FIGURA 39).



FIGURA 39 – IMAGEM DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO NA ENTRADA DE UMA RESIDÊNCIA. PASSAGEM DA CONCEIÇÃO, VÁRZEA GRANDE, MT. FONTE: ACERVO DA AUTORA. 2016.

## 5. CONCLUSÕES

A Comunidade Passagem da Conceição vive hoje um processo de transformação nos aspectos socioeconômicos. Muitos de seus hábitos e costumes são demonstrados pela culinária, o jeito simples de se viver, a fala, os costumes, a fé religiosa e os conhecimentos etnobotânicos. O desenvolvimento socioeconômico regional tem transformado os anseios e ambições da população local e, a demanda de jovens para os centros urbanos vizinhos, Cuiabá e Várzea Grande, ocorre na mesma velocidade que a urbanização avança cerrado adentro.

A celeridade das mudanças ambientais e culturais constituem forte ameaça de deterioração do conhecimento tradicional acerca dos recursos naturais presentes. O conhecimento empírico sobre plantas é vasto e fornece subsídio para a conservação da biodiversidade, através da sustentabilidade ambiental alcançada pela grande diversidade de espécies vegetais conhecidas e utilizadas nas diferentes etnocategorias botânicas.

A roça e os quintais agroflorestais encontrados na Comunidade Passagem da Conceição complementam as unidades de paisagens naturais (cerrado e mata ripária) em consonância ao conhecimento e usos dos recursos vegetais nas diferentes etnocategorias. Todo aparato vegetal gera subsídios para a alimentação diversificada e rica em nutrientes, além do suporte medicinal para uma gama de indicações terapêuticas.

## 6. REFERÊNCIAS

- ADAMS, C. As roças e o manejo da mata atlântica pelos caiçaras: uma revisão. **Interciência**, v. 25, n. 3, p. 143-150, 2000.
- ALBUQUERQUE, U.P. Manejo tradicional de plantas em regiões neotropicais. **Acta bol. bras.** v. 13, n. 3, p. 307-315, 1999.
- ALBUQUERQUE, U.P.; ANDRADE, L.H.C. Uso de recursos vegetais da caatinga: o caso do agreste do estado de Pernambuco (Nordeste do Brasil). **Interciência**, v. 27, n. 7, p. 336-346, 2002.
- ALBUQUERQUE, U.P.; LUCENA, R.F.P. **Métodos e Técnicas na Pesquisa Etnobotânica**. Recife: UFRPE, 2004. 135p.
- ALBUQUERQUE, U. P. **Introdução a Etnobotânica**. 2. ed. Rio de Janeiro: Interciência, 2005. 80p.
- ALBUQUERQUE, U. P., CAVALCANTI, L. H.; CABALLERO, J. Structure and floristics of homegardens in northeastern Brazil. **Journal of Arid Enviroments**, v. 62, n. 3, p. 491-506, 2005.
- ALBUQUERQUE, U.P.; HANAZAKI, N. As pesquisas etnodirigidas na descoberta de novos fármacos de interesse médico e farmacêutico: fragilidades e perspectivas. **Revista Brasileira de Farmacologia**, São Paulo, v. 16, p. 678-689, 2006.
- ALBUQUERQUE, U.P. (Coord.). **Caatinga: biodiversidade e qualidade de vida**. Bauru, SP: Canal6, 2010. 120 p.
- ALBUQUERQUE, U.P.; LUCENA, R.F.P.; CUNHA, V.F.C. **Métodos e Técnicas na Pesquisa Etnobiológica e Etnoecológica**. 1. ed. Recife: NUPEEA, 2010. 559 p.
- ALEXIADES, M. **Selected guidelines for ethnobotanical research: a field manual**. New York: New York Botanical Garden, 1996. 306 p.
- ALVES, R.N.B.; MODESTO JÚNIOR, M.S. **Roça sem fogo para o cultivo da mandioca na Amazônia**. Amazônia: Ci. & Desenv., Belém, v. 9, n. 17, p. 47-58, jul./dez. 2013.
- AMARAL, C.M.; GUARIM NETO, G. Os quintais como espaços de conservação e cultivo de alimentos: um estudo na cidade de Rosário Oeste (Mato Grosso, Brasil). **Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi**. Ciências Humanas, Belém, v. 3, n. 3, p. 329-341, set.- dez. 2008.
- AMOROZO, M. C. M.; GÉLY, A. Uso de plantas medicinais por caboclos do baixo Amazonas, Barcarena, PA, Brasil. **Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi**. Série Botânica, v. 4, n. 1, p. 47-131, 1988.

ARRUDA, R.S.V.; SILVA, V.C.F.; FIGOLS, F.A.B.; ANDRADE, D. Os saberes tradicionais e a biodiversidade no Brasil. In: DIEGUES, A.C. (Org.). **Biodiversidade e comunidades tradicionais no Brasil**. São Paulo: NUPAUB, USP, PROBIO, MMA, CNPq, 2000. 211 p.

BAILEY, K. **Methods of social research**. 4. ed. New York: The Free Press, 1994. 588 p.

BALDIN, N.; MUNHOZ, E.M.B. Snowball (bola de neve): uma técnica metodológica para pesquisa em educação ambiental comunitária. In: **X Congresso Nacional de Educação**. Curitiba: PUCPR, Anais... 07 a 10 de novembro de 2011. p. 329-341.

BARRERA, A. La Etnobotánica. In: BARRERA, A. (Ed.). **La etnobotánica: tres puntos de vista e una perspectiva**. Chapingo, México: INIREB, 1979 (Sexta reimpressão, 2001). p. 9-12.

BELZ, C. E. **A Fotografia Científica**. Site Fotografia Científica, 2011. Disponível em: <<http://fotocientifica.com/2011/08/fotografia-cientifica.html>>. Acesso em: 27 abr. 2016.

BRANDÃO, C.R.F. A pesquisa em biodiversidade. In: MARANDINO, M.; MONACO, L.M.; OLIVEIRA, A.D. (Orgs.). **Olhares sobre os diferentes contextos da biodiversidade: pesquisa, divulgação e educação**. São Paulo: GEENF/FEUSP/INCTTOX, 2010. p. 8-12.

BRASIL. Decreto nº 6.040, de 07 de fevereiro de 2007. Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais.

BRASIL. Ministério das Minas e Energia. Secretaria Geral. **Projeto RADAMBRASIL. Folha SD.21 Cuiabá: geologia, geomorfologia, pedologia, vegetação e uso potencial da terra**. Rio de Janeiro, 1982. 544p.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente (MMA). **Convenção sobre a diversidade biológica**. Cópia do Decreto Legislativo no. 2, de 5 de junho de 1992. Brasília: MMA, 2000. 30p.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente (MMA). Disponível em: <<http://www.mma.gov.br>>. Acesso em: 23 jun. 2016.

BRASIL. Agência Nacional das Águas (ANA). Disponível em: <<http://www.ana.gov.br>>. Acesso em: 15 jan. 2017.

BRUHN, J. G.; HOLMSTEDT, B. Ethnopharmacology, objectives, principles and perspectives. In: BEAL, J.L.; REINHARD, E. (Eds.). **Natural products as medicinal agents**. Stuttgart: Hippocrates Verlag, 1982. p. 405-430.

CABALLERO NIETO, J. Perspectivas para el quehacer etnobotánico em México. In: BARRERA, A. (Ed.). **La etnobotánica: tres puntos de vista e una perspectiva**. Chapingo, México: INIREB, 1979 (Sexta reimpressão, 2001). p. 13-15.

CARMARGO, F.F.; SOUZA, T.R.; COSTA, R.B. Etnoecologia e etnobotânica em ambientes de Cerrado no Estado de Mato Grosso. **Interações**, Campo Grande, v. 15, n. 2, p. 353-360, jul.- dez. 2014.

CAVINATTO, V. **Caracterização Hidrográfica do Estado de Mato Grosso**. Cuiabá: Prodeagro/Seplan/Sema-MT, 1995. 537 p.

CLÉMENT, D. The historical foundations of ethnobiology (1860-1899). **Journal of Ethnobiology**. V. 18, p. 161-187, 1998.

COLEMAN, J. S. Snowball Sampling: Problems and techniques of chain referral sampling. **Human Organization**, v. 17, p. 28-36, 1958.

CONSERVAÇÃO INTERNACIONAL (CI-BRASIL). **Hotspots: As Regiões Biologicamente Mais Ricas E Ameaçadas Do Planeta**. 1999. 14p. Disponível em: <<http://www.conservation.org/global/brasil/publicacoes/Pages/livros.aspx>> . Acesso em 09 ago. 2016.

CONSERVAÇÃO INTERNACIONAL (CI-BRASIL). **Hotspots Revisitados: As Regiões Biologicamente Mais Ricas e Ameaçadas do Planeta**. 2005. 16p. Disponível em: <<http://www.conservation.org/global/brasil/publicacoes/Pages/livros.aspx>> . Acesso em 09 ago. 2016.

COSTA, G.; SILVA, P.S. Tratamento bioenergético: estudo etnofarmacológico de plantas medicinais da Pastoral da Saúde alternativa de Cotriguaçu, MT. **Biodiversidade**, v.13, n.1, p. 115-124, 2014.

DE DAVID, M.; PASA, M. C. O saber popular e as plantas medicinais em Várzea Grande, MT, Brasil. **Flovet**, n. 5, p. 32-50, 2013.

DE DAVID, M. **Foto-grafias etnobotânicas nos quintais urbanos de Várzea Grande. Mato Grosso, Brasil**. Cuiabá-MT: Carlini & Caniato Editorial, 2015. 79 p.

DE DAVID, M.; PASA, M.C. As plantas medicinais e a etnobotânica em Várzea Grande, MT, Brasil. **Interações**, Campo Grande, v. 16, n. 1, p. 97-108, jan.- jun. 2015.

DIAS, J.E.; LAUREANO, L.C. (Coord.). **Farmacopéia popular do Cerrado**. 1. ed. Goiás: Articulação Pacari (Associação Pacari), 2010. 352 p.

ELDIN, S., DUNFORD, A. **Fitoterapia na atenção primária à saúde**. Barueri: Editora Manole, 2001.

ELIZABETSKY, E. Etnofarmacologia. **Ciência e Cultura**. São Paulo, v. 55, n. 3, p. 35-36, jul.- set. 2003.

FACHIM, E.; GUARIM, V.L.M.S. Conservação da biodiversidade: espécies da flora de Mato Grosso. **Acta bot. bras.** v. 9, n. 2, p. 281-287, 1995.

FÁVERO, O.A.; PAVAN, S. **Botânica econômica**. Catálise Editora, 1997. 175p.

FELFILI, J. M.; et al. **Fitossociologia no Brasil**: métodos e estudos de caso. Viçosa, MG: Ed. UFV, 2011.

FERREIRA, E.A. et al. Adubação fosfatada e potássica na formação de mudas de tamarindeiro. **Scientia Agraria**, v.9, n.4, p.475-480, 2008. Acesso em: 12 maio 2014.

FIEBIG, G.A.; PASA, M.C. A Etnobotânica na Comunidade Passagem da Conceição em Várzea Grande, Mato Grosso, Brasil. **Biodiversidade**, v.15, n.2, p.101-123, 2016.

**Flora do Brasil 2020 em construção**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/>>. Acesso em: 15 abr. 2016.

FONSECA, G. **Os 17 países da megadiversidade**. Ed. Tricontinental, 33. ed., mar./abr. 1998. Disponível em: <<http://www.eco21.com.br/edicoes/edicoes.asp?edi%E7%E3o=33>>. Acesso em 09 ago 2016.

FRIEDMAN, J. A preliminary classification of the healing potential of medicinal plants, based on a rational analysis of ethnopharmacology field survey among bedouins in the Negev desert, Israel. **Journal of Ethnopharmacology**. v. 16, n. 2-3, p. 275-287, 1986.

GONÇALVES, K.G.; PASA, M.C. A etnobotânica e as plantas medicinais na Comunidade Sucuri, Cuiabá, MT, Brasil. **Interações**, Campo Grande, v. 16, n. 2, p. 245-256, jul.- dez. 2015.

GUARIM NETO, G. Plantas do Brasil – Angiospermas do estado de Mato Grosso – Pantanal. **Acta bot. bras.** v. 5, n. 1, p. 25-47, 1991.

GUARIM NETO, G. O Saber tradicional pantaneiro: as plantas medicinais e a educação ambiental. **Revista eletrônica**. v.17, p. 71-89, jul.- dez. 2006.

GUARIM NETO, G.; GUARIN, V.L.M.S; FERREIRA, H. Recursos vegetais e conhecimento botânico tradicional: uma sinopse etnobotânica no cerrado de Nobres, Mato Grosso, Brasil. In: PASA, M.C. (Org). **Múltiplos olhares sobre a biodiversidade II**. Jundiaí, Paco Editorial: 2013. p. 139-152.

HORÁK, M. Introducción. In: HORÁK, M. (Ed.). **Etnobotánica y Fitoterapia en América**. 1. ed. Brno, República Checa: Universidad de Mendel en Brno, 2015. p. 15-24.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Reserva Ecológica do IBGE**: Ambiente e plantas vasculares. Rio de Janeiro: IBGE, 2004. 73p.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATISTICA (IBGE). Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 22 abr. 2016; 28 jun. 2016.

INSTITUTO NACIONAL DE METEOROLOGIA (INMET). **Normal Climatológica do Brasil 1961-1990**. Brasília: Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, 1996. Disponível em: <<http://www.inmet.gov.br/portal/index.php?r=clima/normaisclimatologicas>>. Acesso em: 22 abr. 2016.

LARAIA, R. B. **Cultura**: um conceito Antropológico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1986. 116p.

LEMONS, H.L.; PINTO, J.R.R.; MEWS, H.A.; LENZA, E. Structure and floristic relationships between Cerrado sensu stricto sites on two types of substrate in northern Cerrado, Brazil. **Biota Neotropica**, v. 13, n. 4, p. 121-132, 2013.

MACIEL, M.A.M.; PINTO, A.C.; VEIGA JUNIOR, V.F.; GRYNBERG, N.F.; ECHEVARRIA, A. Plantas medicinais: a necessidade de estudos multidisciplinares. **Quim. Nova**, v. 25, n. 3, p. 429-438, 2002.

MACIEL, M.; GUARIM NETO, G. Um olhar sobre as benzedeadas de Juruena (Mato Grosso, Brasil) e as plantas usadas para benzer e curar. **Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi**. Cienc. Hum., Belém, v. 2, n. 3, p. 61-77, set-dez. 2006.

MAGALHÃES, C.M. Na rota dos caminhos da estrada real e dos tropeiros. **Cadernos de Pesquisa do CDHIS**, n. 36/37, ano 20, p. 111-117, 2007.

MAITELLI, G.T.; CHILETTO, E.C.; ALMEIDA JUNIOR, N.L.A.; CHILETTO, R. Intensidade da ilha de calor em Cuiabá/MT, na estação chuvosa. In: **Congressos Brasileiros de Meteorologia 1980-2006**. Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento – SBMET, Anais... Disponível em: <<http://www.cbmet.com>>. Acesso em: 10 fev. 2017.

MALDONADO-KOERDELL, M. Estudios etnobiológicos. I definición, relaciones y métodos de la etnobiología. In: BARRERA, A. (Ed.). **La etnobotánica**: tres puntos de vista e una perspectiva. Chapingo, México: INIREB, 1979 (Sexta reimpressão, 2001). p. 2-4.

MAMEDE, J.S.S.M.; DE DAVID, M.; TSUKAMOTO FILHO, A.A.; PASA, M.C. Os Quintais E As Manifestações Culturais Da Comunidade São Gonçalo Beira Rio, Cuiabá – MT. **Biodiversidade**, v.14, n.1, p.168-182, 2015.

MANZINI, E.J. Entrevista Semi-estruturada: análise de objetivos e de roteiros. In: **Seminário Internacional de Pesquisa e Estudos Qualitativos**, 2, 2004, Bauru. Disponível em: <http://www.sepq.org.br/Isipeq/anais/index.htm>. Acesso em: 21/06/2016

MATO GROSSO, Secretaria de Estado do Meio Ambiente; SEMA, Superintendência de Regularização e Monitoramento Ambiental. **Relatório de Monitoramento da Qualidade da Água da Região Hidrográfica do Paraguai – 2012-2014**. (Org.) FIGUEIREDO, S.B. et al. - Cuiabá: SEMA/MT; SRMA, 2016. 147p.

MEIHY, J.C.S.B. **Manual de História Oral**. 2. ed. São Paulo, Loyola, 1998. 86 p.

MINAYO, M.C.S. (org.). **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade**. 28. ed. Petrópolis: Vozes, 1994. 109 p.

MINAYO, M.C.S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 10. ed. São Paulo: Hucitec, 2007.

MOBOT. **Missouri Botanical Garden**. Disponível em: <<http://www.tropicos.org>>. Acesso em: 20 mai. 2015.

MONTEITO, U. **Várzea Grande Passado e Presente**: Confrontos 1867-1987. Cuiabá: Policroma Editora Grafica Ltda, 19[??].

NAIR, P.K.R. Homegardens. In: NAIR, P.K.R. **An introduction to agroforestry**. Dordrecht / Boston / London: Kluwer Academic Publishers, 1993. p. 85-98.

NIEHUES, J.; BONETTI, P.; SOUZA, M.R. de; MAIA, A.L.; PIOVEZAN, A.P.; PETERS, R.R. Levantamento etnofarmacológico e identificação botânica de plantas medicinais em comunidades assistidas por um serviço de saúde. **Arquivos Catarinenses de Medicina**, v. 40, n. 1, p. 34-39, 2011.

ODUM, E.P. **Ecologia**. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara Koogan S.A., 1988. 434 p.

OLIVEIRA, F.C.; ALBUQUERQUE, U.P.; FONSECA-KRUEL, V.S.; HANAZAKI, N. Avanços nas pesquisas etnobotânicas no Brasil. **Acta bot. bras.** v. 23, n. 2, p. 590-605, 2009.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE - OMS. CID - 10. **Classificação estatística Internacional de doenças e problemas relacionados à saúde**. 10.ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000. 354 p.

PASA, M.C.; SOARES, J.J.; GUARIM NETO, G. Estudo etnobotânico na comunidade Conceição-Açú (alto da bacia do rio Aricá-Açú, MT, Brasil). **Acta bot. bras.** v. 19, n. 2, p. 195-207, 2005.

PASA, M. C. **Um olhar etnobotânico sobre as comunidades do Bambá, Cuiabá, MT**. Ed. Entrelinhas, Cuiabá, MT. 176 p. 2007.

PASA, M.C.; ÁVILA, G. Ribeirinhos e recursos vegetais: a etnobotânica em Rondonópolis, Mato Grosso, Brasil. **Interações**, Campo Grande, MS, v. 11, n. 2, p. 195-204, jul.- dez. 2010.

PASA, M.C. Saber local e medicina popular: a etnobotânica em Cuiabá, Mato Grosso, Brasil. **Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi.** Cienc. Hum., Belém, v. 6, n. 1, p.179-196, jan.- abr. 2011a.

PASA, M.C. Abordagem etnobotânica na Comunidade de Conceição-Açu. Mato Grosso, Brasil. **Polibotânica**, n. 31, p. 169-197, mar. 2011b.

PASA, M.C.; DAVID, M.; SÁNCHEZ, D.C.M. *Copaifera langsdorffii* Desf: Aspectos Ecológicos e Silviculturais na Comunidade Santa Teresa. Cuiabá, MT, Brasil. **Biodiversidade**, v. 11, n. 1, p. 13-22, 2012.

PASA, M.C.; DE DAVID, M.; MAMEDE, J.S.S; SANCHEZ, D.C.M.; BATISTA, B.M.F.; DIAS, G.S. Abordagem quali-quantitativa em etnobotânica. In: PASA, M.C. (Org). **Múltiplos olhares sobre a biodiversidade II.** Jundiá, Paco Editorial: 2013. p. 215-224.

PEYRE, A.; GUIDAL, A.; WIERSUM, K.F.; BONGERS, F. Homegarden dynamics in Kerala, India. In: KUMAR, B.M.; NAIR, P.K.R. (Orgs.). **Tropical homegardens: a timetested example of sustainable agroforestry.** Dordrecht: Springer Science, 2006. v. 3. p.87-182.

PEREIRA, B.A.S.; SILVA, M.A. Flora fanerogâmica da Reserva Ecológica do IBGE. In: RIBEIRO, M.L. (Org.). **Reserva ecológica do IBGE: Biodiversidade terrestre.** Rio de Janeiro: IBGE, 2011. p. 23-37.

PERONI, N., ARAUJO, H. F. P.; HANAZAKI, N. Métodos ecológicos na investigação etnobotânica e etnobiológica: o uso de medidas de diversidade e estimadores de riqueza. In: ALBUQUERQUE, U.; et al. (org). **Métodos e técnicas na pesquisa etnobiológica e etnoecológica.** Recife-PE: NUPPEA, 2010.

PHILLIPS, O.L.B.; GENTRY, A.H. 1993. The useful plants of Tambopata, Peru: II. Additional hypothesis testing in quantitative ethnobotany. **Economic Botany**, v.47, 1993, p.33-43.

PIRES, W. **Passagem da Conceição: 200 anos de história, religiosidade e tradição.** 2013. Disponível em: <<http://www.varzeagrande.mt.gov.br/conteudo/12006>>. Acesso em: 23 jun. 2016.

RIBEIRO, J.F. (ed.). **Cerrado: matas de galeria.** Planaltina: Embrapa – CPAC. 164 p. 1998.

RICKLEFS, R.E. **A Economia da Natureza.** 5. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003. 503 p.

ROCHA, J.A.; BOSCOLO, O.H.; FERNANDES, L.R.R.M.V. Etnobotânica: um instrumento para valorização e identificação de potenciais de proteção do conhecimento tradicional. **Interações**, Campo Grande, v. 16, n. 1, p. 67-74, jan.- jun. 2015.

RODRIGUES, R.R.; LEITÃO FILHO, H.F. **Matas Ciliares**. Conservação e Recuperação. São Paulo. EDUSP. 320 p. 2000.

SAMPAIO, M.S.; ALVES, M.C., CARVALHO, L.G.; SANCHES, L. Uso de Sistema de Informação Geográfica para comparar a classificação climática de Koppen-Geiger e de Thornthwaite. **Anais XV Simpósio Brasileiro de Sensoriamento Remoto - SBSR**, Curitiba, PR, Brasil, 30 de abril a 05 de maio de 2011, INPE p.8857-8864.

SAWYER, D. et al. **Perfil do Ecossistema**: Hotspot de Biodiversidade do Cerrado. 2016. 495p.

SCRENCI-RIBEIRO, R.; GUARIM NETO, G.; PASA, M.C. Passagem da Conceição: uma comunidade ribeirinha em movimento em espaço mato-grossense tradicional. **Revista Biodiversidade**, v. 10, n. 1, p. 110-125. 2011

SCRENCI-RIBEIRO, R.; GUARIM NETO, G. **Quintais da Comunidade Passagem da Conceição (Várzea Grande, MT)**: conhecimento ecológico Tradicional dos recursos vegetais utilizados pela comunidade ribeirinha. Saarbrücken: Novas Edições Acadêmicas, 2014. 133p.

SILVA, R.A.L. et al. Cultivo de tamarindo sob malhas coloridas: plasticidade anatômica foliar. **Ciência Rural**, Santa Maria, v.45, n.2, p.238-244, fev, 2015.

SOUSA, D.M.M. et al. Caracterização morfológica de frutos e sementes e desenvolvimento pós-seminal de *Tamarindus indica* L. – Leguminosae: Caesalpinioideae. **Revista Árvore**, v.34, n.6, p.1009-1015, 2010.

SURALKAR, A.A. et al. Evaluation of anti-inflammatory and analgesic activities of *Tamarindus indica* seeds. **Intern. Journal of Pharmaceutical Sciences and Drug Research**, v.4, n.3, p.213- 217, 2012.

TORRES, D.F.; OLIVEIRA, E.S.; ALVES, R.R.N.; VASCONCELLOS, A. Etnobotânica e etnozootologia em unidades de conservação: uso da biodiversidade na APA de Genipabu, Rio Grande do Norte, Brasil. **Interciência**, v. 34, n. 9, p. 623-629, set. 2009.

VEIGA JUNIOR, V.F.; PINTO, A.C. Plantas medicinais: cura segura? **Química Nova**, v. 28, n. 3, p. 519-28, 2005.

VEIGA JUNIOR, V.F. Estudo do consumo de plantas medicinais na Região Centro-Norte do Estado do Rio de Janeiro: aceitação pelos profissionais de saúde e modo de uso pela população. **Revista Brasileira de Farmacognosia**, v. 18, n. 2. p. 308-313, abr.- jun, 2008.

VEIGA JUNIOR, V.F.; MELLO, J.C.P. As monografias sobre plantas medicinais. **Revista Brasileira de Farmacognosia**, v. 18, n. 3, p. 464-471, 2008.

YEPES, S. Introducción a la etnobotánica colombiana. **Publicación de la Sociedad Colombiana de Etnología**, v. 1, p. 1-48, 1953.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). **Regulatory situation of herbal medicines**. World Health Organization: Geneva, 1998.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). **General guidelines for methodologies on research and evolution of traditional medicine**. World Health Organization: Geneva, 2005.

XOLOCOTZI, E.H. El concepto de etnobotánica. In: BARRERA, A. (Ed.). **La etnobotánica: tres puntos de vista e una perspectiva**. Chapingo, México: INIREB, 1979 (Sexta reimpresión, 2001). p. 5-8.

## APÊNDICES

### APÊNDICE 1

#### Entrevista: Moradores

##### Dados do entrevistado

1. Nome: \_\_\_\_\_
2. Endereço: \_\_\_\_\_
3. Sexo: ( ) feminino ( ) masculino
4. Idade: \_\_\_\_\_
5. Possui filhos? ( ) sim ( ) não 6. Quantos? \_\_\_\_\_
6. Estado de origem: \_\_\_\_\_
7. Religião: \_\_\_\_\_
8. Estado civil: ( ) solteiro ( ) casado ( ) viúvo ( ) separado ( ) outro
9. Grau de instrução: ( ) ensino fundamental ( ) ensino médio  
( ) superior ( ) pós-graduação  
( ) \_\_\_\_\_ incompleto
10. Renda mensal: ( ) um salário mínimo  
( ) dois salários mínimos  
( ) mais de dois salários mínimos
11. Há quanto tempo reside no local? \_\_\_\_\_
12. Você conhece a história de origem do bairro? ( ) sim ( ) não
13. Quais são as festas importantes no bairro? \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_
14. Número de pessoas na família: \_\_\_\_\_ Que moram na casa: \_\_\_\_\_  
Que não moram na casa: \_\_\_\_\_
15. Que atividade exerce atualmente? \_\_\_\_\_
16. Em caso de doença na família, onde recebe tratamento?  
( ) no posto médico ou hospital  
( ) vai para outra cidade (qual)? \_\_\_\_\_  
( ) faz tratamento com remédios naturais  
( ) não faz nada
17. Quais as doenças mais comuns na família?





## APÊNDICE 2

### Entrevista: Bares e Restaurantes

#### Dados gerais do proprietário

1. Nome: \_\_\_\_\_
2. Endereço: \_\_\_\_\_
3. Sexo:  feminino  masculino
4. Idade: \_\_\_\_\_
5. Estado de origem: \_\_\_\_\_
6. Religião: \_\_\_\_\_
7. Estado civil:  solteiro  casado  viúvo  
 separado  outro
8. Grau de instrução:  ensino fundamental  ensino médio  
 superior  pós-graduação  
 \_\_\_\_\_ incompleto
9. Mora na comunidade? Há quanto tempo? \_\_\_\_\_
10. Há quanto tempo possui o negócio? \_\_\_\_\_
11. Você conhece a história de origem da comunidade?  sim  não

#### Dados do imóvel

12. Forma de apropriação do estabelecimento:  proprietário  
 aluguel  
 outro
13. Documento que possui: \_\_\_\_\_
14. Dimensão do imóvel: \_\_\_\_\_
15. Área construída: \_\_\_\_\_
16. Possui quintal?  sim  não
17. Área de quintal: \_\_\_\_\_
18. Localização do quintal:  fundos  ao lado  
 na frente  outro local

#### Dados do bar/ restaurante

19. Quantos funcionários e qual a função de cada um? São da comunidade ou da cidade? \_\_\_\_\_
20. Recebe clientes da comunidade?  sim  não
21. E da cidade?  sim  não

22. Já recebeu estrangeiros? ( ) sim ( ) não
23. Qual o perfil dos clientes? (casados, solteiros, com crianças, vão para comer ou apenas beber...) \_\_\_\_\_
24. Quais são as festas importantes no bairro? \_\_\_\_\_
25. O seu estabelecimento participa de alguma festa típica da comunidade? De que forma? \_\_\_\_\_
26. O que serve de bebida? \_\_\_\_\_
27. Tem bebida caseira com alguma planta ou animal? \_\_\_\_\_
28. O que serve de comida? \_\_\_\_\_
29. Tem pratos com caça ou pescado? É comprado ou retirado da própria comunidade? De rio ou de tamque? \_\_\_\_\_
30. Quem caça ou pesca? Onde? \_\_\_\_\_
31. Usa tempero industrial? Quais? \_\_\_\_\_
32. E temperos naturais? Quais? \_\_\_\_\_
33. Quais os tipos de saladas servidas? \_\_\_\_\_
34. Compra algum produto da comunidade? Quais e onde? \_\_\_\_\_

### Dados do quintal

35. Tem horta própria? ( ) sim ( ) não
36. Há quanto tempo? \_\_\_\_\_
37. O que é cultivado? \_\_\_\_\_
38. Tem roça no quintal? ( ) sim ( ) não
39. Há quanto tempo? \_\_\_\_\_
40. O que é cultivado? \_\_\_\_\_
41. Quais outros tipos de cultivos possui na propriedade? \_\_\_\_\_
42. Quais as plantas remanescentes da vegetação natural no quintal?  
\_\_\_\_\_
43. Alguma planta nasceu espontaneamente? Quais? \_\_\_\_\_
44. Como planta? (Conhecimento empregado): \_\_\_\_\_
45. Com quem aprendeu a plantar? \_\_\_\_\_
46. Quem cuida do quintal? \_\_\_\_\_
47. Quanto tempo gasta diariamente cuidando do quintal? \_\_\_\_\_
48. Qual época do ano tem mais trabalho com o quintal? ( ) na chuva  
( ) na seca
49. O que faz com as folhas e restos de capinas do quintal?  
( ) queima ( ) joga no lixo ( ) faz adubo (composto) ( ) outro
50. Caso faça composto, explicar como. \_\_\_\_\_
51. Compra algum insumo para usar no quintal? Qual? ( ) sim ( ) não  
\_\_\_\_\_
52. Cria animais? ( ) sim ( ) não
53. Quais e quantos? \_\_\_\_\_
54. Instalações: ( ) cercado ( ) solto



## APÊNDICE 3

### Entrevista: Escola

#### Dados gerais da diretora

1. Nome: \_\_\_\_\_
2. Endereço: \_\_\_\_\_
3. Sexo: ( ) feminino ( ) masculino
4. Idade: \_\_\_\_\_
5. Estado de origem: \_\_\_\_\_
6. Religião: \_\_\_\_\_
7. Estado civil: ( ) solteiro ( ) casado ( ) viúvo  
1. ( ) separado ( ) outro
8. Grau de instrução: ( ) ensino fundamental ( ) ensino médio  
a. ( ) superior ( ) pós-graduação  
b. ( ) \_\_\_\_\_ incompleto
9. Mora na comunidade? Há quanto tempo? \_\_\_\_\_
10. Há quanto tempo é diretora? \_\_\_\_\_
11. Você conhece a história de origem da comunidade? ( ) sim ( ) não

#### 12. Dados da escola

13. Nome da escola: \_\_\_\_\_
14. Quando foi fundada? \_\_\_\_\_
15. Dimensão do terreno da escola: \_\_\_\_\_
16. Área construída: \_\_\_\_\_
17. Possui quintal? ( ) sim ( ) não
18. Área de quintal: \_\_\_\_\_
19. Localização do quintal: ( ) fundos ( ) ao lado  
( ) na frente ( ) outro local
20. Quantos funcionários e qual a função de cada um? São da comunidade ou da cidade? \_\_\_\_\_
21. Recebe alunos da comunidade? ( ) sim ( ) não
22. E da cidade? ( ) sim ( ) não
23. Quais as séries que a escola oferece? \_\_\_\_\_
24. A escola tem cantina e/ou merenda? \_\_\_\_\_

25. O que é servido na cantina? \_\_\_\_\_
26. O que é servido de merenda? \_\_\_\_\_
27. Compra algum produto para a merenda da comunidade? Quais e onde? \_\_\_\_\_
28. Quais são as festas importantes na comunidade? \_\_\_\_\_
29. A escola participa de alguma festa típica da comunidade? De que forma? \_\_\_\_\_

### **Dados do quintal**

30. Tem horta própria? ( ) sim ( ) não
31. Há quanto tempo? \_\_\_\_\_
32. O que é cultivado? \_\_\_\_\_
33. Tem roça no quintal? ( ) sim ( ) não
34. Há quanto tempo? \_\_\_\_\_
35. O que é cultivado? \_\_\_\_\_
36. Quais outros tipos de cultivos possui na escola? \_\_\_\_\_
37. Quais as plantas remanescentes da vegetação nativa no quintal?  
\_\_\_\_\_
38. Alguma planta nasceu espontaneamente? Quais? \_\_\_\_\_
39. Quem cuida do quintal? \_\_\_\_\_
40. Quanto tempo gasta diariamente cuidando do quintal? \_\_\_\_\_
41. Qual época do ano tem mais trabalho com o quintal? ( ) na chuva  
( ) na seca
42. O que faz com as folhas e restos de capinas do quintal?  
( ) queima ( ) joga no lixo ( ) faz adubo (composto) ( ) outro
43. Caso faça composto, explicar como. \_\_\_\_\_
44. Compra algum insumo para usar no quintal? Qual? ( ) sim ( ) não  
\_\_\_\_\_
45. Qual é a importância do quintal para a formação dos alunos?  
\_\_\_\_\_

### **Dados sobre as atividades realizadas na mata**

46. Na escola possui matas? ( ) sim ( ) não
47. Você já tirou/tira produtos da mata para a escola? ( ) sim ( ) não
48. Quais as plantas, por quê e para que? \_\_\_\_\_
49. Qual é a importância da mata para a formação dos alunos?  
\_\_\_\_\_

**Termo de Anuência Prévia (TAP)**

Eu .....portadora da carteira de Identidade nº ..... e do CPF nº ..... venho, através do presente documento, oficializar o termo de aceitação para participar de livre e espontânea vontade e com registro fotográfico pessoal, como integrante da Pesquisa **As plantas, o povo e a cultura na Passagem da Conceição. Mato Grosso - Brasil**, coordenada pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Corette Pasa do Departamento de Botânica e Ecologia do Instituto de Biociências da Universidade Federal de Mato Grosso – SIAPE 416548 e integrantes do Grupo de Pesquisa ESCER – Estudando o Cerrado com certificação do CNPq e pela Mestranda Gabriela de Ávila Fiebig do PPG em Ciências Florestais e Ambientais da Universidade Federal do Mato Grosso, campus de Cuiabá-MT.

.....  
Assinatura da(o) participante

Cuiabá, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 201\_\_.